

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RAFAEL GONÇALVES QUEIROZ

**TEORIA DO DESIGN INTELIGENTE E ARGUMENTO DO DESÍGNIO: DUAS
DENOMINAÇÕES, UM ENREDO**

Uberlândia

2023

RAFAEL GONÇALVES QUEIROZ

**TEORIA DO DESIGN INTELIGENTE E ARGUMENTO DO DESÍGNIO: DUAS
DENOMINAÇÕES, UM ENREDO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPFGED/UFU), como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Educação.

Linha de pesquisa: História e Historiografia da Educação

Orientador: Prof. Dr. Selmo Haroldo de Resende.

**Uberlândia
2023**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Q3 Queiroz, Rafael Gonçalves, 1989-
2023 Teoria do Design Inteligente e Argumento do Desígnio
[recurso eletrônico] : duas denominações, um enredo /
Rafael Gonçalves Queiroz. - 2023.

Orientador: Selmo Haroldo de Resende.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.391>
Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Resende, Selmo Haroldo de, 1967-
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação			
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 25/2023/368, PPGED			
Data:	Dez de agosto de dois mil e vinte e três	Hora de início:	14:40	Hora de encerramento:
Matrícula do Discente:	11913EDU040			
Nome do Discente:	RAFAEL GONÇALVES QUEIROZ			
Título do Trabalho:	"TEORIA DO DESIGN INTELIGENTE E ARGUMENTO DO DESIGNIO: DUAS DENOMINAÇÕES, UM ENREDO"			
Área de concentração:	Educação			
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"AS ARTES DE GOVERNAR NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT"			

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 1G129, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Geraldo Gonçalves de Lima - IFTM; Manoel Messias de Oliveira - UFCAT; Marcos César Seneda - UFU; Marcelo Lapuente Mahl - UFU e Selmo Haroldo de Resende - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Selmo Haroldo de Resende, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Selmo Haroldo de Resende, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/08/2023, às 13:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Geraldo Gonçalves de Lima, Usuário Externo**, em 17/08/2023, às 09:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Lapuente Mahl, Membro de Comissão**, em 18/08/2023, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Manoel Messias de Oliveira, Usuário Externo**, em 18/08/2023, às 10:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Cesar Seneda, Professor(a) do Magistério Superior**, em 18/08/2023, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4724228** e o código CRC **F948E769**.

Dedico este trabalho aos que não tem a oportunidade de prosseguir com seus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

À Deus.

À Universidade Federal de Uberlândia.

À FACED, aos professores e funcionários.

Aos professores, Silvia Regina Groto e Humberto Aparecido de Oliveira Guido, que fizeram parte da banca de exame de qualificação desta tese.

Aos professores Marcelo Lapuente Mahl, Manoel Messias de Oliveira e Geraldo Gonçalves de Lima por aceitarem fazer parte da banca de avaliação deste trabalho

Ao professor Marcos César Seneda que aceitou participar da banca avaliadora e por ter me orientado na graduação e no mestrado em Filosofia.

Ao professor Selmo Haroldo de Resende que aceitou me orientar nesta pesquisa. Mesmo durante os inúmeros percalços pessoais que tive, sempre foi generoso principalmente em momentos tão difíceis como os que todos vivemos durante a pandemia da COVID-19.

À minha família. Amo vocês!

Aos meus amigos.

A todos que contribuíram para que eu estivesse aqui hoje.

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma investigação a respeito de duas proposições, a Teoria do Design Inteligente (TDI) e o Argumento do Desígnio (AD), tendo como objetivo principal comparar as semelhanças e as diferenças existentes entre o AD e a TDI demonstrando que a TDI seria mais uma das formas da teologia natural, ou a utilização de argumentos teológicos trajados de ciência. Tanto a TDI quanto o AD afirmam que é possível perceber o *Designer*, ou uma mente inteligente a partir da observação de alguns elementos. A ordem no mundo, ou na natureza, ou em criações ou criaturas complexas como o corpo humano, os olhos, ou na própria estrutura celular, esses exemplos são complexos e após observação e análise, tanto da TDI quanto do AD só poderiam ser planejados por uma mente inteligente. No primeiro capítulo apresentamos o surgimento do criacionismo organizado, suas principais estratégias e eventos para impedir o ensino da teoria da evolução biológica nas escolas. No segundo capítulo apresentamos o surgimento da TDI, suas estratégias para seu ensino em todo o mundo, seus principais teóricos, sua conexão com o criacionismo organizado e sua presença no Brasil. No terceiro capítulo trabalhamos o AD, apresentando o mesmo como uma proposição da teologia natural e William Paley como um de seus principais defensores. Também expomos parte da teoria de David Hume que serve de referência teórica para refutação do AD. No quarto capítulo analisamos a TDI Brasil, como critérios de seleção, sede, os eventos promovidos por ela de 2017 a 2021, sua tentativa de inserção na educação e análise de discursos em defesa da TDI. Após esse percurso observamos que tanto a TDI quanto o AD defendem as mesmas proposições e seria impreciso considerar a TDI uma ciência, quando em comparação com o AD que é um argumento teológico, a TDI seria um argumento da teologia natural.

Palavras-chave: Teoria do Design Inteligente, Argumento do Desígnio, William Paley, Teologia Natural.

ABSTRACT

The present study is an investigation of two propositions, the Theory of Intelligent Design (TDI) and the Argument from Design (AD), with the main aim of comparing the similarities and differences between AD and TDI, demonstrating that TDI is yet another form of natural theology, or the use of theological arguments dressed up as science. Both TDI and AD claim that it is possible to perceive the Designer, or an intelligent mind from the observation of some elements. The order in the world, or in nature, or in complex creations or creatures such as the human body, the eyes, or in the cellular structure itself, these examples are complex and after observation and analysis, both TDI and AD could only be planned by an intelligent mind. In the first chapter we present the emergence of organized creationism, its main strategies and events to prevent the teaching of the theory of biological evolution in schools. In the second chapter we present the emergence of TDI, its strategies for its teaching around the world, its main theorists, its connection with organized creationism, and its presence in Brazil. In the third chapter we work on AD, presenting it as a proposition of natural theology and William Paley as one of its main defenders. We also present part of David Hume's theory, which serves as a theoretical reference for refuting AD. In the fourth chapter we analyze TDI Brazil, such as its selection criteria, headquarters, the events it promotes from 2017 to 2021, its attempt to insert itself into education and the analysis of discourses in defense of TDI. After this course we observed that both TDI and AD defend the same propositions and it would be inaccurate to consider TDI a science, when compared to AD which is a theological argument, TDI would be an argument of natural theology.

Key-words: Intelligent Design Theory, Argument from Design, William Paley, Natural Theology

Lista de tabelas e imagens

Quadro 1: Fases The Wedge	59
Quadro 2: Metas da Cunha	60
Quadro 3 – Eventos em Instituições de ensino superior	104
Quadro 4 – Eventos e participações em instituições religiosas	104
Quadro 5 - PhiDesign - Filosofia do Design	106
Imagen 1: Percepções	82

LISTA DE ABREVIACÕES

ABPC - Associação Brasileira de Pesquisa da Criação
ACLU - American Civil Liberties Union
AD - Argumento do Desígnio
AiG - Answers in Genesis
BAV (em turco) - Science Research Foundation
CRSC - Center for the Renewal of Science and Culture
CSF - Creation Science Foundation
CSM - Creation Science Movement
DI - Design Inteligente
DNR – Diálogos Sobre a Religião Natural
EHU – Investigação sobre o Entendimento Humano
EPM - Evolution Protest Movement
EUA – Estados Unidos da América
ICR - Institute for Creation Research
IES – Instituição de Ensino Superior
NCSE - National Center for Science Education
SBDI - Sociedade Brasileira do Design Inteligente
SCB - Sociedade Criacionista Brasileira
TDI - Teoria do Design Inteligente.
TMLC - Thomas More Law Center
Unicamp - Universidade estadual de Campinas
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CRIACIONISMO CIENTÍFICO.....	18
2.1 Criacionismo e a geologia do dilúvio.....	18
2.2 O movimento Criacionista organizado	21
2.3 A fundação do Creation Research Society	24
2.4 A ciência do criacionismo	27
2.5 Fundamentalismo	28
2.6 O antievolucionismo nos EUA: Butler Act e o Caso Scopes	34
3 DI: TEORIA E MOVIMENTO	39
3.1 O surgimento do movimento do Design.....	39
3.2 O que a Teoria do Design Inteligente defende?	46
3.2.1 Complexidade irredutível de Michael Behe	50
3.2.2 Complexidade especificada de William Dembski.....	53
3.3 <i>The Wedge</i> (A Cunha)	55
3.4 O caso Dover e outros processos	61
3.5 O movimento Criacionista e o Design Inteligente pelo mundo.....	66
3.6 A Teoria do Design Inteligente no Brasil.....	71
3.6.1 Antievidência genial de Marcos Eberlin	74
4 ARGUMENTO DO DESÍGNIO	78
4.1 Argumento do desígnio nos Diálogos	78
4.2 Teoria empirista de David Hume	81
4.3 Proposições do AD	86
4.4 Teologia Natural	91
4.5 William Palay	93
5 A TDI BRASIL DE 2017 A 2021	98
5.1 TDI Brasil: Sede, critérios de seleção e relação com a educação	98
5.1.1 A sede e a inauguração do Discovery-Mackenzie	98
5.1.2 Como a TDI Brasil se vê e tenta se projetar inicialmente?	99
5.1.3 Critérios de seleção e relação com a educação	102
5.2 Os discursos de Marcos Eberlin em defesa da TDI	107
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
Referências:	123
Anexo.....	131

1 - INTRODUÇÃO

Desde a adolescência manifestei o interesse em estudar a história das igrejas e das religiões, acredito que por ser de uma igreja protestante, e ler muitos livros sobre igrejas cristãs e religiões, acebei me interessando pelo tema. Esse interesse permaneceu em minha graduação em Filosofia, onde escrevi um TCC sobre os movimentos monoteístas e politeístas, baseados no livro “A história natural da religião” do filósofo David Hume. No curso de mestrado, continuei estudando filosofia da religião, tendo o Argumento do Desígnio (AD) como objeto de pesquisa. O recorte teórico principal para dissertação do mestrado foi o livro “Diálogos sobre a religião natural” também de David Hume. O AD defende que a vida e o universo foram originados por um projeto (um design) e existe um projetista (um designer), um arquiteto, uma mente inteligente por trás de toda existência.

Ainda no período de graduação em Filosofia, tomamos conhecimento, pela primeira vez, no ano de 2014, sobre a Teoria do Design Inteligente. Em 2015 houve o primeiro congresso da Teoria do Design Inteligente (TDI) no Brasil. Em 2016 e 2017, durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, nos deparamos com um pouco mais de informações acerca da TDI, como o julgamento do distrito de Dover, que envolveu a doação do livro *Of Pandas and People*, o qual ensinava criacionismo nas aulas de ciências no distrito de Dover, na Pensilvânia. Desse julgamento, surgiram artigos informativos na web e foi produzido um documentário, mas o ponto principal, o que nos motivou a iniciar esta pesquisa de doutorado foram as similaridades entre o AD e a TDI. A diferença entre os dois está, principalmente, na forma como são apresentados, pois enquanto o AD se autodeclara como um argumento da teologia natural, a TDI busca reconhecimento científico para ser ensinada como teoria alternativa à evolução biológica nas aulas de ciências.

Em 14/10/2019¹, só encontramos duas pesquisas de pós-graduação *stricto sensu* em universidades brasileiras relacionadas à TDI; uma delas, a tese intitulada *O debate evolução versus Design Inteligente e o ensino da evolução biológica: contribuições da epistemologia de Ludwik Fleck*, de Sílvia Regina Groto, tese vinculada à área da educação, e a segunda pesquisa encontrada foi a dissertação de mestrado de Lucas Braga, *Entre a fé e a ciência: uma análise sobre a Teoria do Design Inteligente*, vinculada à área da Antropologia Social. Ambos os trabalhos foram defendidos no ano de 2016, por esse motivo, utilizamos estas duas pesquisas, aliadas a outros autores como referenciais teóricos no desenvolvimento desta tese, uma vez que essas duas pesquisas possuem elementos muito ricos na investigação da TDI no

¹ Busca realizada em sites buscadores, como o Google Acadêmico e catálogo de teses e dissertações da CAPES: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>

Brasil, pois os autores participaram de alguns eventos da TDI; além disso, outros autores possuem uma detalhada pesquisa sobre o tema. Para além destas pesquisas, utilizamos também autores especializados nessa temática, como Numbers (2006), Scott (2009), David Hume, William Paley (2006) e McGrath (2005), e documentos relacionados à TDI.

A TDI busca ganhar espaço nas ciências e propor respostas alternativas à teorias já consolidadas. Algumas pesquisas, como as de Numbers (2006), Scott (2009) e Groto (2016), já enquadram a TDI como religião, criacionismo ou pseudociência, o que não implica erro, mas não realizam a comparação entre a TDI e o AD. O problema ainda permanece em definir: o que é a TDI? Nossa pesquisa possui um ponto de vista mais específico na definição da TDI, e entendemos que o problema permanece quando a TDI não se reconhece como um argumento teológico. Nossa tese propõe que a TDI é um argumento teológico, da mesma forma que o AD, porém, apresentados de formas diferentes.

A explicação para a origem da vida e do universo em determinado momento chegou numa bifurcação. As ciências naturais continuaram por um caminho, já a teologia natural continuou por outro, mas agora determinado grupo de pessoas² tentam apresentá-la como uma nova teoria científica. Beleza, perfeição, ordem e complexidade são elementos procurados na natureza para encontrar a manifestação de Deus (ou de uma mente inteligente), na teologia natural ou AD, e agora, são elementos utilizados para encontrar a manifestação de uma mente inteligente, de um *designer*, na TDI.

Apresentados esses elementos o objetivo geral desta pesquisa é comparar as semelhanças e as diferenças existentes entre o AD e a TDI demonstrando que a TDI seria mais uma das formas da teologia natural, ou a utilização de argumentos teológicos trajados de ciência. Como objetivos específicos buscamos apresentar o surgimento do criacionismo organizado culminando na TDI. Apresentar o AD e a teologia natural. Analisar os fundamentos teóricos do AD e da TDI, bem como seus discursos. Evidenciar os possíveis resultados da comparação entre o AD e a TDI.

² Dentro da área de conhecimento da teologia existem pesquisas acadêmicas com temas diversos. Quando se trata da teologia natural, existem vários textos que defendem a existência de uma mente inteligente que é percebido pelos mesmos argumentos que o AD ou a TDI, a diferença é que nesses textos ou pesquisas não existe a intenção ou a proposição de estabelecer uma nova teoria científica. É importante frisar o AD ou a continuação da explicação da origem da vida e do universo dentro do campo da teologia continuou sem que seus estudiosos tentassem ensinar seu conteúdo nas aulas de ciências ou até mesmo transformar o AD em teoria científica nos moldes da TDI. Os programas de pós-graduação nas áreas da teologia ou ciências da religião também são reconhecidos pela CAPES por produzir pesquisas de relevância social. A desonestade intelectual de alguns não interfere na produção de conhecimento daqueles que buscam realizar pesquisas sérias.

David Hume no livro *Diálogos sobre a religião natural* fez uma das críticas mais contundentes ao AD e mesmo após sua publicação o AD permaneceu vivo e se tornou mais popular após a publicação do livro *Natural Theology*, de William Paley.

Dentre as várias possibilidades de explicação do porquê o AD ter ganhado popularidade após Hume tê-lo criticado, pensamos que o antropocentrismo é a mais viável, pois dentro da cultura judaico-cristã os seres humanos são apresentados como as obras primas da criação divina. Se somos a imagem e semelhança de Deus, qual outra criatura poderia afirmar a mesma sentença? Tudo foi criado a partir da fala de Deus, segundo a bíblia, com exceção do homem, para essa criação o próprio Deus colocou seus pés no pó, pegou no barro com suas mãos e moldou o homem, ele foi um artesão no sentido estrito da palavra e soprou a vida após concluir sua obra.

Quando a teoria da evolução biológica, a TDI e o AD são comparados o que está em análise é a confrontação de uma criação especial e planejada do homem com algo que é apresentado como totalmente aleatório e desprovido de sentido (finalidade)³. A força heurística da criação especial é muito grande e, possivelmente, consegue sobreviver por ser afetivamente maior que a da evolução biológica. O que não significa que possua melhor fundamentação ou que esteja certa. Por isso é necessário demonstrar que a TDI é um argumento teológico e suas “pesquisas” devem ser relacionadas a essa área de conhecimento.

Tamanha é a força heurística do AD que suas proposições são defendidas até hoje. No decorrer do texto fazemos uma crítica ao modo como a argumentação é feita e a forma como os discursos são apelativos e nem sempre condizentes com o debate acadêmico. Do ponto de vista prático essa pesquisa é importante pois ela apresentará a TDI como uma proposição da teologia natural e a sua inviabilidade como teoria científica.

Como metodologia, realizamos uma pesquisa qualitativa de análise bibliográfica e de documentos. Para a realização da mesma, além da coleta de documentos, tentamos realizar entrevistas com os três principais organizadores do evento da TDI ocorrido na cidade de Uberlândia, sendo um deles Marcos Eberlin, o presidente da TDI Brasil. Não recebemos retorno.

Entre os documentos encontrados (muitos na página oficial da TDI Brasil), consta uma quantidade substancial de fotos e vídeos dos eventos oficiais da TDI Brasil em seu canal na plataforma Youtube. Devido à grande quantidade de imagens e vídeos, fez-se necessário analisar o discurso presente nos eventos e programas de TV e compará-los com o AD. Analisa-

³ A TDI e o AD defendem a criação especial do homem e postulam que a evolução biológica é uma criação totalmente aleatória e desprovida de finalidade definida, sem planejamento.

mos os discursos presentes nos programas RIT - Vejam Só, Identidade Geral, Escola Bíblica Dominical da Igreja Presbiteriana de Pinheiros e 2º Congresso TDI Brasil 2020, São Paulo/SP.

Nosso objeto de pesquisa foi a TDI, os discursos de seus apoiadores e representantes bem como os documentos encontrados e a bibliografia produzida por eles.

Uma vez que nossa tese pretende demonstrar que a TDI é uma versão do AD, checamos se o discurso apresentado pelos representantes da TDI é o mesmo em ambientes diferentes, tais como em igrejas, entrevistas em rádio e TV e em seus próprios eventos.

No decorrer desta pesquisa fizemos dois movimentos, o primeiro estabelecendo a relação da TDI com o criacionismo organizado em associações e o segundo mostrando que ela é equivalente ao AD com uma linguagem contemporânea, em ambos os casos a TDI se encaixa como um princípio ou uma especulação religiosa.

Em nosso primeiro movimento, discutimos a origem do criacionismo organizado, a literatura que serviu de fundamento para a organização das associações e grupos e as personagens principais destes movimentos.

No início do segundo movimento, apresentamos o surgimento da TDI e das instituições que deram origem à “teoria”. O surgimento do *Center for the Renewal of Science & Culture* CRSC, do *Discovery Institute*, e os principais argumentos dos teóricos da TDI, como Michael Behe, William Dembski e Marcos Eberlin. Um dos pontos que mais aparece nos textos iniciais dos defensores da TDI é uma argumentação contra o naturalismo e sua associação a uma ideologia de pensadores comunistas.

Ficou evidenciado, nos textos e documentos citados, que o grupo inicial do CRSC, que defende a TDI, é um grupo criacionista e que a TDI e o AD possuem similaridades muito grandes para serem pensadas como teorias distintas. Ao contrário da TDI, o AD foi defendido como teologia natural ou uma proposição filosófica, discutida, debatida e analisada dentro da filosofia e da teologia, já a TDI é defendida como “teoria científica” por seus defensores e apoiadores. Porém, quando questionados se a TDI é religião (mais especificamente, religião cristã) ou não, alguns apoiadores já declararam que sua “teoria” existia desde a Grécia antiga, sendo anterior ao cristianismo. Ao que sabemos, na Grécia antiga havia uma discussão filosófica sobre a teologia natural.

Quando Dembski defende que a TDI existia já na Grécia Antiga – e o autor realiza esta defesa pensando em livrar-se da alcunha da religião -, sem perceber, define a TDI como filosofia. Para tentar livrar-se da comparação com o AD, ele afirma que as teorias são diferentes, porém, quando analisamos o cerne de ambas, percebemos que elas são próximas demais para que o AD não tenha influenciado na criação da TDI. Quando Dembski afirma

que a TDI existia na Grécia antiga, o autor implicitamente faz referência ao que se segue no estudo da teologia natural, o que inevitavelmente chega ao AD.

Podemos perceber a teologia natural em Platão, em Aristóteles - especificamente em sua Metafísica -, em Tomás de Aquino, e no próprio William Paley e David Hume.

Expomos a presença da TDI em ambientes acadêmicos a partir de 2017 e suas diretrizes agregando novos adeptos. Apresentamos seus eventos mais recentes e analisamos seus principais argumentos através de seus discursos com o propósito de compará-los com os principais argumentos do AD. Elementos como ordem, perfeição e complexidade são utilizados na TDI e no AD. As coisas possuem uma causa e finalidade acrescida do argumento de que se uma coisa é complexa ou perfeita, essa coisa deve ser objeto de um planejamento. Essas características que explicam a TDI são as mesmas conhecidas pela designação de AD, discutida fervorosamente por filósofos como David Hume. Somente uma mente inteligente poderia projetar ou criar algo perfeito.

Por fim, concluímos nosso trabalho relacionando nosso objeto de pesquisa com o momento em que nossa sociedade viveu e vive nos últimos anos, com as tentativas de desacreditar e relativizar a ciência, políticas públicas, inclusive políticas educacionais mais conservadoras e manifestações diversas de preconceitos.

2 - CRIACIONISMO CIENTÍFICO

Neste capítulo trataremos de aspectos relacionados ao criacionismo e ao movimento antievolucionista e sua caminhada na interferência no ensino da teoria da evolução em alguns estados dos EUA. Para exemplificar abordamos o caso Scopes. Mas antes disso, abordaremos o conceito de criacionismo, como o termo era utilizado, e o movimento antievolucionista. Também apresentaremos a geologia do dilúvio, bem como seu grande defensor, George M. Price, as associações criacionistas, as posições diferentes entre os criacionistas e as diferentes formas do criacionismo. Além disso, abordaremos também a distinção do termo fundamentalista e sua conceituação. Por último, apresentamos a constituição da “ciência do criacionismo” e a tentativa de ensino desta nas escolas públicas.

2.1 Criacionismo e a geologia do dilúvio

A proposta desta pesquisa, a tese que defendemos é a de que a Teoria do Design Inteligente (TDI) e o Argumento do Desígnio apresentam as mesmas proposições. Para demonstrar que as duas correntes de pensamento são a mesma coisa precisamos percorrer uma trilha. Como a TDI é a nomenclatura mais contemporânea desse argumento teleológico, iniciaremos esta pesquisa apresentando como a TDI surgiu, a partir do movimento criacionista organizado.

Tendo em vista que, considerando que trabalharemos com o conceito de criacionismo, a melhor maneira de começar o texto é abordando o significado do conceito utilizado pelos teólogos cristãos. Numbers (2014) inicia seu texto *Criacionismo científico e Design Inteligente*, comentando que, em 1929, o livro *Back to Creationism*⁴ foi publicado por um professor de biologia de uma faculdade da Carolina do Norte. O movimento antievolucionista da década de 1920 perdia forças naquele momento, mas o ponto principal é que esse livro foi um dos primeiros a usar o termo “criacionismo”, o livro anterior a esse é *What is Man?* ou, *Creationism vs. Evolutionism*, de Judson D. Burns, publicado em Nova York, em 1908. Aqueles que criticavam o evolucionismo, naquele momento, se denominavam antievolucionistas e não criacionistas, como podemos observar na citação a seguir:

Três fatores ajudam a explicar essa prática: Primeiro, a palavra já possuía um significado bastante conhecido não relacionado ao debate entre criação e evolução. Desde os primórdios da cristandade os teólogos haviam ligado “criacionismo” à

⁴ Este livro foi escrito por Harold W. Clark (1891-1986), um dos antigos alunos de Price. Clark tentou estabelecer a teoria de Price (baseada na Bíblia) como a ciência criacionista (NUMBERS, 2014, p. 169).

doutrina de que Deus tinha criado individualmente cada alma humana – opondo-se aos ensinamentos traducionistas de que Deus criara apenas a alma de Adão e que as crianças herdariam as almas de seus pais; Em segundo lugar, mesmo os oponentes científicos mais proeminentes da evolução orgânica diferiam largamente em suas visões das origens. Alguns adotaram a visão bíblica de que todos os organismos descenderiam de tipos divinamente criados no Jardim do Éden e preservados na Arca de Noé. Outros, como o geólogo britânico Charles Lyell (1797-1875), defenderam o surgimento espontâneo, porém não sobrenatural, em centros ou focos regionais de criação. Outros ainda seguiram o líder antievolucionista americano, o zoólogo de Harvard, Louis Agassiz (1807-1873), argumentando em favor de repetidas criações plenas, durante as quais “as espécies não originaram-se em pares únicos, mas foram criadas em grande número”⁵; Em terceiro lugar, mesmo os fundamentalistas que acreditavam na Bíblia não concordavam acerca da interpretação correta do primeiro capítulo do Gênesis. A maioria provavelmente adotou a ideia da ruína e restauração endossada pela Bíblia imensamente popular *Scofield Reference Bible* (1909), que identificou duas criações (a primeira, “no princípio”; a segunda associada ao Jardim do Éden) e encaixou o registro fóssil na ampla lacuna entre os dois eventos. Outra leitura popular de Gênesis 1, defendida por William Jennings Bryan (1860-1925), o proeminente antievolucionista da época, entendia que os dias mencionados no Gênesis 1 representavam imensas eras, cada uma correspondente a uma seção da coluna geológica ou, talvez, a um período na história dos cosmos. Apenas um punhado desses escritos contrários à evolução insistiu no que mais tarde ficou conhecido como criacionismo da Terra Jovem, mas que era então conhecido como criacionismo do Dilúvio: uma criação especial recente de todos os tipos em seus períodos de 24 horas e um Dilúvio significativo na época de Noé que teria soterrado a maioria dos fósseis. (NUMBERS, 2014, p. 166-167).⁶

Apesar do trecho citado ser longo, este permite observar vários elementos importantes, tais como: 1) o uso do conceito “criacionismo” na época, 2) a subdivisão do movimento antievolucionista e 3) os principais defensores ou ideólogos da “teoria da Terra Jovem” e das Eras, além da noção de várias criações especiais, duas descritas no livro do Gênesis no capítulo 1 e outra no capítulo 2, que não foi citada, e pelo menos uma criação após o Dilúvio de Noé.

Na esteira do caminho para entendermos o criacionismo e a geologia do dilúvio é necessário conhecer George McCready Price (1870-1963), seu pensamento influenciou o criacionismo organizado por décadas e percebemos parte do que ele defendia na fala de alguns defensores da TDI. Ele é o criador da geologia do Dilúvio, que é uma “teoria” que, como mencionado anteriormente, precisa ser apresentada para entender parte do criacionismo. Ela, por si só, já é um ponto conflitante dentro e fora do criacionismo.

Price era Canadense e autodidata, tornou-se Adventista do Sétimo Dia ainda jovem, aceitando os escritos de Ellen G. White (1827-1915), como sendo inspirados por Deus.

⁵ NUMBERS, Ronald L. *Darwinism Comes to America*. Cambridge. MA: Harvard University Press, 1998. Capítulo 2, “Creating Creationism: Meanings and Uses since the Age of Agassiz. Ver também RUPKE, Nicolaas A. “Neither Creation nor Evolution: the Third Way in mid-Nineteenth Century Thinking about the Origin of Species”. *Annals of the History and Philosophy of Biology*. 10, 2005, p. 143-172. (HARRISON, 2015, p. 166).

⁶ No capítulo 5 apresentamos parte do discurso do presidente da TDI Brasil se posicionando sobre a interpretação dos dois primeiros capítulos do livro de Gênesis. Em sua fala ele afirma que se deve ler de forma literal e não entender os dias como eras.

Durante um dos sonhos/revelações Ellen disse ter sido “levada de volta à criação e visto que a primeira semana, na qual Deus realizou o trabalho da criação em seis dias e descansou no sétimo, tinha sido como todas as outras semanas”⁷ ela também endossou que a Terra teria a idade de 6 mil anos e que “uma catástrofe de proporção global na época de Noé teria soterrado os fósseis e reformulado a superfície terrestre”. (NUMBERS, 2014, p. 167)⁸. Segundo Numbers, os escritos de White caminhavam numa direção contrária aos demais expositores evangélicos do Gênesis e da Geologia, pois em meados do séc. XIX, eles haviam “aceitado a antiguidade da vida na Terra e a insignificância geológica do Dilúvio de Noé” (NUMBERS, 2014, p. 168).

Price se dedicou na busca de uma defesa científica na história da Terra apresentada por White. O autor leu muita literatura científica a respeito e concluiu que o argumento a favor da evolução se baseava em “visões de geologia da teoria”, e as evidências do argumento estavam fundamentadas nessas visões, tanto para a antiguidade da vida quanto para o seu desenvolvimento progressivo. Mas, para ele, essas evidências não passavam de engodo. Guiado pelas imagens reveladas de Ellen White, ele concluiu que “os verdadeiros fatos acerca das rochas e dos fósseis, libertados de meras teorias, refutam esplendidamente essa teoria evolucionista da ordem invariável dos fósseis, que é a própria espinha dorsal da doutrina da evolução” (NUMBERS, 2006, p. 91-92).

Percebemos aqui que, possivelmente, toda a motivação da pesquisa de Price, pelo menos a inicial, foi norteada pela visão religiosa de uma criação pós dilúvio, e de uma perspectiva de uma Terra com aproximadamente 6 mil anos. Ele buscou fazer ciência para provar teses já defendidas por ele, o que não seria um problema se ele estivesse aberto a novas possibilidades e descobertas em suas pesquisas geológicas, e não apenas buscando provar suas teses desconsiderando o contexto das pesquisas e os resultados obtidos.

Em 1906, Price publica o livro *Geologia ilógica: o ponto mais fraco da teoria da evolução*⁹, o qual questionava a diferença do tipo de fóssil. Price ofereceu uma recompensa de mil dólares para quem provasse, diante dos fatos apresentados no livro, que tipo de fóssil é mais antigo que o outro. Ou seja, por não chegar às conclusões prévias de sua própria pesquisa, sua atitude foi questionar todo o sistema de datação fóssil sem apresentar um sistema novo viável de avaliação. Seu objetivo não era melhorar a datação por carbono ou

⁷ WHITE. Ellen G. Spiritual Gifts: Important Facts of Faith, in: Connection with the History of Holy Men of Old. Battle Creek. MI: Seventh-Day Adventist Publishing Association, 1864. p. 90-91.

⁸ Numbers escreveu sobre Ellen G. White. Ver também NUMBERS, Ronald L. *Prophetess of Health: a Study of Ellen G. White*. 3^a ed. Grand Rapids. MI: Eerdmans, 2008. Há também uma biblioteca digital Adventistas com manuscritos e publicações desde o início do movimento, ver em: <https://adventistdigitallibrary.org/> , <http://www.centerforadventistresearch.org/manuscripts/> e <https://www.unasp.br/ec/sites/centrowhite/> .

⁹ Tradução livre: *Illogical Geology: the Weakest Point in the Evolution Theory*.

apresentar uma nova forma de analisar a antiguidade dos fósseis, mas simplesmente pôr em dúvida todas as pesquisas fósseis e de datação por carbono realizadas até então, pois desta forma não seria possível provar que sua tese - a da geologia do dilúvio - não seria cientificamente provada.

Em *The New Geology* (1923), Price reafirma “sua grande ‘lei das sequências estratigráficas conformes’”, ele descreveu esta lei como “provavelmente a mais importante lei já formulada no que diz respeito à ordem de formação dos estratos” (NUMBERS, 2014, p. 168). Para ele, qualquer camada fossilífera, jovem ou velha, estaria em conformidade a essa camada em quaisquer outras mais velhas ou mais jovens, ou seja, não haveria como diferenciar se a camada seria mais antiga que a outra utilizando sua teoria, pois para ele “as chamadas conformidades enganadoras (quando parece que faltam estratos) e falhas de impulso (quando as camadas estão, aparentemente, na ordem errada) provam que não há uma ordem natural nas rochas em que encontram-se os fósseis, cuja existência ele atribuía ao Dilúvio de Noé.” (NUMBERS, 2006, p. 95-97).

A influência de Price cresceu entre os fundamentalistas não adventistas, e na década de 1920 o editor de *Science* podia descrevê-lo como “a principal autoridade científica dos Fundamentalistas”. A quantidade de artigos assinados por Price aumentava nos periódicos de espectro religioso.¹⁰ Mas, apesar de apreciarem a crítica da evolução feita por Price, poucos líderes fundamentalistas desistiram de seus vínculos com “teorias” como da lacuna¹¹ e do “dia-era”¹² em prol da geologia do Dilúvio. (NUMBERS, 2014, p. 169).

2.2 O movimento Criacionista organizado

¹⁰ *Science*, 5 de março de 1926, p. 259. (NUMBERS, 2014, p. 169).

¹¹ O criacionismo da lacuna também é um tipo de criacionismo da Terra antiga. Seus adeptos entendem haver um espaço temporal entre os capítulos 1 e 2 do Gênesis, isto é, entre os capítulos que versam sobre da criação do mundo em 6 dias (criação pré-adâmica) e da criação de Adão e Eva (criação adâmica). Assim, no final do capítulo 1, no sexto dia, Deus cria os seres humanos e logo após, no sétimo dia, descansa. Entretanto, no capítulo 2 parece haver uma nova criação dos seres humanos, é nesse capítulo onde são mencionados os nomes de Adão e Eva e o Jardim do Éden. Interpreta-se que os seres humanos teriam sido criados duas vezes por Deus: na criação pré-adâmica e na criação adâmica, com um longo hiato de tempo entre as duas criações o que justificaria a idade antiga da Terra. Esse argumento é utilizado para explicar, também, a existência dos descendentes de Caim (SCOTT, 2009).

¹² Vejamos uma das explicações: “O criacionismo dia-era é um dos tipos de criacionismo da Terra antiga, ou seja, procura acomodar os conhecimentos científicos sobre a idade da Terra e o registro fóssil ao Gênesis bíblico. Especificamente o criacionismo dia-era envolve a interpretação de que os dias retratados no Gênesis não seriam dias de vinte e quatro horas, mas expressões metafóricas que representariam longos períodos de tempo, eras que acomodariam a idade antiga da Terra. Os Testemunhas de Jeová são adeptos desse tipo de criacionismo.” (GROTO, 2016, p. 107).

Como informado, no final da década de 1920, o movimento americano antievolucionista estava se exaurindo, seus mais ferrenhos defensores tentavam manter o movimento vivo, organizando uma nova sociedade, mas eles se deparavam com dois obstáculos: uma escassez de cientistas treinados e uma discordância contínua sobre o significado de Gênesis 1. (NUMBERS, 2014). Nesta época Price não havia terminado a faculdade ou frequentado um curso avançado de ciências, porém Clark, no início dos anos 1930, obteve mestrado em biologia na Universidade da Califórnia, Berkeley. Havia outros ativistas antievolucionistas com algum grau de exposição à ciência, como Harry Rimmer (1890-1952), que se autointitulava pesquisador, era um evangelista presbiteriano e frequentava uma faculdade de medicina homeopática; Arthur I. Brown (1875-1947), um cirurgião canadense, S. James Bole (1875-1956), professor de Biologia no Wheaton College, mestre em Educação, doutorou-se em Horticultura na Iowa State College em 1934 e o colega de corpo docente de Bole em Wheaton College, I. Allen Higley (1871-1955), era químico.¹³

Em 1935, Price, Clark, Rimmer e Higley juntaram-se a alguns poucos outros para criarem “uma frente unida contra a teoria da evolução”. A sociedade resultante, a *Religion and Science Association*, contudo, dissolveu-se rapidamente, quando seus membros se envolveram em disputas sobre a idade da Terra, com Price e Clark apoiando a geologia do dilúvio, Rimmer e Higley defendendo a teoria da lacuna e outros ainda defendendo a interpretação do “dia-era”. (NUMBERS, 2014, p. 170).

Em 1930, os fundamentalistas estavam perdidos entre as eras geológicas, pois alguns acreditavam e defendiam a geologia do dilúvio e Ruína, crendo e endossando todas ao mesmo tempo, não havia consenso sobre qual teoria seguir, e em que acreditar. Como os cristãos evangélicos poderiam mobilizar o mundo contra a teoria da evolução se eles não conseguiam concordar sobre Gênesis 1?

Passados alguns anos do fim da *Religion and Science Association*, Price organizou, na Carolina do Sul, com um pequeno grupo de colegas (a maioria adventistas), a *Deluge Geology Society*, que a partir da década de 1940 e por muitos anos publicou o *Boletim de Geologia do Dilúvio e Ciências Afins*. Price se gabava do grupo e dizia que não havia no mundo outro lugar, além da Carolina do Sul, onde se pudesse encontrar tantos crentes da criação e opositores da evolução que possuíssem melhor educação científica que eles. Porém, de acordo com Numbers, dentro da Deluge, quem possuía o melhor treinamento científico era Walter E. Lammerts (1904-1996), luterano do Sínodo do Missouri, doutor em genética pela Universidade da Califórnia, Berkeley, ensinava horticultura no campus de Los Angeles.

¹³ Ver mais no capítulo 4. *Scientific Creationists in the Age of Bryan*. Em NUMBERS, Ronald L. *The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design*, 2006.

No início dos anos 1940, a Sociedade Geologia do Dilúvio (*Deluge Geology Society*) anunciou a descoberta de pegadas gigantes fossilizadas que eles acreditavam ser humanas, em rochas geologicamente antigas. “Um dos membros previu que essa descoberta demoliria a teoria da evolução ‘com um único golpe’ e ‘impressionaria o mundo científico’” (NUMBERS, 2014, p. 171). Mas, embora o grupo concordasse sobre o aparecimento recente da vida na terra, eles se dividiram em relação ao “tempo pré-Gênesis da Terra”, ou seja, “se a matéria orgânica da Terra pré-dataria a criação do Éden ou não. Ao redor de 1947, a sociedade chegou ao fim (sic)”. (NUMBERS, 2014, p. 171).

Em 1941 é criada, por membros do *Moody Bible Institute*, a *American Scientific Affiliation* (ASA), uma sociedade de cientistas evangélicos mais ecumênica. É importante lembrar que a *Deluge* era de maioria Adventista. A ASA, num primeiro momento, viu a evolução com desconfiança. No final da década, com a presença de cientistas mais jovens e que abraçavam a evolução teísta (criacionismo progressivo¹⁴), a associação foi dividida. Os insurgentes que se destacaram foram J. Laurence Kulp (1921-2006) e Russell L. Mixter (1906-2007). Kulp foi ex-aluno de Wheaton e fizera doutorado em Físico-Química na Universidade de Princeton e um segundo PhD em Geologia, ele se estabeleceu na Universidade de Columbia como uma das primeiras autoridades em datação por radioisótopos. Kulp também se tornou um dos primeiros evangélicos com treinamento avançado em Geologia, seus discursos eram feitos com uma autoridade ímpar, pois se preocupava com a possibilidade da genealogia do Dilúvio de Price ter “‘infiltrado-se na maior parte do cristianismo fundamentalista na América, principalmente por conta da ausência de geólogos cristãos treinados’, ele se propôs a expor suas abundantes falhas científicas.” (NUMBERS, 2014, p. 171). Num artigo lido para membros da ASA em 1949, Kulp concluiu que “maiores proposições da teoria eram contraditas pelas leis estabelecidas da física e da química” (NUMBERS, 2014, p. 171), já Russell L. Mixter, defendia uma maior aceitação das evidências de uma evolução orgânica limitada. Este obteve doutorado em Anatomia na Universidade de Illinois em Chicago em 1939, enquanto lecionava biologia em Wheaton College. Após obter seu doutorado, passou a pressionar os criacionistas a aceitarem a

¹⁴ O criacionismo progressista também é considerado um tipo de criacionismo da Terra antiga. Seus adeptos entendem ser o Gênesis bíblico, em grande parte, metafórico, de modo que não conflitaria com os conhecimentos geológicos. Também entendem haver compatibilidade entre os relatos bíblicos e os conhecimentos físicos e astronômicos, incluindo o Big Bang. O mesmo já não ocorreria com alguns conhecimentos científicos sobre os seres vivos. Defendem-se que as espécies teriam sido criadas sequencialmente por Deus. Deste modo, após o ato inicial da criação, Ele teria criado novas espécies ou transformado espécies já existentes. O conceito de espécie defendido remete à ideia dos “tipos” bíblicos, que seriam relacionados, atualmente, à categoria taxonômica família ou filo. Além disso, entende-se que o homem não estaria relacionado evolutivamente aos demais seres vivos, uma vez que teria sido criado em separado. Tendem, portanto, a aceitar a microevolução entre animais (exceto o homem) e plantas, mas não a macroevolução (SCOTT, 2009).

evolução “dentro da ordem” garantindo que eles podiam “acreditar na origem das espécies em momentos diferentes, separados por milhões de anos e em lugares com distâncias continentais entre si.”¹⁵ (NUMBERS, 2014, p. 172).

2.3 A fundação do Creation Research Society

Em 1954 é publicado o livro *The Christian View of Science and Scripture*, e, no livro, seu autor, o teólogo-filósofo associado à liderança do ASA Bernard Ramm (1916-1992), condena os cristãos hiperortodoxos por sua “bibliolatria limitada¹⁶” e atitude “ignobil” para com a ciência, “esse avatar do neoevangelismo urgiu os cristãos a pararem de buscar sua ciência no Gênesis e a adotarem o criacionismo progressivo, tão popular entre os membros da ASA.” (NUMBERS, 2014, p. 172). Ramm dedicou seu livro a Kulp, um dos insurgentes e motivadores da divisão da ASA.

Ramm apontou sua mais dura retórica em direção à geologia do dilúvio de Price, cuja influência crescente entre os fundamentalistas ele considerava “um dos desenvolvimentos mais estranhos do início do século XX”. Apesar da manifesta ignorância de Price, seu tipo de criacionismo havia tornado-se, pelo menos para Ramm, “a espinha dorsal de boa parte do pensamento fundamentalista sobre geologia, criação e o Dilúvio”. (NUMBERS, 2014, p. 173).

Invariavelmente, Price torna-se um ponto de referência do criacionismo, seja dos movimentos favoráveis ao seu pensamento, seja de seus opositores. Neste último caso, parece haver um movimento cada vez maior de oposição dentro da ASA aos pensamentos da geologia do dilúvio, porém a oposição não se limita a geologia do dilúvio, mas a tudo que Price representava enquanto pesquisador cristão. É preciso entender que o que esses pesquisadores defendiam poderia reverberar nas comunidades religiosas por meio dos líderes religiosos de forma muito rápida, e, talvez por isso, a necessidade de Ramm, e anteriormente Kulp, se posicionarem de forma mais dura contra as “teorias” de Price.

Sobre a recepção do livro de Ramm, muitos evangélicos aclamaram o livro, como o famoso evangelista Billy Graham (1918-2018), mas os fundamentalistas responderam de forma enérgica. Eles interpretaram o livro como uma “tentativa arrogante e heterodoxa de equacionar o criacionismo progressivo e a visão cristã” (NUMBERS, 2014, p. 173). O livro

¹⁵ Ver mais no capítulo 9. “Evangelicals and Evolution in North America”. NUMBERS, Ronald L. *The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design*, 2006.

¹⁶ Bibliolatria seria uma junção das palavras bíblia e idolatria, enfatizando que esses cristãos faziam uma idolatria de partes ou visões limitadas da bíblia empobrecendo discussões ou questões teológicas ou mesmo limitando ou impedindo a discussão de um ponto de vista mais abrangente. Bibliolatria limitada poderia significar, a depender do contexto, uma idolatria bíblica limitada, mas não é esse o contexto da frase apresentada por Ramm.

de Ramm fez com que o jovem fundamentalista, professor e doutorando do *Grace Theological Seminary*, John C. Whitcomb Jr. (1924), transformasse sua tese numa resposta a Ramm em defesa de George M. Price. Buscando publicar seu trabalho, Whitcomb procurou a Moody Press, para quem o editor o orientou a recrutar um cientista profissional como coautor. Henry M. Morris (1918-2006), um batista fundamentalista, doutor em Hidráulica pela Universidade de Minnesota, e recentemente nomeado chefe de um programa de Engenharia civil no Virginia Polytechnic Institute, foi o coautor escolhido.¹⁷

O trabalho consistia numa defesa da geologia do dilúvio de Price, e os autores, tentando promulgar sua “teoria” poderiam ser tachados de loucos. Percebendo isso, Morris sugeriu a Whitcomb que seria melhor enumerar os argumentos de Price como um relato histórico e dar ênfase à estrutura bíblica e suas implicações geológicas¹⁸. É possível perceber que, mesmo para estes fundamentalistas, aliar-se a Price era algo que não estavam dispostos, e consideramos que ligar Price a apenas relatos históricos seria uma estratégia de se desvincular ao máximo dele. No final do projeto, Whitcomb manifesta preocupação em ser ligado a Price e sua igreja. Vejamos suas palavras:

Estou cada vez mais persuadido de que meu capítulo sobre “A geologia do dilúvio no século XX” atrapalhará mais do que ajudará em nosso livro, pelo menos em sua atual forma. Segue aqui o que eu quero dizer. Para muitas pessoas, nossa posição ficaria um tanto desacreditada pelo fato que “Price e o Adventismo do Sétimo Dia” (o título de uma das seções deste capítulo) tem um papel de destaque em sua defesa. Minha sugestão seria fornecer no livro uma ampla bibliografia de trabalhos do século XX que defendem a geologia do dilúvio, sem sequer mencionar a denominação de seus vários autores. Afinal, que diferença faz o aspecto denominacional? (WHITCOMP apud NUMBERS, 2014, p. 174).

No final do projeto, os autores eliminaram quase todas as referências a Price mantendo referências casuais, e eliminaram todas as menções aos nexos adventistas presentes em Price. A Moody Press decide não publicar o livro, e em 1961, Rousas J. Rshdoony (1916-2001), presbiteriano ortodoxo e fundador do movimento de ultradireita de reconstrução cristã, os leva a uma pequena gráfica fundamentalista na Filadélfia, onde foi impresso *The Genesis Flood*. Um crítico descreveu o livro como sendo uma reedição das opiniões de G. M. Price.

Dois anos depois do lançamento do livro, um grupo de cientistas cristãos abandona a ASA, motivados pelo livro de Whitcomb e Morris, também irritados pela ASA inclinar cada vez mais em direção à evolução, e fundaram, então, sua sociedade hiperortodoxa, a

¹⁷ Parágrafo baseado em: Capítulo 10. “Jhon C. Whitcomb, Jr., Henry M. Morris, and The Genesis Flood” NUMBERS, Ronald L. *The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design*, 2006.

¹⁸ MORRIS, Henry M. to WHITCOMB, J. C., 7 de outubro de 1957, Whitcomb Papers. (NUMBERS, 2014, p. 173).

denominada Creation Research Society (CRS). O líder desta iniciativa foi o geneticista Luterano Lammerts.

O primeiro comitê diretor da CRS, formado por dezoito membros, refletiu de forma imprecisa a composição teológica do emergente movimento do criacionismo da Terra Jovem: seis luteranos do Sínodo de Missouri, seis batistas (quatro do Sul, um regular e um independente), dois Adventistas do Sétimo Dia e um membro de cada: da Igreja Reformada Presbiteriana, da Igreja C. Reformada, da Igreja Metodista e da Igreja da Irmandade. O comitê incluía cinco biólogos com doutorados obtidos em grandes universidades, outros dois biólogos com título de mestre e um bioquímico com doutorado na área. Não havia físicos no grupo e apenas um engenheiro, Morris. Doze dos dezoito viviam no centro-oeste americano, quatro no sudeste, um na Califórnia e um na Virgínia. (NUMBERS, 2014, p. 174-175).

Numbers (2014) define a fundação da CRS (juntamente com os eventos que a antecederam, como a publicação do livro de Bernard Ramm) como o renascimento do movimento antievolucionista nos EUA. Sobre a criação e o funcionamento da CRS, a instituição realizava poucas investigações fora das bibliotecas, apesar de ser uma sociedade de pesquisas. O líder do Comitê de Pesquisa, um dos poucos membros ativos da CRS, Larry G. Buttler (1933-1997), bioquímico batista da Purdue University, se frustrou cada vez mais com as propostas de pesquisa do CRS, pois elas sempre deviam apresentar credibilidade científica sem comprometer a Bíblia. Na verdade, ele enfrentava uma verdadeira enxurrada de pesquisas de pessoas que buscavam espaço para ideias improváveis. Vejamos as observações sobre o conteúdo de pesquisas de alguns criacionistas (é por esse motivo que o autor se inclui quando começa a frase como “nós”):

“Nós fazemos observações impressionantes (pegadas humanas contemporâneas aos dinossauros), nós postulamos reviravoltas dramáticas (repentinos depósitos de massas de gelo feitos por um visitante planetário); nós propomos varrer da face da Terra as generalizações científicas (a negação de todo o sistema de datação por C14)”. Ainda que alguns colegas dentro da sociedade tivessem-no favorecido para ocupar a presidência, ele se viu cada vez mais impaciente com o que chamava de “periferia lunática” do criacionismo. Desencorajado pelo fracasso de seus esforços em prol da elevação dos padrões científicos da pesquisa criacionista, ele renunciou ao cargo no Conselho Administrativo em 1975 e, mais tarde, ignorou sua membresia (tanto em relação à CRS quanto à Igreja). (NUMBERS, 2014, p. 175).

A CRS, devido sua forma de funcionamento e abertura a proposições pouco prováveis (para dizer o mínimo) perde um de seus melhores membros naquele momento.

Num primeiro momento, a CRS não possuía divergências com o criacionismo da Terra Jovem, porém isso acabou com a questão da especiação. Com a descoberta cada vez maior de espécies, ficou claro para os criacionistas que Noé não poderia ter alocado um representante de cada uma delas; o que levou muitos a adotarem a formulação proposta por Frank Lewis Marsh (1899-1992), ex-aluno de Price. Para ele, os tipos que estavam presentes

no Gênesis não devem ser equacionados às espécies, mas às famílias das espécies. Frank chamava essas famílias de baramins. Desta forma, o problema do espaço na arca era resolvido, mas outro foi criado: como em apenas 4300 anos os tipos preservados na arca produziram tantos gêneros e espécies? Morris e a maioria de seus colegas abraçou a microevolução rápida, mas Lammerts, como geneticista, sabia que isso era cientificamente impossível. Seria preciso uma segunda criação para repovoar a Terra após o Dilúvio, e como a Bíblia não descreve tal evento, sua solução não foi aceita.¹⁹

2.4 A ciência do criacionismo

A CRS cresceu rapidamente para uma sociedade criacionista da Terra Jovem²⁰. Em dez anos possuía 1999 membros, sendo que 412 possuíam diplomas em ciências. Nesta época, os líderes da organização estavam colocando o nome geologia do dilúvio em desuso e firmando a “ciência da criação” ou “criacionismo científico”. A diferença entre os nomes estava no fato de que o criacionismo científico não mencionava eventos ou personagens bíblicos, nem mesmo o Dilúvio de Noé, embora o foco sobre o Dilúvio permanecesse o mesmo. No livro *Scientific Creationism* de 1974 Morris deixa isso claro:

O Dilúvio do Gênesis é o verdadeiro ponto de conflito entre as cosmologias evolucionistas e criacionistas. Se o sistema da geologia do dilúvio puder ser estabelecido em bases científicas sólidas e efetivamente promovido e tornado público, então toda a cosmologia evolucionista, ao menos em sua atual forma neodarwinista, entrará em colapso. Isso, por sua vez, significaria que todo sistema e movimento anticristão (comunismo, racismo, humanismo, libertinismo, behaviorismo e todo o resto) seriam privados de suas bases pseudointelectuais. (NUMBERS, 2014, p. 176-177).

Mudar os rótulos de geologia do dilúvio para o Criacionismo Científico visava a aceitação e o uso em escolas públicas, especialmente na Califórnia, que revisava suas diretrizes para o ensino da ciência. “Notadamente, o *Scientific Creationism* apareceu em duas

¹⁹ NUMBERS, Ronald L. “Ironic Heresy: How Young-Earth Creationists came to Embrace Rapid Microevolution by Means of Natural Selection”. In: LUSTIG, Abigail J., RICHARDS, Robert J., RUSE, Michael (eds). *Darwinian Heresies*. Cambridge University Press, 2004, p. 84-100.

²⁰ Sobre o criacionismo da Terra Jovem “O criacionismo da Terra jovem defende que o universo foi criado por Deus em 6 dias, conforme o relato do Gênesis, e teria entre 6.000 e 10.000 anos de idade, conforme as contas de Ussher. As modificações ocorridas desde então teriam sido provocadas por catástrofes, sendo o dilúvio a principal delas. São adeptos da criação especial, isto é, Deus criou os seres vivos, plantas e animais, em formas próximas as atuais. Além disso, o ser humano teria recebido uma atenção especial do criador, sendo criado separadamente dos demais seres vivos. Alguns, menos radicais, aceitam que a criação especial teria ocorrido em tipos básicos iniciais, correspondentes ao nível de família da classificação biológica como categoria. A partir desses tipos básicos iniciais, por microevolução, teriam surgido as diferentes espécies conhecidas atualmente. Diversos são os grupos que hoje defendem essa visão, dentre eles destacamos: o Institute for Creation Research, o Answers in Genesis e a Creation Research Society. No Brasil temos a Sociedade Criacionista Brasileira e a Associação Brasileira de Pesquisa da Criação” (GROTO, 2016, p. 118).

versões quase idênticas: uma para escolas públicas, sem quaisquer referências à Bíblia, e outra para escolas confessionais, que manteve as referências à Bíblia e um capítulo adicional, intitulado ‘Creation According to Scripture’” (NUMBERS, 2014, p. 177).

Os criacionistas científicos e parte dos membros da CRS, em suas mentes, amavam ciência e queriam manter sua reputação, mas buscavam contrastar o modelo de criação das origens com o da evolução, insistindo que o modelo da criação seria tão científico quanto o da evolução. Eles buscavam vender sua abordagem em dois modelos (como nos livros descritos anteriormente, um retirando qualquer menção à Bíblia e outro mantendo referências bíblicas) para conselhos escolares e legisladores estaduais. Em suas tentativas de venda eles apelavam para suas credenciais científicas e destacavam que não estavam propondo o ensino da história da criação do Gênesis nas escolas, “mas mostrar que os fatos da ciência podem ser explicados a partir dos termos do modelo científico da criação”. (NUMBERS, 2014, p. 177).

Para entender os eventos que apresentaremos, é importante saber o significado do conceito “fundamentalismo” e o contexto em que se deu tal significado, para retornarmos a abordar sobre a interferência dos movimentos criacionistas no currículo escolar americano. Então, trabalharemos esse conceito e, posteriormente, retornaremos ao tema principal deste subcapítulo.

2.5 Fundamentalismo

Segundo Braga (2016) e Scott (2009), no final do século XIX e começo do século XX, teoria da evolução biológica ganha força e expande sua influência na Europa e EUA. Para Scott, isso estaria relacionado ao crescimento do pensamento naturalista dentro da ciência, pois “uma vez que as explicações naturais permitiam inferências mais testáveis e fáceis do que as causas sobrenaturais”²¹. Braga, analisando o posicionamento de Scott, escreve que, de acordo com a autora, “apesar do fortalecimento do naturalismo e da teoria da evolução biológica na ciência, a teoria de Darwin ainda não era ensinada nas escolas americanas no começo do séc. XX. Isto acontecia, de acordo com Scott (2009), por conta do sistema descentralizado de educação do EUA” (BRAGA, 2016, p. 23), com o sistema descentralizado cada comunidade definia seu próprio currículo educacional, o que dificultava a propagação de novas ideias e modelos na educação. Outro ponto que é extremamente importante, neste caso, seria a descentralização religiosa do país, a qual não permitia uma organização hierárquica

²¹ “as natural explanations provided more testable and reliable inferences than supernatural causes”. *Evolution vs Creationism An Introduction*, 2009, pág. 90 - nossa tradução.

entre elas que levasse a uma administração central, a exemplo da igreja católica. (BRAGA, 2016, p. 23).

Porém, os elementos elencados acima não foram o motivo principal para a demora da introdução da teoria da evolução biológica nos currículos escolares, segundo Scott (2009) a reação negativa a sua entrada estaria num fundamentalismo cristão protestante. “Essa característica teria sido o principal fator motivador para a reação antievolucionista no país”. (BRAGA, 2016, p. 23).

Scott nos traz uma definição contextualizada que desejo comparar com a que Groto, baseada nesta mesma definição, e na de outros teóricos, faz. Vejamos, primeiramente, a definição de Scott:

O movimento fundamentalista no protestantismo americano é nomeado para uma perspectiva teológica desenvolvida durante as primeiras décadas do século XX. Foi encapsulado em uma série de pequenos livretos chamados coletivamente de "Os Fundamentos", publicados entre 1910 e 1915 (ARMSTRONG 2000: 171). Suas raízes, no entanto, remontam a movimentos protestantes conservadores anteriores. O fundamentalismo é, em parte, uma reação ao movimento teológico chamado modernismo que começou na Alemanha na década de 1880. O modernismo refletia uma técnica de interpretação bíblica chamada de crítica maior (*higher criticism*), que propunha olhar a Bíblia em seus contextos culturais, históricos e até literários. Histórias de criação e inundação, por exemplo, demonstraram que a comparação de textos antigos foi influenciada por histórias semelhantes de religiões não-hebraicas anteriores. Com essas interpretações, a Bíblia poderia ser vista como um produto da ação humana - com tudo o que sugere possibilidades de erro, mal-entendidos e contradições -, bem como um produto da inspiração divina.” (SCOTT, 2009, p. 97 – 98-Nossa tradução)²².

Agora vejamos o que Groto escreve a partir do pensamento de (GASPAR; AVELAR; MATEUS, 2007; SCOTT, 2009):

[...] no início do século XX que surge um movimento entre os religiosos protestantes, principalmente entre batistas, metodistas e presbiterianos²³, que visava combater, dentre outras coisas, tendências teológicas liberais vinculadas aos *estudos*

²² "The fundamentalist movement in American Protestantism is named for a theological perspective developed during the first few decades of the twentieth century. It was encapsulated in a series of small booklets collectively called The Fundamentals, published between 1910 and 1915 (ARMSTRONG, 2000, p. 171). Its roots, however, go back to earlier conservative Protestant movements. Fundamentalism is partly a reaction to the theological movement called modernism that began in Germany in the 1880s. Modernism reflected a technique of biblical interpretation called highercriticism, which proposed looking at the Bible in its cultural, historical, and even literary contexts. Creation and Flood stories, for example, were shown by comparison of ancient texts to have been influenced by similar stories from earlier non-Hebrew religions. With such interpretations, the Bible could be viewed as a product of human agency—with all that suggests of the possibilities of error, misunderstanding, and contradiction—as well as a product of divine inspiration. (SCOTT, 2009, p. 97 – 98) – nossa tradução.

²³ "Segundo Souza (2009), nessa época, nos Estados Unidos, a rejeição à evolução era mais prevalente entre batistas e presbiterianos. Os luteranos também rejeitavam à evolução, mas valorizavam a separação igreja estado e se posicionavam contrários às tentativas de proibição do ensino de evolução que se iniciariam nessa época. Os católicos eram um grupo mais dividido, mas como os luteranos, valorizavam a separação igreja e estado" (GROTO, 2016, p. 106).

bíblicos (também conhecidos como teologia modernista ou liberalismo teológico), surgidos na segunda metade do século XIX [...]. Um dos marcos desse movimento protestante foi a publicação, entre 1910 e 1915, por vários autores, de uma série de 12 livretos intitulados *The Fundamentals* financiados por dois grandes empresários da área petrolífera, fundadores, também, de uma faculdade evangélica conservadora em Los Angeles, o *The Bible Institute of Los Angeles*, atual *Biola University*. Três milhões de exemplares foram distribuídos entre sacerdotes, missionários e escolas de catequese. Cinco eram os princípios fundamentais: (1) a infalibilidade da Bíblia; (2) Cristo é divino e tem uma origem virginal; (3) Cristo morreu em expiação aos nossos pecados; (4) Cristo ressuscitou; (5) Cristo voltará à Terra ou (5') os milagres de Cristo são reais²⁴. Difundia-se, ainda, que aquele que não acreditasse nos *Princípios Fundamentais* iria para o inferno [...] (GROTO, 2016, p. 106).

As primeiras informações nas duas citações são praticamente as mesmas, citam os livretos e da teoria teológica modernista, porém, Scott menciona de onde e em que período essa teoria surgiu e explicou do que se tratava a teoria. Grotó, por sua vez, prosseguiu o percurso histórico apresentando o alcance dos livretos, quem financiou a publicação e o seu teor. Quando lemos as duas pesquisadoras, conseguimos ter um panorama mais completo. Scott nos traz a raiz do problema encontrado pelos financiadores dos livretos, e Grotó nos apresenta o que era e para onde as intenções dessas publicações eram direcionadas.

Ainda sobre os 12 livretos, Grotó afirma que:

A evolução era tratada de diferentes formas nos livretos, dependendo da confissão religiosa da qual o autor professava. Assim, alguns se posicionavam claramente contrários à evolução. Outros, a aceitavam em uma perspectiva teísta²⁵ com variações, podendo-se aceitar a evolução animal, mas não a humana ou aceitar a evolução humana, mas não por meio da seleção natural, uma vez que se entendia que a seleção natural, como proposta por Darwin, assumia o papel de Deus na criação da vida na Terra. (GROTO, 2016, p. 106-107).

Concordamos com Grotó, pois o posicionamento apresentado na citação acima reflete as variações de interpretações bíblicas, de correntes teológicas e boa parte da dinâmica presente nas discussões teológicas presentes no cristianismo protestante, devido aos posicionamentos diferentes das igrejas, que aliás, foi uma das “bandeiras” levantadas por Lutero e pelos demais reformadores da Igreja (a possibilidade de interpretação pessoal da bíblia). Ainda sobre os apontamentos de Scott a respeito do fundamentalismo:

Mas talvez a razão mais importante pela qual o antievolucionismo moderno tenha se desenvolvido aqui, e não na Europa, digamos, tenha sido a fundação do fundamentalismo entre 1910 e 1915, uma visão protestante que enfatiza a inerrância

²⁴ Segundo Gaspar, Avelar e Mateus (2007), há variações no livreto do 5º fundamento dependendo da edição considerada.

²⁵ O evolucionismo teísta compreende que Deus atua por meio das leis naturais. Pode existir, entretanto, variações no entendimento acerca de quando e como Deus interveio/intervém na natureza, particularmente no que se refere a origem dos seres humanos. De modo geral, esse posicionamento aceita todas as explicações da ciência moderna. É a posição adotada pela igreja católica e ensinada em grande parte dos seminários protestantes. (SCOTT, 2009).

da Bíblia. O fundamentalismo não foi exportado com sucesso para a Europa ou para a Grã-Bretanha, mas formou a base nos Estados Unidos para o anti-evolucionismo da era de Scopes da década de 1920 e também dos dias atuais. (SCOTT, 2009, p.).²⁶

Outro fator que Numbers aponta, relacionado ao surgimento do antievolucionismo organizados nos EUA, estaria ligado aos eventos ocorridos no início do século XX, nos quais professores de biologia eram acusados de intolerância e insensibilidade na forma como abordavam a evolução nas aulas.

Braga (2016), utilizando a obra *Fundamentalism Observed* publicada em 1991, (obra que faz parte de uma coletânea de 5 volumes que estudam o fundamentalismo religioso, tanto o cristão, quanto o islâmico ou o judaico ou até mesmo o hindu) comenta as 4 características do fundamentalismo cristão protestante, apresentadas nesta obra por Ammermam, que seriam: 1) o evangelismo, 2) a inerrância do texto bíblico, 3) o prémilenarismo²⁷; e, por último, 4) o separatismo. Segundo Deiros (1991), existe uma diferença entre o termo fundamentalista aplicado nos EUA e aquele aplicado no Brasil. Lá é utilizado majoritariamente como um substantivo. “Ele refere-se a um grupo social estruturado e que se reconhece dessa forma. No caso do Brasil, essa palavra é usada como um adjetivo, pois serve para indicar que certo grupo ou indivíduos defendem certas ideias, ideais, políticas e/ou opiniões.” (BRAGA, 2016, p. 30).

É possível concordar com Braga e Deiros quando apontam a diferença do significado de fundamentalismo entre os dois países, porém Braga continua desenvolvendo seu pensamento por um caminho que acreditamos não condizer com o que conhecemos da história

²⁶ But perhaps the most important reason that modern antievolutionism developed here rather than in, say, Europe, was the founding in 1910–1915 of fundamentalism, a Protestant view that stresses the inerrancy of the Bible. Fundamentalism was not successfully exported to Europe or Great Britain, but it formed the basis in the United States for the antievolutionism of the 1920s Scopes era as well as the present day. (SCOTT, 2009, p. 94, nossa tradução).

²⁷ O prémilenarismo é uma teoria teológica que desperta muita discussão no meio protestante. Para não fugir ao contexto colocado por Braga, segue o comentário que ele tece a respeito do conceito “[...] de acordo com Ammermam (1991), consiste na perspectiva de que as profecias descritas na Bíblia acerca do fim do mundo, retorno de Jesus Cristo e/ou dia do julgamento de deus ainda estão por vir e acontecerão assim como descrito. Essa perspectiva relaciona-se a característica acima descrita. Se o texto bíblico é infalível, logo a descrição contida nele sobre o fim do mundo está correta também. Ainda segundo essa autora, tal perspectiva é acompanhada pela ideia do arrebatamento, evento no qual aqueles fiéis a deus seriam tirados da terra para que não sofressem com os eventos profetizados no livro de Apocalipse. Para Ammermam (1991), essas posturas implicam que os fundamentalistas sejam dispensacionalistas, ou seja, eles dividem a história em períodos muito claros, separados por atos de deus. Nesses períodos a salvação seria dispensada de maneira única correspondente a cada período. Seriam sete as dispensações: primeiro viria o período da Inocência; depois o da Consciência ou Antidiluviano; em seguida o do Governo Humano; o Patriarcal; e o período Mosaico ou da Lei. Esses cinco momentos podem ser agrupados num período maior, que seria o da lei. Em seguida vem o período da Graça, na qual nos encontrámos agora; e, por último, viria o Reino Milenial, após os membros de igreja serem arrebatados e a Terra passar pelos sete anos de tribulação. Por fim, chegar-se-ia ao reino eterno de Deus, o qual não seria uma dispensação, mas o objetivo final de toda história humana. Ainda que a Bíblia seja vista de maneira literal, as profecias são interpretadas como mensagens codificadas. Por exemplo, Ammermam (1991) afirma que quando uma profecia se refere a uma semana, sete dias, isso pode ser interpretado como sendo sete anos, exércitos vindos do norte como forças soviéticas ou, mais recentemente, com os eventos do 11 de setembro. Os fiéis procuram cruzar as profecias com eventos históricos e acontecimentos recentes a fim de tentar saber quando acontecerá o arrebatamento.” (BRAGA, 2016, p. 29).

do protestantismo no Brasil. Vejamos, a seguir, o que o autor comenta sobre como o protestantismo é trazido ao nosso país:

Uma das razões para que isso ocorra, ainda segundo esse autor, é que o protestantismo é trazido ao Brasil majoritariamente por igrejas pentecostais e evangélicas, e não as fundamentalistas, sendo a principal delas a Assembleia de Deus. Deiros (1991), afirma que três quartos dos membros de igrejas protestantes no Brasil fazem parte dessa igreja, no momento em que sua pesquisa foi publicada. (BRAGA, 2016, p. 30).

Como mencionamos, não concordamos com afirmação acima. Em primeiro lugar, começemos com a questão de que a igreja Assembléia de Deus é fundada no Brasil por missionários (de nacionalidade sueca) da igreja Batista dos EUA. Gunnar Vingren e Daniel Berg chegaram em Belém do Pará em 19 de novembro de 1910²⁸ e fundaram a igreja Assembléia de Deus em 1911. Como esses missionários eram adeptos de uma nova doutrina na qual havia batismo no Espírito Santo, e essa doutrina causava divergências na igreja Batista da época, os adeptos da doutrina pentecostal foram desligados da igreja em 18 de junho de 1911²⁹ e, posterior ao desligamento, houve todo um processo de constituição e organização denominacional, mas a primeira igreja Assembléia de Deus foi fundada em 1911 na cidade de Belém do Pará, e ela é até hoje conhecida como a igreja mãe das Assembléias de Deus. Em segundo lugar, o protestantismo é trazido ao Brasil antes da primeira onda pentecostal americana ocorrida na década de 1960 (que no Brasil ficou conhecida como segunda onda pentecostal). Em terceiro lugar, é extremamente complicado agrupar ou definir um grupo de igrejas como evangélicas ou não, a não ser que a definição seja estritamente relacionada ao envio de missionários.

Durante a guerra civil americana, muitas igrejas sulistas enviaram missionários para o Brasil, e acreditamos que o objetivo principal era o de expandir a presença do cristianismo protestante, e por consequência, a expansão das igrejas, mas também existe o fato de que aqui ainda era permitido escravizar pessoas negras, e isso motivou um grupo de americanos (de estados sulistas) imigrarem para o Brasil. Não é possível confirmar a hipótese de que pessoas desse grupo faziam ou não parte das missões ou das igrejas que enviaram missionários, pois as missões ocorreram em anos diferentes e com processos diferentes, mas o fato de um grupo de americanos vir morar no Brasil pode ter influenciado ou reforçado, de alguma maneira, o interesse das missões das igrejas sulistas para atender a própria população americana.

²⁸ Souza Matos, Alderi de. Centenário do movimento pentecostal. *FIDES REFORMATA XI*, Nº 2 (2006): 23-50

²⁹ Corten, André; Echalar, Mariana N. R. (1996). Vítorio Mazzuco, OFM, ed. Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 66.

Contudo, seria necessária uma pesquisa própria para investigar esse fenômeno missionário, o que foge aos objetivos desta presente pesquisa.

Segundo Deiros, existem três grandes linhas do protestantismo na América do Sul, o protestantismo histórico, o protestantismo evangélico e os pentecostais. Os históricos estão relacionados às igrejas que surgiram com a Reforma Protestante, exemplos de igrejas são as igrejas Luterana, Anglicana e Presbiteriana. Chegaram ao Brasil principalmente por imigrantes europeus no final do século XIX, mas também por missionários dos EUA.

Os evangélicos, que segundo Deiros conta com o maior número de adeptos, possuem igrejas descendentes de igrejas evangélicas americanas como Batista e Presbiteriana, porém o autor reconhece que não é uma tarefa fácil definir o que é uma igreja evangélica devido ao uso que dele se faz no Brasil, comumente usado como adjetivo qualificativo, e não como um substantivo para definir um grupo ou doutrina; além disso, o termo é usualmente reivindicado por diversos grupos independentes. “Porém, Deiros (1991) caracteriza-os por sua ênfase na autoridade da bíblia; na conversão pessoal como uma experiência de fé em Jesus Cristo, o que os separa dos não convertidos e pela ênfase na prática da evangelização como a principal dimensão do cristão.” (BRAGA, 2016, p. 30-31).

Sobre os pentecostais nos deparamos com outro ponto de discordância. Vejamos:

A terceira linha é o pentecostalismo. Segundo Deiros (1991), ela chega à América Latina através de missionários do EUA e Europa e por movimentos independentes de igrejas evangélicas já instaladas. Essa linha se assemelharia à linha evangélica, mas enfatiza também uma experiência com o espírito santo, o qual se manifestaria por meio de dons, como falar em línguas e profecias.

É necessário fazer uma observação muito importante aqui, pois se o autor quer transmitir a ideia de que as igrejas pentecostais enviaram missionários, não podemos concordar, pois até onde se sabe, as primeiras igrejas denominacionais pentecostais foram fundadas no Brasil, a saber, Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembléia de Deus (1911).

Entretanto, se o autor pretendeu dizer que alguns dos missionários enviados pelas missões de igrejas americanas e europeias acreditavam na doutrina pentecostal, e faziam parte de algum grupo pentecostal independente, neste caso não existe objeção; uma vez que foi justamente o que aconteceu na fundação das igrejas que acabamos de mencionar, havia pessoas que acreditavam na manifestação dos dons espirituais naquela época, e muitos deles foram duramente criticados e expulsos de suas igrejas. O movimento nunca morreu e na década de 1960 houve a primeira onda pentecostal nos EUA, e a segunda onda no Brasil, bem

como o número de pentecostais aumentou drasticamente nestes países, sendo que, pouco tempo depois, surgiram os neopentecostais.

2.6 O antievolucionismo nos EUA: *Butler Act* e o Caso Scopes

Scott (2009), faz a divisão do antievolucionismo nos EUA em três períodos:

O antievolucionismo nos Estados Unidos pode ser dividido em três períodos. Durante o primeiro, os antievolucionistas trabalharam para aprovar uma legislação que eliminaria a evolução da sala de aula e dos livros didáticos. Quando as leis que restringiam o ensino da evolução foram finalmente derrubadas, a ciência da criação se desenvolveu, provocando o segundo grande período do antievolucionismo americano ... Quando as leis que promovem tempo igual para a ciência da criação foram derrubadas, as forças antievolucionistas se reagruparam sob um conjunto diversificado de esquemas, incluindo várias reembalagens da ciência da criação, bem como algumas novas ofertas. (SCOTT, 2009, p. 95)³⁰

Em 1920, o número de americanos que frequentava a escola secundária aumentou, e nesse período o ensino da evolução já fazia parte do currículo escolar, consequentemente significava um aumento de americanos expostos a teoria da evolução biológica, o que despertou uma reação dos fundamentalistas cristãos que proibiram o ensino da teoria nas escolas públicas dos estados sulistas do país. Em decorrência dessa proibição, houve o julgamento do caso Scopes.

Essa situação levou à ocorrência do caso Scopes, o qual foi mostrado no filme *O vento será tua herança*, dirigido por Stanley Kramer, e ocorreu no ano de 1925. Nesse caso, um professor do estado do Tennessee, John Scopes, foi condenado por ensinar o darwinismo na escola pública e, ainda que a defesa do caso, feita por Clarence Darrow, tenha sido considerada, por muitos, brilhante, a corte estadual determinou que a proibição do ensino do darwinismo fosse constitucional. John Scopes foi convencido a se opor a lei que impedia o ensino do darwinismo e evolucionismo nas escolas públicas americanas pela *American Civil Liberties Union* (ACLU), a qual foi fundada em 1920 por Crystal Eastman, Roger Baldwin e Walter Nelles e tem como objetivo garantir os direitos e defender as liberdades individuais dos cidadãos dos EUA. (BRAGA, 2016, p. 24).

Vemos aqui um dos períodos descritos anteriormente por Scott, o primeiro período dos três onde os antievolucionistas trabalharam para aprovar uma legislação que eliminaria a evolução das salas de aula e dos livros didáticos.

³⁰ Antievolutionism in the United States can be divided into three periods. During the first, antievolutionists worked to pass legislation that would eliminate evolution from the classroom and textbooks. When laws restricting the teaching of evolution were eventually struck down, creation science developed, bringing about the second major period of American antievolutionism... When laws promoting equal time for creation science were eventually struck down, antievolution forces regrouped under a diverse set of schemes, including various repackagings of creation science as well as some new offerings. (SCOTT, 2009. p. 95) – nossa tradução.

Para Scott, “os fundamentalistas se tornaram a tropa terrestre das campanhas para libertar as escolas da evolução. Eram motivados por sentimentos religiosos e por uma preocupação de ser a evolução a fonte de muitas tendências sociais negativas ou corrosivas”. (2009, p. 98). Existia um motivo para que os fundamentalistas se preocupassem com questões políticas e sociais relacionadas à evolução, e um deles estava vinculado às ideias eugênicas em voga na Alemanha, um entendimento equivocado das ideias de Darwin contextualizadas na Primeira Guerra Mundial. “As preocupações dos fundamentalistas se voltavam, também, ao contexto do capitalismo estadunidense. Rockefeller e outros, à época, faziam interpretações equivocadas das ideias evolutivas justificando a opressão imposta aos mais fracos pelo sistema capitalista.” (GROTO, 2016, p. 107). É preciso saber que um dos motivos para o surgimento do antievolucionismo é a impopularidade do darwinismo social:

No início do século XX, entretanto, começam a surgir os primeiros movimentos antievolucionistas mais organizados em território estadunidense. Isso decorre, segundo Scott (2009), de uma série de fatores característicos da época: ampliação do acesso à educação secundária; a impopularidade do darwinismo social após a I Guerra Mundial; e o surgimento do protestantismo fundamentalista. Uma das vertentes³¹ do darwinismo social, que tem em Herbert Spencer³² um dos seus principais representantes, buscava aplicar os conceitos científicos desenvolvidos por Darwin à sociedade humana (BROOKE, 2003). Dessa forma, justificava-se injustiças sociais e preconceitos contra grupos específicos utilizando-se da ideia da “luta pela existência” e da “sobrevivência do mais apto”. Entende-se que o darwinismo social, uma interpretação considerada equivocada do pensamento evolutivo, forneceu a base teórica para o movimento eugênico e para ideias vinculadas ao nazismo, ao fascismo e ao imperialismo durante a primeira metade do século XX. Neste sentido, as críticas à evolução, nessa época, passaram a ser, também, não apenas religiosas, mas políticas. O acesso cada vez maior ao conhecimento evolutivo nas escolas públicas secundárias, associadas a essas críticas, iniciou uma forte reação contrária ao seu ensino. (GROTO, 2016, p. 105-106).

Como já indicado anteriormente, a maioria dos membros das associações antievolucionistas organizadas eram formadas por fundamentalistas, mas nem todos criacionistas, e diríamos que dentro de um universo de pessoas criacionistas, os fundamentalistas não são maioria, embora sejam um grupo coeso, passam a imagem de serem numerosos, e de que todos os criacionistas, ou a maioria deles, são fundamentalistas. Porém, como é possível observar, na citação acima, nesse dado momento, o darwinismo social era um

³¹ “[...] nas suas primeiras formas, o darwinismo social britânico teve uma face liberal. Havia elementos na síntese de Darwin que apontavam para a reforma social, especialmente, para a eliminação dos privilégios aristocráticos. O estatuto conferido pelo nascimento, mais do que pelo mérito, era suscetível à crítica de que protegia artificialmente membros ociosos e improdutivos da sociedade. A propriedade de terras poderia desencorajar a iniciativa econômica e os privilégios desfrutados pelos varões da pequena nobreza provocaram até comentários ao próprio Darwin [...]” (BROOKE, 2003, p. 284).

³² Herbert Spencer foi uma das 80 pessoas selecionadas por Darwin para receber um exemplar da primeira edição de *A origem das espécies*, em 1859 (BROWNE, 2008).

ponto de confluência tanto para fundamentalistas quanto para antievolucionistas de diversas perspectivas, pois foi um motivador para o ressurgimento do movimento antievolucionista.

Houve a utilização do darwinismo social como argumento contrário a teoria da evolução biológica, pois, utilizando esse entendimento equivocado, os antievolucionistas afirmavam que a teoria da evolução biológica justificava as injustiças sociais, o preconceito contra grupos específicos, o nazismo, o fascismo e várias outras situações negativas.

Segundo Scott (2009, p. 91) “em 1890 havia, aproximadamente, 200.000 alunos frequentando a escola secundária nos Estados Unidos. Em 1920, esse número estaria próximo de 2.000.000 de estudantes”. Em 30 anos o número de pessoas frequentando o Ensino Médio cresceu exponencialmente, então seria preciso fazer uma reflexão sobre o quanto de informação o movimento antievolucionista possuía, para entender se eles acreditavam na informação equivocada como sendo o que Darwin defendia, ou se essa foi mais uma estratégia para minar o ensino da evolução nas escolas; porém, não disponho de dados históricos ou científicos para realizar tal reflexão, somente para analisar os desdobramentos que se seguiram. Desta forma, apesar de o darwinismo social ser um ponto importante e motivador para a interferência, tanto dos fundamentalistas quanto dos antievolucionistas organizados, nos currículos escolares, não será possível analisar este aspecto sobre o quanto de informação eles possuíam, mas das ações que eles tomaram.

Acrescentando a essa conjuntura - darwinismo social, capitalismo estadunidense, Rockefeller e outros interpretando a evolução social - juntar-se-á também William Jennings Bryan, que então, é quem dá contornos políticos ao movimento antievolucionista e, em 1922, inicia, no estado do Kentucky, um movimento que exigia o banimento do ensino da evolução biológica das escolas públicas, porém seu interesse não era restrito somente a este estado, ele queria difundir esse movimento em todo o país. Poucos anos depois, um político do estado do Tennessee propõe um projeto de lei que proibia o ensino da evolução nas escolas públicas, e em 1925 é promulgado pelo estado do Tennessee o *Butler Act* que também fica conhecido como *Lei do Macaco*. (GROTO, 2016).

No Tennessee, o Butler Act, que recebe esse nome devido ao nome do político que o propôs, foi aprovado pela Câmara dos Deputados do estado do Tennessee sem a promoção de um debate qualificado sobre a questão. O debate ocorreu, entretanto, no Senado que ouviu depoimentos contrários e a favor da sua aprovação. Os cientistas ouvidos, em sua maioria, se posicionaram contrários, já os religiosos ficaram divididos. Os mais fundamentalistas foram favoráveis à sua aprovação alegando preservação da fé das crianças. Os mais liberais, por sua vez, tomavam posição contrária alegando ferimento a laicidade do Estado. Apesar do debate tender para a sua rejeição, a “Lei do Macaco” foi aprovada por pressão da opinião pública da população do Tennessee, favorável ao banimento do ensino da evolução das escolas públicas do estado. (GROTO, 2016, p. 109).

Percebe-se que havia pressa na Câmara para aprovar o *Butler Act*, é estranho observar que, mesmo com posicionamento contrário dos cientistas e sem uma concordância entre os religiosos, houve a aprovação da lei. É difícil ter um posicionamento exato sobre os contornos que levaram a aprovação desta lei, pois a “pressão da opinião pública” da população do Tennessee pode ser vista como tão complexa quanto a própria estrutura da nação dos EUA, onde não há uma centralização como no Brasil. O Tennessee é um estado do sul daquele país, e quase todos os estados do sul fazem parte do Cinturão Bíblico (Bible Belt), que é uma região geralmente conhecida por seu conservadorismo. Tem como parte de sua cultura a prática do protestantismo por grande parte de sua população e a elevada importância da Bíblia entre os protestantes, que é um dos “solas”³³ da reforma protestante, *sola scriptura* (somente a escritura) que é a primazia da Bíblia e a interpretação pessoal dela pelo fiel.

Após a publicação do *Butler Act* a *American Civil Liberties Union* (ACLU) organizou uma estratégia para alegar a inconstitucionalidade da lei na Suprema Corte, pois ela feria a primeira emenda da Constituição americana³⁴. O ponto central da estratégia da ACLU era levar a ação para a Suprema Corte.

O julgamento teve duração de 11 dias, no período de 10 a 21 de julho de 1925, sendo o primeiro transmitido ao vivo pela rádio nos EUA, o que abriu um precedente para que isso ocorresse a partir de então. A defesa levou cientistas e religiosos favoráveis a evolução, pois todos esperavam que o julgamento se transformasse num campo de batalha entre evolução e criação, mas a acusação alegou que o caso se tratava de julgar a ação de Scopes, se sua ação foi ilegal ou não perante a lei do Tennessee.³⁵ Tanto a defesa quanto a acusação sabiam que a

³³ Foram formulados cinco “Solas” ou cinco ensinamentos na Reforma Protestante, eles funcionam como credos teológicos entre os reformadores *Sola scriptura* (somente a Escritura), *Sola fide* (somente a fé), *Solus Christus* (somente Cristo), *Sola gratia* (somente a graça) e *Soli Deo gloria* (glória somente a Deus).

³⁴ De acordo com a primeira emenda da Constituição americana: “O congresso não legislará no sentido de estabelecer uma religião, ou proibindo o livre exercício dos cultos; ou cerceando a liberdade de palavra, ou de imprensa, ou o direito do povo de se reunir pacificamente, e de dirigir ao Governo petições para a reparação de seus agravos”. (GASPAR; AVELAR; MATEUS, 2007, p. 137).

³⁵ Na verdade, houve um motivo para a acusação não fazer o debate da criação *versus* evolução, que foi a recusa dos cientistas convidados pela acusação. Se não houvesse o interesse inicial de discutir os posicionamentos tanto da criação, quanto da evolução, o próprio Bryan não teria participado do julgamento, pois ele era um presidenciável, não haveria motivos para se envolver num caso de uma cidade pequena para alegar um simples detalhe técnico como argumento principal. O caso passou a ter toda repercussão que teve por contar com grandes personalidades da época e pelo desejo popular pelo debate das posições contrárias. Eis o que aconteceu para que não ocorresse o debate: “Grande parte dos cientistas que foram convidados por Bryan, para discutir o mérito científico da evolução, como especialistas da acusação, declinaram ao convite. Apesar de serem defensores da criação, alguns alegaram considerar a evolução possível como hipótese, por exemplo. Outros, criticavam o empenho de Bryan na cruzada pela proibição do ensino da evolução como uma tentativa de impedir com que os indivíduos pensassem por si próprios” (NUMBERS, 2006). Porém George McCready Price, o mesmo Price que trabalhamos no começo deste capítulo, à época do julgamento de Scopes, era considerado a principal autoridade científica vinculada aos fundamentalistas e por isso, “foi um dos especialistas em ciência convidado por Bryan para testemunhar pela acusação no caso Scopes. Seu testemunho, entretanto, não foi aceito pela defesa. Darrow alegou que Price não era uma autoridade científica na área da geologia, mas sim um ‘charlatão e mentiroso’ (NUMBERS, 2006).”

resposta para essa alegação era positiva, Scopes havia agido ilegalmente quando ensinou evolução, desta forma seria considerado culpado e esse era o desejo tanto da defesa quanto da acusação. Mesmo prevendo o veredito do julgamento, houve acontecimentos dignos de relato.

Em 21 de julho de 1925 sai o resultado do julgamento considerando Scopes culpado, devendo pagar 100 dólares de multa. Gould (2002) e Groto (2016) afirmam que mesmo o julgamento sendo bem documentado, afinal de contas ele recebeu cobertura da imprensa para todo o país, não impediu a disseminação de distorções dos acontecimentos devido a “liberdade poética”, pois foram produzidos uma peça de teatro e um filme inspirados no julgamento. Scopes não foi perseguido por fundamentalistas fanáticos ou mesmo preso. E Bryan morreu uma semana após o julgamento, diferente do que se disseminou, que ele morrera em pleno tribunal.

Além da disseminação de informações distorcidas, há o aspecto das reverberações do resultado do julgamento, pois apesar de o *Butler Act* fixar o valor de 100 dólares de multa mínima para quem a descumprisse, a lei do Tennessee determinava que multas acima de 50 dólares deveriam ser fixadas pelo júri. Desta forma, o Juiz não deveria ter estipulado a multa. O erro não foi percebido pela equipe de advogados que acompanhava Darrow e nem mesmo pelo juiz. Em janeiro de 1927 a condenação de Scopes é anulada por erro técnico e a ACLU não pôde recorrer a Suprema Corte, que foi o objetivo principal desde o início.

Após o julgamento de Scopes, ou julgamento do macaco, como também ficou conhecido o episódio, cerca de 20 estados americanos discutiram sobre leis antievolucionistas até 1930. Tennessee, Mississippi e Arkansas proibiram o ensino de evolução nas escolas públicas. (GROTO, 2016, p. 113).

Aproximadamente em 1963 houve iniciativas de revogação das leis antievolução nos estados que as possuíam. No estado do Tennessee, por exemplo, a primeira tentativa de revogação foi fracassada, pois deputados fundamentalistas associavam evolução ao comunismo, o que impediu a queda do *Butler Act* em 1923, porém em 1968 a Suprema Corte decreta sua constitucionalidade, “como resultado da apelação à corte estadual do Arkansas pela professora de biologia Susan Epperson (caso Epperson vs Arkansas)³⁶. Após uma derrota na primeira instância, a apelação à Suprema Corte sai vitoriosa.” (GROTO, 2016, p. 117) Após a decisão da Suprema Corte, todas as leis estaduais que proibiam o ensino da evolução são derrubadas por violação da Primeira Emenda da Constituição dos EUA. 43 anos depois do “Caso Scopes”.

³⁶ Para mais sobre o processo (Epperson v. Arkansas, 393 US 97 (1968)). Disponível em: <https://supreme.justia.com/cases/federal/us/393/97/>

3 - TDI: TEORIA E MOVIMENTO

3.1 O surgimento do movimento do Design

Os criacionistas, após a decisão da Suprema Corte em 1968, abandonaram os projetos de tornar o ensino da evolução ilegal e se voltaram para uma legislação que permitisse o ensino da ciência da criação junto ao da evolução. (NUMBERS, 2014).

Como nos EUA existe uma separação constitucional entre Igreja e Estado, os criacionistas buscavam firmar *status* de ciência a suas visões e, desta forma, contornar a separação constitucional que impedia o ensino religioso nas escolas. A Constituição Norte Americana proíbe o Congresso de aprovar quaisquer “leis que digam respeito ao estabelecimento da religião ou que proíbam seu livre exercício.” (NUMBERS, 2014, p. 178). A Suprema Corte interpretava essa passagem literalmente antes da Segunda Guerra Mundial, mas no final da década de 1940 ela entendeu que a Constituição estipulava uma separação entre a Igreja e o Estado. Naquele momento histórico, de acordo com pesquisas de opinião pública, metade dos adultos nos Estados Unidos acreditava que Deus havia criado Adão e Eva e que a raça humana teve início ali. Um movimento em prol de um “tratamento balanceado”³⁷ passou a ter apoio popular.³⁸ Os estados do Arkansas e da Louisiana adotaram a abordagem a partir dos dois modelos.

Em 1982, um juiz federal do Arkansas, que fora orientado pelo filósofo Michael Ruse (1940) sobre os critérios de demarcação que supostamente distinguiram a ciência da não-ciência, declarou que a lei do Arkansas infringia os requisitos constitucionais para manter a separação da Igreja e do Estado; a Corte Suprema dos Estados Unidos ratificou esses julgamentos em 1987, embora permitindo, nas palavras de um dos juízes, que “o ensino de várias teorias científicas sobre as origens da humanidade para as crianças em idade escolar possa ser válido, com a clara intenção secular de aumentar a efetividade da instrução científica”. (NUMBERS, 2014, p. 178).

Como mencionado no capítulo anterior, muitos cientistas criacionistas acreditavam que sua versão diluída do criacionismo, ou o tratamento balanceado, fosse passar pelo filtro constitucional, porém, após a decisão da Suprema Corte, suas esperanças sofreram um grande golpe, embora tal decisão não diminuisse a antipatia que existia nos Estados Unidos para com

³⁷ O tratamento balanceado visava o ensino tanto da evolução quanto da criação.

³⁸ “The Christianity Today-Gallup Poll: an Overview”. Christianity Today. 21 de dezembro de 1979, p. 12-15. Desde 1983, o instituto Gallup avalia a porcentagem de americanos que comungam da ideia do “criacionismo, ou seja, da ideia de que Deus criou os seres humanos mais ou menos da maneira como eles são em algum momento nos últimos 10 mil anos”. Entre 1982 e 2008, o número variou entre 43 e 47%. ver www.gallup.com/poll/21814/Evolution-Creationism-Intelligent-Design.aspx (NUMBERS, 2014, p. 178).

a teoria evolução biológica (NUMBERS, 2014). É preciso lembrar que, tamanha era a antipatia, que o motivo do julgamento era decidir pela constitucionalidade de uma lei estadual que proibia o ensino da evolução no Tennessee, o conhecido *Butler Act*. Dos desapontados, havia dois que se destacavam, Dean H. Kenyon e Percival Davis, autores do manuscrito que seria intitulado *Biology and Creation*, pois ambos se anteciparam na demanda por livros didáticos para o Ensino Médio. A editora estimava 6,5 milhões de dólares em cinco anos, porém, com a decisão contrária ao criacionismo pelas cortes, Kenyon e Davis precisaram reformular seu manuscrito. Sobre essa questão, Numbers escreve:

[...] Kenyon e Davis rapidamente higienizaram seu manuscrito ao substituir o título original por *Of Pandas and People* e trocando as palavras “criação” e “criacionistas” por eufemismos como “Design Inteligente” e “Proponentes do Design”. Como eles o definiram o *Design Inteligente* forneceu uma estrutura de referências que “localizava a origem de novos organismos em uma causa imaterial: em uma planta, um plano, um padrão divisado por um agente inteligente”. (NUMBERS, 2014, 179).

Of Pandas and People foi projetado para ser um trabalho criacionista comum, valendo-se da onda do ensino da ciência criacionista que era lecionado em algumas escolas, principalmente de alguns estados sulistas americanos, porém, o livro acabou sendo lançado como algo novo, não uma obra criacionista convencional, mas uma obra antievolucionista nova, o Design Inteligente.

Alguns apontam *Of Pandas and People* como a obra que deu origem ao movimento do Design Inteligente, mas Numbers (2014) afirma que o movimento teve início no começo da década de 1990, com a publicação do tratado antievolucionista *Darwin on Trial* (1991) escrito por Phillip E. Johnson (o mesmo que criou o centro de pesquisas no Discovery Institute), um professor de direito de Berkeley. Johnson, um presbiteriano leigo, aborrecido com o barulho “anticristão” de darwinistas como Richard Dawkins, decidiu expor o que ele via como a fraqueza lógica do caso da evolução, “particularmente o pressuposto apresentado por seus advogados de que o naturalismo é a única maneira legítima de fazer ciência”. (NUMBERS, 2014, 179).

Desde que os investigadores da natureza do início do século XIX afastaram-se da filosofia natural (que permitia os apelos ao sobrenatural) e aproximaram-se da ciência (que não o fez), os praticantes, a despeito de suas afiliações religiosas, evitaram invocar forças divinas ou diabólicas para explicar o funcionamento da natureza. Em outras palavras, explicar a natureza naturalmente tornou-se a característica definidora da ciência, tanto para cristãos quanto para ateus. Em contraste ao naturalismo metafísico, que negava a existência de um Deus transcendente, esse naturalismo metodológico supostamente não trazia nenhuma implicação acerca da existência de Deus. (NUMBERS, 2014, 179-180).

Aqui vemos alguns elementos que motivam nossa pesquisa. Numbers (2014) afirma que até o início do século XIX era possível invocar elementos sobrenaturais para explicar a natureza, por meio da filosofia natural que permitia apelos ao sobrenatural. O Argumento do Desígnio (AD) continuou dentro da teleologia natural, enquanto o Design Inteligente buscou *status* científico, embora suas teses sejam essencialmente as mesmas que o AD, como, por exemplo, os seres humanos sejam o produto de um plano de um agente inteligente. É preciso fazer uma distinção quando nos referimos às similaridades entre o AD e a Teoria do Design Inteligente (TDI). Até aqui, o que é apresentado como a origem da TDI propriamente dita foi a publicação do tratado antievolucionista de Johnson, porém, várias pesquisas apresentam que o que provocou maior destaque à TDI foi o lançamento do livro *Of Pandas and People*, que seria um livro produzido para o ensino da ciência criacionista. Entendemos que Johnson, junto ao grupo de pessoas ligadas ao Discovery Institute e ao ICR, deram origem a TDI³⁹, porém demonstraremos que a TDI e o AD defendem as mesmas proposições da teologia natural.

Até onde foi possível analisar, a partir das referências utilizadas nesta pesquisa, o AD não é mencionado nos textos da TDI. A proposição, que é anterior à própria TDI e ao livro *Of Pandas and People*, era comum também na época em que Darwin estudava. Resumindo, o que desejamos demonstrar com esse raciocínio é que, possivelmente, a substituição dos termos “criação” e “criacionismo” por “Design Inteligente” e “Proponentes do Design” pode ter motivação histórica e até mesmo teológica, já que o grande divulgador da “teoria”, William Paley, era teólogo protestante e fez o AD ser amplamente divulgado em sua época.

A princípio, quando refletíamos sobre a TDI, decidimos analisar as duas possibilidades, a primeira dela não possuir ligações e pretensões religiosas e a segunda, dela possuir ligações e pretensões religiosas. A TDI é constituída, em sua maioria, por pessoas criacionistas, elas invariavelmente possuem, de algum modo, alguma influência religiosa. Elas possuem ligações religiosas no nível pessoal, mas e quanto ao nível institucional? Pudemos observar os eventos históricos que levaram a organização de associações criacionistas, como fruto destes eventos e associações o grupo que começou a defender o DI como uma possibilidade de explicar a origem da vida de uma forma diferente à teoria da evolução biológica foi um dos grupos dessas associações criacionistas, conforme veremos a seguir.

O grupo inicial do movimento do DI seriam as pessoas que iniciaram o ICR e o Discovery Institute, já a finalidade e o conjunto de ações desse grupo seriam a estratégia

³⁹ A TDI afirma que a origem da vida e do universo podem ser explicadas de forma diferente das teorias científicas. O universo foi projetado pelo Designer Inteligente e é possível detectar a ação do Designer através da observação da natureza.

conhecida como The Wedge (A Cunha), que tem como objetivo se opor à teoria da evolução biológica e tornar a TDI a explicação mais defendida para a origem da vida.⁴⁰ Quando nos referimos ao movimento da TDI, tal referência é, inicialmente, sobre o grupo de pessoas ligadas ao *Discovery Institute* e a estratégia da Cunha (que será apresentada mais adiante).

As leis antievolucionistas foram derrubadas pela Suprema Corte e o ensino do criacionismo sofreu o mesmo destino. Um grupo de cientistas criacionistas, após essas decisões, fundam o CRCS no *Discovery Institute* e passam a produzir artigos e “pesquisas” defendendo a existência de um designer e que a vida é fruto de um planejamento. Não bastasse a produção de pseudo-pesquisas, criaram a estratégia da Cunha (*The Wedge*) que é a prova material de que esse grupo planejou a disseminação da TDI e planejou o ensino desta “teoria” nas instituições de ensino. O movimento é composto por pessoas, em sua maioria, com nível superior de escolaridade, de diversas áreas, como biologia, química, bioquímica, matemática, até áreas como filosofia, direito, engenharia e várias outras. Na origem do movimento todos eram cristãos, em sua maioria protestante. Hoje o grupo que mais se aproxima e faz parte desse movimento são os protestantes, mas também existem católicos e agnósticos que fazem parte do grupo. O único ponto em comum dos que participam do movimento do DI se baseia no pensamento de que as coisas foram criadas por um designer e que elas foram criadas num estado perfeito. Entretanto, quem é esse designer, e como as coisas foram criadas, são perguntas das quais nem todos questionam ou percebem da mesma forma. Os pensamentos e teses dos participantes do movimento do DI são diferentes, alguns pensam que o designer seria como o Deus cristão, outros não tem certeza de como é o designer e tem até mesmo os que cogitam a possibilidade de o designer ser uma raça alienígena com tecnologia e compreensão da vida e universo superiores às nossas.

Voltando a Johnson, este discordava que o naturalismo metodológico não trouxessem implicações sobre a existência de Deus.⁴¹ Para ele, quase não existia diferença entre

⁴⁰ De acordo com o dicionário da Academia brasileira de letras, movimento é: “6. Grupo, organização, partido etc., que visam a um objetivo comum: movimento antitabagista; movimento das Diretas, Já!” O dicionário também estabelece como definição de movimento “7. Corrente ou tendência (social cultural, artística etc.) que visam a uma mudança de ideias ou atitudes: movimento feminista; movimento modernista. Já o dicionário da UNESP define como “2 série de atividades organizadas com um fim comum, mobilização”. Por isso defendemos como movimento da TDI o grupo de pessoas que defendem a TDI e que estejam vinculados ao *Discovery Institute* de alguma forma. O objetivo em comum é o antievolucionismo darwiniano e a estratégia da Cunha. Sobre a liderança deste movimento está o *Discovery Institute*. O instituto é anterior ao centro de pesquisas ICR (que funciona dentro do instituto), desta forma apontamos o instituto como o líder do movimento, pois ele é o produtor e divulgador materiais da TDI como artigos e livros e faz o papel de centralizar os defensores da TDI. Geralmente quem defende a TDI utiliza os materiais do *Discovery Institute*.

⁴¹ Sobre o materialismo metodológico e a oposição de Johnson, Numbers afirma: “Em contraste ao naturalismo metafísico, que negava a existência de um Deus transcendente, esse naturalismo metodológico supostamente não trazia nenhuma implicação acerca da existência de Deus” (2014, p. 180). Johnson, não aceitava que o naturalismo não explicasse a existência de Deus e o compara ao materialismo científico, que à época era praticamente a mesma coisa que chamar esse tipo de método científico de ciência inspirada nos pensadores do

naturalismo metodológico e materialismo científico. Nas palavras de um de seus admiradores, Johnson se propôs “a reclamar a ciência para o nome de Deus, ressacralizando a ciência”, e “Johnson arguia que se as evidências permitiam uma explicação natural, então, evocar o Design Inteligente deveria ser considerada uma resposta científica legítima. O Design Inteligente, como um *insider* admitiu, era simplesmente uma forma politicamente correta de referir-se a Deus.”⁴² (NUMBERS, 2014, 180). Podemos observar que a principal motivação de Johnson na defesa da TDI é, na verdade, defender o criacionismo com outro nome, além de buscar defendê-la como ciência e não como religião.

Outro ponto importante para demonstrar que a TDI se enquadra como um princípio teleológico é a busca por finalidade ou a motivação de determinada coisa ter sido criada. Conceitualmente defendemos que a especulação, ou seja, o princípio conceitual da TDI, seja um argumento da teologia natural, que é usado no criacionismo, mas os defensores da TDI usam uma máscara para tentar esconder o criacionismo e se passar por ciência. O grupo ligado ao Discovery Institute tem pretensões políticas e até mesmo religiosas de desacreditar a teoria da evolução biológica e ensinar o criacionismo em seu lugar. A explicação e os argumentos da TDI já existiam e eram discutidas na Grécia antiga⁴³, uma região muito religiosa em sua época. O cerne da TDI é o argumento teleológico de que as coisas possuem uma causa e finalidade acrescida do argumento de que se uma coisa é complexa ou perfeita, essa coisa deve ser objeto de um planejamento. Essas características que explicam a TDI são as mesmas conhecidas pelo nome de Argumento do Desígnio, discutida e refutada fervorosamente por filósofos como David Hume.

O objetivo de Johnson era reunir todos os antievolucionistas que gostariam de fazer uma pausa nas questões do Gênesis e focar nas supostas evidências científicas contra a evolução. Alguns criacionistas se juntaram a Johnson, mas outros como Morris ficaram ressentidos, pois os proponentes do Design Inteligente marginalizavam suas visões para evitar “o confronto com o relato do Gênesis de uma Terra Jovem e do Dilúvio Global”.

Em meados da década de 1990, o fundador do Discovery Institute, de centro-direita, em Seattle, convidou teóricos do DI a estabelecerem um local institucionalizado dentro do instituto, chamando de Center for the Renewal of Science and Culture. Em

materialismo ou pensar que seria uma ciência com ideais comunista. Essa questão do materialismo foi parcialmente trabalhada no primeiro capítulo e se vale do contexto da oposição do capitalismo ao comunismo.

⁴² Para o naturalismo metodológico ver NUMBERS, Ronald L. “Science without God: ‘Natural Laws and Christian Beliefs’”. In: LINDBERG, David C., NUMBERS, Ronald L. (eds.). When Science and Christianity Meet. University of Chicago Press, 2003, p. 265-285. O filósofo-teólogo evangélico Paul de Vries cunhou o termo em “Naturalism in the Natural Sciences”. Christian Scholar’s Review 15, 1986, p. 388-396. (NUMBERS, 2014, p. 180).

⁴³ No Timeu de Platão podemos observar parte desses argumentos, como ordem e perfeição e a figura do Demiurgo (o artesão, ou o princípio organizador do universo).

mais ou menos um ano eles haviam levantado “quase um milhão de dólares em subsídios”. O doador mais generoso foi Howard Fieldstead Ahmanson Jr. (1950), herdeiro de uma fortuna construída no ramo de investimentos e empréstimos. Amigo íntimo de Rousas J. Rushdoony, o teocrata que encontrou uma editora para o livro *Genesis Flood* de Whitcomb e Morris, Ahmanson, como seu mentor, procurou “a integração total da lei bíblica em nossas vidas”.⁴⁴ (NUMBERS, 2014, 180-181).

Com a criação do CRSC vários jovens se juntaram a Johnson, entre eles o bioquímico católico da Lehigh University Michael J. Behe (1952), que veio a se tornar um dos maiores nomes do Design Inteligente. Seu livro *A caixa negra de Darwin: o desafio bioquímico à evolução*⁴⁵, foi lançado em 1996 pela Free of New York. Foi o primeiro livro antievolucionista publicado em setenta anos por uma editora de destaque.⁴⁶ No livro Behe afirma que a bioquímica havia:

“levado a teoria de Darwin ao limite ao abrir a última caixa preta, a célula, tornando assim, possível nossa compreensão acerca de como a vida funciona”. A “impressionante complexidade da estrutura orgânica subcelular” - sua “irredutível complexidade” - levou-o a concluir que havia um Design inteligente em ação. “O resultado é tão inequívoco e tão significativo que deve ser considerado como uma das maiores conquistas na história da ciência”, concluiu ele grandiosamente. “Essa descoberta (do Design Inteligente) rivaliza com as de Newton e Einstein, Lavoisier e Schroedinger, Pasteur e Darwin”.⁴⁷ A menção a Darwin não era casual. Ao contrário da maioria de seus colegas no movimento, Behe não excluía a possibilidade de uma evolução divinamente guiada. (NUMBERS, 2014, p. 181).

Existem pelo menos duas possibilidades nestes fragmentos de Behe. Ou ele se coloca 1º) numa posição de ingenuidade (da qual duvidamos), e desta forma escolhendo receber críticas pela falta de interesse em pesquisar o Argumento do Desígnio (AD), pois ele era amplamente (como filosofia natural e teologia natural) estudado não só na origem da vida na Terra como causa da origem do Universo, ou 2º) anula de forma proposital toda uma “Escola” teleológica, com produção de obras fundamentadas e muito conhecidas, pois Behe utiliza argumentos teleológicos para explicar sua tese. O Design Inteligente é o mesmo Design de William Paley em *Natural Theology*. A diferença entre os argumentos do movimento do DI e o que Paley postulou, é que o autor de *Natural Theology* reconhecia o AD como um argumento teológico.

Outro autor que se tornou uma referência do DI é o filósofo e matemático William A. Dembski (1960). Ele demonstra bem como o movimento pensa a respeito da evolução teísta

⁴⁴ Para uma apreciação acadêmica do Reconstrucionismo, ver WORTHEN Molly. “The Chalcedon Problem: Rousas Jhon Rushdoony and the Origins of Christian Reconstructionism” Church History 77, 2008, p. 399-437. (NUMBERS, 2014, p. 181).

⁴⁵ Darwin’s Black Box: the Biochemical Challenge to Evolution

⁴⁶ Em 1925, a McMillan de New York publicou o The Case against Evolution, de George Barry O’Toole.

⁴⁷ BEHE, Michael J. Darwin’s Black Box: the Biochemical Challenge to Evolution. New York: Free Press. 1996. Ultmate black box. p. 15; Greatest Achievements, p. 232-233.

dentro do campo do DI, de que os teóricos do Design não seriam amigos de uma evolução teísta. Vejamos sua declaração:

No que diz respeito aos teóricos do Design, a evolução teísta é uma acomodação mal concebida do darwinismo por parte do evangelismo americano. O que a evolução teísta faz é tirar uma foto darwinista do mundo biológico e batizá-la, identificando essa imagem à maneira como Deus criou a vida. Quando reduzida a seu conteúdo científico, a evolução teísta não é diferente da evolução ateia.⁴⁸ (NUMBERS, 2014, p. 181-182).

Dembski pensava de maneira semelhante aos criacionistas científicos sobre a origem das formas orgânicas. “Ele reconhecia que os organismos haviam ‘passado por algumas mudanças no decorrer da história natural’, ele acreditava que tais mudanças haviam ‘ocorrido dentro de limites bastante estreitos e que os seres humanos haviam sido especialmente criados’”. (NUMBERS, 2014, p. 181). Dembski, sendo um especialista na teoria da probabilidade, focou seu “filtro explicativo” na improbabilidade dos organismos terem surgido pelo acaso.⁴⁹ Mas Dembski atacava a evolução pensando num contexto mais amplo, assim como Johnson, visava revolucionar a forma como a ciência era praticada. Ele buscava mudar as regras básicas da ciência, ele afirmou: “Nós temos de perceber que o naturalismo metodológico é o equivalente funcional a um naturalismo metafísico completo”⁵⁰. Dembski liderou um centro de DI (que teve curta duração) na Baylor University, descrito como o “primeiro celeiro de ideias sobre o design inteligente em uma universidade de pesquisa”. (NUMBERS, 2014, p. 182). Interessante pensar que Dembski possui formação em filosofia, mas não reconhece as similaridades da TDI com o AD, ao contrário, ele nega que a TDI seja inspirada no AD ou em William Paley. Dembski também nega que a TDI seja um argumento filosófico ou uma teoria filosófica, embora quando a TDI é comparada com religião ele utilize o argumento de que a TDI é anterior ao cristianismo e que ela já existia na Grécia antiga.⁵¹

⁴⁸ DEMBSKI, William A. “What Every Theologian Should Know about Creation, Evolution, and Design”. Transcation 3. maio/junho 1995, 1-8. p. 3.

⁴⁹ Groto (2016) em sua tese explica em vários momentos que a interpretação feita pelo DI do acaso não está correta. Alguns teóricos evolucionistas até mesmo propõem que o acaso ocorre em apenas determinados momentos da evolução e não em todo o processo. p. 54, 62-63, 85, 97, 128 (nestas páginas ela comenta a complexidade especificada de Dembski), 136, 202-204, 237, 245 (ela explica a palavra acaso), 246-247, 250 e 251.

⁵⁰ DEMBSKI, William A. “What Every Theologian Should Know about Creation, Evolution, and Design”. Transcation 3. maio/junho 1995, 1-8. p. 7-8.

⁵¹ Podemos verificar tal informação no artigo, *Intelligent Design will survive Kitzmiller v. Dover*, produzido pelo próprio movimento do DI. Artigo escrito por David K. Wolf, John G. West e Casey Luskin onde o julgamento do caso Dover é analisado pelo movimento do DI, eles afirmam no decorrer do texto a origem filosófica do DI, mas mais do que isso eles citam numa nota de rodapé, da página 19 que: “Na verdade, o DI como um conceito filosófico é tão antigo quanto a própria filosofia. Ver Xenophon, *Memorabilia*, em *Memorabilia and Oeconomicus* 55-65 (E.C. Marchant trans., Harv. U. Press 1938); Platão, *The Laws* 408-17 (Trevor J. Saunders trad., Penguin Books 1975)” também comentam sobre a teologia natural de Paley que foi citada no julgamento como a origem do DI.

3.2 O que a Teoria do Design Inteligente defende?

Os argumentos centrais da TDI são: a existência de um propósito, um planejamento inteligente, a complexidade e a perfectibilidade do mundo. Tudo isso também descreve o Argumento do Desígnio. A existência de um planejamento ou propósito da vida e a ordem no mundo e no universo, bem como a complexidade da disposição e funcionamento do universo e da vida na Terra, e do próprio funcionamento do corpo humano. Toda essa ordem complexa, só poderia existir por obra de um planejamento.

O termo “design” é utilizado para denominar essa teoria, pois seus defensores afirmam que a principal prova da veracidade da mesma é que evidências de design podem ser encontradas nas formas de vida. Elas seriam encontradas principalmente no nível celular e molecular dos organismos como, por exemplo, a coagulação sanguínea e o flagelo bacteriano, uma vez que, para os defensores da TDI, somente a ação de uma mente inteligente poderia criar sistemas complexos como esses. (BRAGA, 2016, p. 11).

A maior parte da bibliografia que cita ou faz parte dos defensores do AD não utiliza termos como coagulação sanguínea ou flagelo bacteriano. É preciso entender que, o AD não busca status científico, mas manteve-se como uma proposição calcada na filosofia e na teologia, porém a utilização de conceitos científicos visa transparecer que todo o argumento é científico, quando o cerne do pensamento é teológico.

O grupo de ICR e do Instituto Discovery, formado em sua maioria por criacionistas com alguma formação científica, ou algum interesse científico, foram os principais responsáveis por essa mudança e introdução de elementos e linguagem científica para apresentar o AD como uma “teoria científica” nova. É preciso frisar o fato de que a TDI se baseia na premissa de que, para justificar tamanha perfeição no funcionamento das coisas, é preciso pensar que algo ou alguém tenha projetado e criado as coisas. Outro argumento dado pelo AD diz respeito à complexidade do corpo humano e seu funcionamento, devido a essa complexidade, o corpo humano só poderia ser obra de um planejamento inteligente. Alguns pesquisadores não apresentam ou compararam a TDI com argumentos ou teorias existentes, mesmo hoje, com o conhecimento da existência da possível⁵² estratégia do grupo do *Discovery Institute*, que ficou conhecida como a Estratégia da Cunha. Vejamos o posicionamento de alguns pesquisadores apresentado por Braga:

⁵² O Instituto Discovery nega que o documento The Wedge seja de sua autoria.

Abrantes e Almeida (2006), Scott⁵³ (2009) e Miller (2007) percebem a TDI como um desdobramento da ciência criacionista. Essa breve descrição histórica sobre a entrada do darwinismo e o evolucionismo nos EUA e sua reação é colocada, por esses autores, como uma genealogia da TDI, a qual surgiu como uma reação de defensores do criacionismo à expansão do pensamento evolucionista e darwinista, tanto nas escolas americanas quanto no ambiente público, assim como da perda de espaço do criacionismo, demonstrado pelos exemplos acima citados. (BRAGA, 2016, p. 26).

Concordo que exista uma evolução histórica na tentativa de ensinar nas escolas teorias contrárias à teoria da evolução biológica e até mesmo que haja relação entre os movimentos criacionistas e o movimento do DI, pois o movimento do DI é composto por criacionistas que faziam parte dos grupos criacionistas organizados apresentados anteriormente, mas, como defendemos desde o início, a TDI enquanto princípio ou “teoria” é anterior ao criacionismo organizado dos EUA. É preciso fazer uma reflexão crítica, analisar teorias similares e verificar a quanto tempo elas existem. Ao final desta pesquisa será possível perceber que para se desvincilar da imagem religiosa, o grupo do DI tentou transformar um argumento teológico em teoria científica.

Quando analisamos o surgimento da TDI, percebemos sua ligação com a religião. Vejamos o que Scott (2009) escreve sobre o surgimento da TDI:

O criacionismo do design inteligente data da publicação de *The Mystery of Life's Origin* (Thaxton, Bradley e Olsen 1984). Thaxton, Bradley e Olsen propuseram que a origem da vida não era atualmente apenas inexplicável por causas naturais, mas também não podia ser explicada por causas naturais. Como escreveu o biólogo Dean H. Kenyon na introdução: "É fundamentalmente implausível que matéria e energia não assistidas se organizem em sistemas vivos" (Thaxton et al. 1984: viii). A alegação científica essencial da DI foi esclarecida desde o início: algumas coisas na biologia são categoricamente inexplicáveis por causas naturais. (SCOTT, 2009, p. 122)⁵⁴

Scott vê a TDI como um novo tipo de criacionismo, mas que seria agnóstica acerca de quem seria o designer.

⁵³ Eugenie C. Scott é uma antropóloga física conhecida por sua militância contra o ensino da TDI nas escolas públicas americanas, é também autora de alguns livros em que trata academicamente sobre a TDI e seu surgimento. Em seu livro, *Evolution vs. Creation, An Introduction*, de 2009, Scott traça uma linhagem histórica da relação entre evolucionismo e criacionismo. De acordo com a autora e com Abrantes e Almeida (2006), o criacionismo foi perdendo espaço no EUA durante todo o sec. XX. Isso pode ser melhor acompanhado se observarmos as disputas judiciais envolvendo o ensino do evolucionismo, darwinismo e criacionismo nas escolas públicas americanas, de acordo com esses autores e Scott (2009). (BRAGA, 2016, p. 22-23).

⁵⁴ Intelligent design creationism dates from the publication of *The Mystery of Life's Origin* (Thaxton, Bradley, and Olsen 1984). Thaxton, Bradley, and Olsen proposed that the origin of life not only was currently unexplained through natural causes but also could not be explained through natural causes. As the biologist Dean H. Kenyon wrote in the introduction, “It is fundamentally implausible that unassisted matter and energy organized themselves into living systems” (Thaxton et al. 1984: viii). The essential scientific claim of ID was made clear from the very beginning: some things in biology are categorically unexplainable through natural causes. (SCOTT, 2009, p. 122)

[...] uma nova forma de criacionismo que não se apoiaava diretamente na Bíblia: não havia referências a um dilúvio universal, à criação especial de Adão e Eva ou qualquer outra criatura, ou a uma jovem Terra. Mas, paralelamente à ciência da criação, Mystery enfatizou problemas supostamente científicos da evolução. O mistério está preso principalmente à ciência, com apenas breves referências em um epílogo à necessidade da inteligência estar envolvida na origem da vida. Assim como Bird, ao propor uma teoria abrupta da aparência, os autores eram agnósticos quanto à identidade do agente criativo. Eles ofereceram a sugestão de Hoyle e Wickramasinghe (1979) de que a vida na Terra possivelmente foi produzida por extraterrestres de alta inteligência, embora os autores tenham expressado sua preferência pela criação de Deus. (SCOTT, 2009. p. 122)⁵⁵

Não existe menção de eventos frequentemente citados da bíblia por não serem necessários. Veremos no próximo capítulo a definição de Teologia Natural e como ela já pressupõe a existência de Deus e busca encontrar elementos de sua existência através da natureza. Os eventos como o dilúvio fazem parte da teologia revelada, baseadas na bíblia, o que vemos sendo defendido na TDI/AD faz parte da Teologia Natural. Miller também demonstra pensar de forma parecida a Scott:

Nas edições anteriores do livro *Of Pandas and People*, foi apresentado que: Criação significa que as várias formas de vida começaram abruptamente através de um designer inteligente, com suas características distintas já intactas - peixes com barbatanas e escamas, pássaros com penas, bicos e asas, etc.” (Miller 2009. p. 115-116).

Numa versão posterior, dizia:

Design Inteligente significa que as várias formas de vida começaram abruptamente através de uma agência inteligente, com suas características distintas já intactas - peixes com barbatanas e escamas, pássaros com penas, bicos e asas, etc. (Miller 2009. p. 116).⁵⁶

A possibilidade da existência de um criacionismo não vinculado a qualquer tipo de religião é plausível, embora não seja o caso do DI que apresenta características também existentes na teologia cristã. O que percebemos, e que a própria citação de Scott nos demonstra, é uma progressão histórica de estratégias, inclusive legislativas, de grupos criacionistas fundamentalista-protestantes. Acreditamos que o movimento do DI se apropriou

⁵⁵ ... a new form of creationism that did not rely directly on the Bible: there were no references to a universal flood, to the special creation of Adam and Eve or any other creature, or to a young Earth. But paralleling creation science, Mystery emphasized supposedly scientific problems of evolution. Mystery mostly stuck to science, with only brief re references in an epilogue to the necessity of intelligence being involved in the origin of life. Much as had Bird in proposing abrupt appearance theory, the authors were agnostic on the identity of the creative agent. They offered the suggestion of Hoyle and Wickramasinghe (1979) that life on Earth possibly was produced by extraterrestrials of high intelligence, although the authors expressed their preference for creation by God. (SCOTT, 2009, p. 122)

⁵⁶ In the earlier editions of the book *Of Pandas and People* it was presented that: Creation means that the various forms of life began abruptly through an intelligent designer, with their distinctive features already intact - fish with fins and scales, birds with feathers, beaks and wings, etc.” (MILLER, 2009, p. 115-116).

In a later version it read: Intelligent Design means that the various forms of life began abruptly through an intelligent agency, with their distinctive features already intact - fish with fins and scales, birds with feathers, beaks and wings, etc (MILLER, 2009, p. 116).

de um argumento teleológico conhecido como o Argumento do Desígnio, que ficou mais conhecido entre os cristãos através de William Paley, um teólogo, professor e clérigo inglês. O argumento era conhecido pelos britânicos e americanos. Apesar de não ser um argumento originalmente religioso, ele foi apoiado por Paley e altamente utilizado no século XVII para a defesa do Deus cristão como criador do universo e da vida na Terra. Como Scott demonstrou em seu texto (que os criacionistas formularam vários esquemas para se contrapor à evolução), a apropriação ou a elaboração de uma hipótese muito parecida com o AD poderia ser mais um dos esquemas aplicados por criacionistas, pois a teoria do DI é teologia natural.

Ao traçar essa relação, Scott (2009) e Miller (2009) colocam a TDI junto aos diversos tipos de criacionismo em relação à ciência, pois, para eles, ambos apresentam os mesmos argumentos em alguns pontos, e defender um seria como defender o outro em alguma medida. Assim, de acordo com Scott (2009), se é possível rastrear as raízes da TDI no criacionismo também pode ser possível levantar contra a TDI as mesmas críticas feitas ao criacionismo e dar-lhes o mesmo status. (BRAGA, 2016, p. 27).

Segundo Scott (2009) e Miller (2009), a TDI inicia-se nos EUA em meados da década de 80 e difundiu-se principalmente na década seguinte, onde ganha notoriedade ao protagonizar disputas judiciais, nas quais seus defensores tentam fazer com que ela fosse ensinada junto, ou no lugar, do evolucionismo nas escolas públicas americanas. Talvez o caso mais famoso seja o de *Kitzmiller v. Dover*, que aconteceu em 2005. Esse processo surgiu porque onze pais de alunos de Dover na Pensilvânia processaram o conselho escolar local a fim de introduzir a TDI no currículo escolar. O resultado foi favorável aos queixosos. (BRAGA, 2016, p. 11).

O raciocínio do pensamento de Scott e Miller está correto, esse movimento do DI teve início na década de 80. O grupo inicial de pessoas que iniciaram a TDI, já defendiam o criacionismo através da “ciência do criacionismo”, porém com as derrotas nos julgamentos buscaram a defesa do criacionismo tentando travestir uma proposição teológica (a TDI) em ciência. Para a defesa deste novo objetivo o movimento tentou ensinar o criacionismo nas escolas públicas utilizando o nome TDI. No caso de *Kitzmiller v. Dover*⁵⁷, tentaram ensinar que a origem da vida possui uma explicação diferente da teoria da evolução biológica. A TDI é um argumento teleológico de cunho religioso, e não uma nova ciência, como é apresentada pelo grupo dos EUA. As pessoas que chamamos de movimento do DI buscaram e buscam o *status* de ciência para introduzi-la no contexto do ensino regular nas escolas públicas, diferentemente do AD que era discutido por intelectuais, teólogos e filósofos, o que não muda sua essência.

⁵⁷ Nos aprofundaremos sobre o processo *Kitzmiller v. Dover* mais à frente.

Outro ponto importante nessa análise é que a TDI parece possuir uma perspectiva sobre a natureza que difere daquela defendida pelo evolucionismo e dominante no campo científico. O evolucionismo organiza a história das formas de vida através de um devir constante, um interminável processo de diversificação no qual espécies surgem e desaparecem, sem que nunca se repitam. Para a TDI, as formas de vida iniciam-se em seus estados mais complexos e perfeitos e vão degenerando-se com o tempo, tornando-se mais simples e menos perfeitas. Não há um devir, as espécies deveriam manter-se estáticas e a diversificação e a extinção ocorrem por causa da degeneração dos seres vivos. (BRAGA, 2016, p. 12).

Concordo com o pensamento de Braga, pois o principal argumento da TDI, e que justifica a existência de um Designer, se baseia na noção de que as coisas funcionam num grau de perfeição tamanho que só poderiam ser obras planejadas; elas teriam um propósito, uma finalidade. Como sabemos, nem tudo é perfeito. Existem doenças, deficiências e a má formação no corpo das pessoas, assim como eventos naturais que provocam situações ruins, como furacões ou terremotos, além de desordens e problemas sociais gravíssimos. Buscando justificar tudo isso, surge a explicação de que tudo foi criado no estado perfeito, mas, devido à degeneração humana, as coisas perdem sua perfeição com o tempo. Essa justificativa não responde o fato de que o mundo e a vida não são perfeitos. Sobre uma explicação científica para este aspecto:

Artur Lovejoy, em sua obra *A Grande Cadeia do Ser* (2005), indica que a visão dessa teoria nada tem de nova, ela seria a visão de natureza dominante no mundo ocidental até o começo do sec. XX. Somente no decorrer desse século uma nova visão de natureza, associada ao evolucionismo, difundiu-se e acabou por ser predominante no campo científico. Esta visão derruba a anterior, a vida estaria num interminável devir sem um objetivo, sem um rumo definido. Nela não haveriam parâmetros absolutos para definir superior ou inferior, melhor ou pior. Podemos dizer que, na história da vida na Terra, houve diversos casos de ganho de complexidade, porém, isso não configura uma regra, nem uma vantagem, sendo muitas vezes o oposto disso. Além disso, ela negaria uma teologia externa, uma ordem determinada por um agente externo ao mundo. (BRAGA, 2016, p. 13).

Aqui fica evidente a diferença entre as explicações do DI e as posições do ponto de vista científico, pois eles buscam explicar as coisas e os eventos através da própria natureza e não por meio de argumentos que simulam uma perfeição absoluta (que se degrada devido ao comportamento ou as decisões das pessoas), descartando as mudanças fisiológicas ocorridas nos seres vivos e até mesmo as mudanças antropológicas no decorrer da história humana.

3.2.1 Complexidade irredutível de Michael Behe

Um dos pressupostos da TDI é a possibilidade de encontrar indícios da ação do Designer na natureza. A complexidade é um dos sinais que, segundo a especulação, pode ser

utilizada para concluir a ação de um plano na criação de determinada criatura ou algo da natureza.

O argumento da complexidade irredutível consiste na ideia de que: 1º, as células são compostas de muitos sistemas complexos; 2º, todas as partes que compõem esses sistemas são absolutamente necessárias para que os mesmos funcionem, ou seja, a perda de um deles significa que o sistema todo deixará de funcionar; 3º, dada a especificidade de cada componente do sistema e que ele somente desempenhar uma função específica em um sistema complexo, a chance de ter evoluído por si mesmo e permanecido na célula sem função, até o surgimento do sistema que o requeresse, é muito pequena; 4º, não poderia ser explicado o surgimento do sistema complexo já pronto e em funcionamento na célula, dado que a evolução operaria por passos e não por saltos; 5º, porém o sistema existe e não poderia ter evoluído, portanto ele só pode ter sido projetado e posto em funcionamento por uma mente inteligente. (BRAGA, 2016, p. 36).

A proposição de Behe basicamente reforça as bases da TDI reafirmando a complexidade das coisas (o que também é a base do AD) e busca forças no argumento da causalidade, que afirma que uma coisa existe por causa de outra anterior a ela. O 2º e 4º pontos nos faz lembrar dos argumentos da personagem Demea do livro *Diálogos sobre a religião natural* de David Hume, em que se vale da teologia natural para defender seus argumentos, e defende a impossibilidade de explicar as coisas criadas por Deus. Para ela as coisas são perfeitas e o que não é dado a conhecer deve permanecer assim, além disso, ela acredita também que insistir em conhecer as coisas inexplicáveis seria considerado profanação. Obviamente não é o mesmo caso aqui, mas, a impossibilidade de explicar algo, não o torna elemento para sustentar que as coisas foram criadas por um ser inteligente. Sobre a causalidade Demea afirma que:

O argumento no qual insisto é aquele comumente reconhecido. Tudo o que existe deve ter uma causa ou razão para sua existência, pois é absolutamente impossível que alguma coisa produza a si mesma, ou seja causa de sua própria existência. Ao remontar, assim, dos efeitos às causas, ou bem prosseguimos através de uma sucessão infinita, sem jamais alcançar uma causa última, ou bem temos de recorrer por fim a uma causa última que existe necessariamente. (HUME, 1992, p. 118).

Essa causa última que existe necessariamente seria a criadora das outras. Muitos, e com certeza os criacionistas, afirmam que ela é Deus. Braga analisa por outro prisma, e apresenta o argumento de Shanks e Joplism (2013) chamado de complexidade redundante, que é “quando algum componente de um sistema complexo é cooptado por outro e acaba desempenhando uma nova função” (BRAGA, 2016, p. 37); para contrapor o da complexidade irredutível.

Complexidade redundante é incorporada na descoberta de que processos bioquímicos frequentemente não envolvem sequências simples e lineares de reações, com a função destruída pela ausência de um determinado componente na sequência. Em vez disso, são o produto de um grande número de processos sobrepostos, ligeiramente diferentes e redundantes. (SHANKS; JOPLIM, 2013, p 276)⁵⁸

Shanks e Joplum (2013) se opõem ao argumento de Behe e dão exemplos de “complexidade redundante em processos orgânicos em que se retirado um componente, outro, que é utilizado em outro sistema, pode desempenhar aquela função.” Shanks e Joplum (2013) também afirmam que a complexidade redundante pode ser encontrada nos genes, e concluem que a complexidade irredutível não pode ser considerada como o conceito mais adequado para se compreender sistemas bioquímicos complexos, “e não se enquadra bem nos dados coletados sobre o funcionamento dos sistemas bioquímicos e genéticos. Consideram, então, que a complexidade redundante seria uma ferramenta mais útil e adequada para compreender esses sistemas.” (BRAGA, 2016, p. 37)

Braga invoca Scott (2006) para contrapor o pensamento de Behe, e ele toca justamente no ponto da causalidade, pois segundo Braga, para Scott, Behe (1996) confunde causa primária e secundária. Vejamos o que Braga diz:

a causa primária corresponderia à ação primeira de uma entidade além da natureza e a secundária às forças e leis naturais que explicariam o funcionamento do universo. A ciência só poderia trabalhar com as causas secundárias, e não com as primárias, pois, se um designer interferiu para criar as formas de vida então isso seria uma causa primária e só poderia ser analisada pela filosofia e não pela ciência. (BRAGA, 2016, p. 37-38)

Porém, apesar da autora concordar com a distinção entre causa primária e causa secundária (faço essa inferência pois a própria autora cita a diferença em seu texto), o argumento do qual se utiliza é o de Geisler. Vejamos:

Os criacionistas acrescentam um fator adicional a essa divisão bimodal do mundo científico, que acredito esclarecer por que a divisão foi inventada: ela permite a intrusão do sobrenatural na explicação científica. Geisler propõe que, para acompanhar os dois tipos de ciência, existem dois tipos de causalidade: causas primárias e causas secundárias. A ciência operacional confia adequadamente em causas secundárias, mas a ciência das origens pode invocar as causas primárias. Thaxton et al. referem-se à causa primária de forma mais direta como a "hipótese de Deus" e concordam que, na ciência operacional, "apelar a Deus é bastante ilegítimo, uma vez que, por definição, a ação sobrenatural de Deus seria desejada a seu bel-prazer e não de maneira recorrente" (Thaxton et al., 1984: 203). Mas ao lidar com a

⁵⁸ Redundant complexity is embodied in the discovery that biochemical processes frequently do not involve simple, linear sequences of reactions, with function destroyed by the absence of a given component in the sequence. Instead, they are the product of a large number of overlapping, slightly different and redundant processes. (SHANKS ; JOPLIM, 2013, P. 276) – nossa tradução.

"ciência das origens", não é apenas permissível, mas essencial, permitir o recurso à causalidade sobrenatural (ou seja, milagres).⁵⁹ (SCOTT, 2009, p. 295).

Eis aqui o primeiro momento em que Scott poderia apresentar um dos argumentos centrais da TDI como filosofia. Braga entende que ela vê a causa primária como objeto da filosofia, mas ela, quando trabalha a questão em seu livro *"Evolução vs. Criacionismo: Uma Introdução"*⁶⁰, nas páginas que antecedem a citação acima, aborda a ciência da criação e não menciona filosofia em momento algum. De fato, concordo com Braga, pois a questão da causa primeira é trabalhada desde a Grécia antiga. Em todas as citações e reflexões sobre seu raciocínio, Scott sempre coloca a TDI como religião ou como um desenvolvimento do criacionismo, mas, confrontando os argumentos centrais da TDI, o que não é discutível, os parênteses que queremos abrir se refere ao fato das discussões do argumento da causalidade (por si só), fazerem parte da filosofia e da teologia. Não significa que na filosofia exista um apoio ou defesa sobre a origem da vida surgir por uma mente inteligente, os parênteses são sobre a necessidade de que em algum momento em seu texto seria interessante acrescentar tal informação, numa nota de rodapé ou algo semelhante. Apresentar o contexto histórico de que a discussão das causas primeiras ocorria na filosofia e na teologia e de que respostas para questões da natureza provenientes de explicações sobrenaturais não fazerem parte do escopo científico há alguns séculos é muito importante para percebermos que a TDI é uma apropriação do AD e infelizmente não encontramos esses elementos nos escritos de Scott.

3.2.2 Complexidade especificada de William Dembski

Em seu livro *"A inferência do projeto: Eliminando o acaso através de pequenas probabilidades"*⁶¹ de 1998, Dembski conceitua, em aproximadamente 43 páginas, a teoria da complexidade, e nas 38 páginas seguintes, a especificidade. Para compreender sua teoria precisamos observar os dois conceitos, o de complexidade e o de especificidade, no pensamento do autor.

⁵⁹ Creationists add an additional factor to this bimodal division of the scientific world, which I believe sheds light on why the division was invented in the first place: it allows the intrusion of the supernatural into scientific explanation. Geisler proposes that to accompany the two kinds of science, there are two kinds of causation: primary causes and secondary causes. Operation science relies properly on secondary causes, but origins science is allowed to invoke primary causes. Thaxton et al. refer to primary cause more bluntly as the "God hypothesis," and agree that in operation science, "the appeal to God is quite illegitimate, since by definition God's supernatural action would be willed at His pleasure and not in a recurring manner" (THAXTON et al., 1984: 203). But when dealing with "origins science," it is not only permissible, but essential, to allow recourse to supernatural causation (i.e., miracles) (SCOTT, 2009, p. 295).

⁶⁰ *Evolution vs. Creationism: An Introduction* – nossa tradução

⁶¹ *The Design Inference: Eliminating Chance through Small Probabilities* – nossa tradução

Segundo Dembski (1998), um padrão especificado significa algo que admite uma descrição determinada para o que está contido ali e um padrão complexo seria aquele que teria uma chance muito pequena de ser produzido na natureza. Isso pode ser exemplificado, por exemplo, por uma frase numa linguagem humana, uma vez que, uma frase é uma estrutura complexa, não periódica, que contém informação a qual pode ser traduzida em alguma outra coisa específica e determinada pelo conteúdo da frase, por sua vez, uma letra do alfabeto seria um exemplo de algo especificado, mas não complexo, enquanto uma frase composta por letras aleatórias seria algo complexo, mas não especificado. Uma frase estruturada seria exemplo, portanto, de algo com complexidade especificada. (BRAGA, 2016, p. 38)

O DNA, por exemplo, é considerado por Dembski (1998) como exemplo de algo que apresenta características da complexidade especificada, pois as bases nitrogenadas que formam o DNA são comparadas às letras, já “a informação contida nele, utilizada para sintetizar proteínas, é comparada com o sentido produzido por uma frase.” (BRAGA, 2016, p. 38).

Segundo o autor, só existem três causas possíveis para o surgimento desse tipo de complexidade, a saber, o acaso, as leis naturais e o design. Sobre o acaso, Dembski afirma que a probabilidade desse tipo de informação ter surgido devido ao acaso é muito pequena para ser levada em consideração; sobre a segunda causa possível, as leis naturais, o autor pondera afirmando que não é possível observar a complexidade especificada sendo produzida por qualquer lei natural; já a terceira causa, o design, é colocada pelo autor como “a única capaz de responder satisfatoriamente à questão posta pela origem da complexidade especificada. Isso implica que a origem do DNA apresenta alguma forma de contingência em sua origem.” (BRAGA, 2016, p. 39). Em outras palavras, das causas prováveis de gerar a complexidade especificada, somente o design não possui condicionantes ou exceções.

Scott (2009) discorda e argumenta contra a proposta e as conclusões de Dembski (1998). Sobre a contingência, Scott (2009) afirma que não é porque no momento não podemos apresentar uma lei natural que explique o fenômeno que algo não possa ser descoberta no futuro, ou seja, pode-se explicar a contingência com a introdução da ação de um designer ou pelo desconhecimento de todas as propriedades e leis da natureza. O segundo argumento de Scott (2009) e Miller é que se Dembski estiver certo seu argumento está mais no campo da filosofia do que no campo da ciência. Pois caso ele esteja correto para o surgimento da vida e das espécies, foi necessária a intervenção de uma entidade sobrenatural a ela, e sua ação só poderia ser estudada pela filosofia pois a ciência somente procura explicações da natureza. Para Scott (2009), isso deixa-nos somente duas opções: se concluirmos que há um designer para a vida, ou o universo e a vida se desenvolveram por si mesmo, ainda que a partir da ação inicial de um criador (deísmo), ou um criador interfere diretamente para criar cada espécie viva, o que Scott (2009) chama de milagre e que não poderia ser estudado pela ciência. (BRAGA, 2016, p. 39)

Scott está certa em elencar a possibilidade de desconhecermos todas as propriedades e leis da natureza. A ciência é uma construção de hipóteses prováveis e testáveis, também ela se

explica por meio da própria natureza. A possibilidade de descobrirmos elementos novos em teorias já conhecidas é lógica e aceita pela comunidade científica, não fosse assim, a própria teoria da evolução biológica não teria surgido, pois teorias vigentes antes dessa foram descartadas e até mesmo a própria teoria da evolução biológica não é a mesma estabelecida por Darwin, ela foi aprimorada com o tempo, na medida em que a compreensão da mesma e elementos novos surgiram. A respeito do debate sobre o design, enfatizamos que filósofos já trataram anteriormente sobre o assunto enquanto teologia natural, e é de conhecimento histórico que explicações sobre os fenômenos naturais ficam a cargo da ciência, enquanto explicações sobre fenômenos sobrenaturais permanecem, de alguma forma, estudadas pela filosofia.

3.3 *The Wedge* (A Cunha)

Como vimos no capítulo anterior, o movimento antievolucionista buscou, de várias formas, assegurar o ensino do criacionismo nas escolas, desde a criação de leis antievolucionistas até a criação da ciência criacionista. Essas estratégias foram impedidas com o tempo.

Posteriormente aos eventos elencados no capítulo anterior, surge um grupo de pessoas com formação de nível superior, que defendem a TDI, que seria uma nova forma de explicar a criação da vida. Num primeiro momento, a única coisa que essas pessoas tinham em comum era o fato de estarem filiadas a alguma igreja cristã, praticamente todos eram protestantes, com apenas um sendo católico. Mesmo possuindo esse ponto em comum, assim como os criacionistas, eles não pensavam no Design de forma unânime, cada um acreditava na explicação da vida de forma diferente da teoria da evolução biológica, mas defendiam a TDI com pequenas diferenças. Eis então o papel importante que o Discovery Institute desempenha. Phillip E. Johnson⁶², inicia e sistematiza a estratégia que ficou denominada como *A Cunha* (*The Wedge*)⁶³ e funda o *Center for the Renewal of Science & Culture* (CRSC) no Discovery Institute. Tim Rhodes, recebe o documento A Cunha de Matt Duss e publica a estratégia elaborada pelo Discovery Institute. Eles chamam o Discovery de Think thank cristão.

⁶² Johnson, incentivado pelo livro *The Blind Watchmaker* de Richard Dawkins, publica em 1991 o livro *Darwin on Trial*, traduzido no Brasil por Darwin no banco dos réus: o evolucionismo não se apoia em fatos. Sua base é a fé no naturalismo filosófico.

⁶³ É importante mencionar que o Discovery Institute não reconhece a autoria do documento que tivemos acesso. As informações que dispomos nos apresenta que uma pessoa, chamada de Matt Duss, encarregada de fazer cópias no Discovery Institute repassou o documento que estava carimbado como confidencial para Tim Rhodes que o postou na internet. A postagem inicial, realizada em 1999, pode ser acessada no endereço <http://www.churchofvirus.org/virus.1Q99/0510.html>.

Um Think Thank é um laboratório de ideias ou um centro de reflexão ou pensamento, que pode ser tanto um grupo de pessoas quanto uma instituição. Possuem a capacidade de explicar, mobilizar e articular os atores envolvidos em diversas áreas, como segurança internacional, globalização, governança, economia internacional, questões ambientais, informação e sociedade, redução de desigualdades e saúde⁶⁴. Normalmente, é associado a uma ponte entre os centros de ensino e as comunidades responsáveis por colocar em prática os estudos desenvolvidos⁶⁵. Os think thanks se dedicam a produzir conhecimento, essas instituições pautam debates sociais por meio da publicação de artigos, estudos e participação de seus integrantes na mídia. Os think thanks também possuem a função de projetar alternativas e efeitos de possíveis impasses da sociedade. Um think thank pode influenciar a tomada de decisão das esferas pública e privada, bem como de formuladores de políticas no que se refere aos temas que estão em pauta⁶⁶. Existem hoje no mundo mais de 8 mil think thanks, segundo levantamento da Universidade da Pensilvânia⁶⁷. No Brasil, existem mais de 100 think thanks que atuam em níveis regionais, nacionais ou globais. São instituições de diferentes naturezas. Um exemplo de think thank brasileira é a Fundação Getúlio Vargas. Os think thanks são um poder invisível⁶⁸ que produzem informação e influenciam na tomada de decisões de áreas relevantes da sociedade. De que forma eles exercem sua influência? Através da produção de artigos, pesquisas de opinião, de políticas públicas e pela promoção do debate dos temas abordados por eles na mídia.

O Discovery Institute passa a ser a think thank da TDI, produzindo conteúdos e materiais para a divulgação da “teoria” e uniformiza, de certa forma, os pontos centrais da TDI. O papel do instituto foi central, pois, como mencionado anteriormente, não havia pontos em comum entre o grupo que participava do CRSC, e com uma instituição centralizando e produzindo os conteúdos da “teoria”, passa-se a divulgar sua tese como algo melhor elaborado, e com uma uniformidade, até mesmo para se colocar em oposição ao que eles discordavam, que seria a teoria da evolução biológica e o “materialismo científico”.

⁶⁴ ENAP, 2020. **Afinal, o que é um think tank e qual é a sua importância para políticas públicas no Brasil?** Disponível em: <https://enap.gov.br/pt/acarreto/noticias/afinal-o-que-e-um-think-tank-e-qual-e-a-sua-importancia-para-politicas-publicas-no-brasil> acesso em 30/04/2023

⁶⁵ FIA Business School, 2021. Think tank: o que é qual a importância, requisitos e exemplos. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/think-tank/> acesso em: 30/4/2023.

⁶⁶ FGV. O que é e para que serve um think tank? Disponível em: <https://mmurad.com.br/blog/o-que-e-um-think-tank/> Acesso em: 30/04/2023.

⁶⁷ Para acessar o levantamento completo feito pela Universidade da Pennsylvania dos think tanks espalhadas em vários continentes acesse:

https://repository.upenn.edu/ttcsp/?utm_source=repository.upenn.edu%2Fthink_tanks%2F12&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages acesso em: 30/04/2023.

⁶⁸ Biblioteca Digital da Justiça Eleitoral. 2017. O poder invisível: a influência dos think tanks na opinião pública e decisões políticas no Brasil. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6979> acesso em: 30/04/2023

O texto da estratégia da Cunha é iniciado apontando para o fato de que um dos princípios fundamentais, nos quais a sociedade ocidental foi construída, é baseado na proposição de que os seres humanos foram criados à imagem de Deus, e que a influência desse princípio pode ser percebida na maioria das grandes realizações do Ocidente. Essas realizações são listadas como a democracia representativa, as empresas livres, os direitos humanos e até mesmo o progresso nas artes e na ciência.

A cópia da qual dispomos para análise, do documento da Cunha, foi digitalizada em 01/03/2005 de uma fotocópia do arquivo de caixa do NCSE.⁶⁹ No documento é informado que esse princípio foi atacado por intelectuais que se basearam nas descobertas da ciência moderna, que desmistificaram as concepções tradicionais de Deus e do homem, pensadores como Darwin, Karl Marx e Freud. Para os três mencionados, o editor do documento afirma que:

[...] retrataram os humanos não como seres morais e espirituais, mas como animais ou máquinas que habitavam um universo governado por forças puramente impessoais e cujo comportamento e numerosos pensamentos eram ditados pelas forças inflexíveis da biologia, da química e do meio ambiente. Essa concepção materialista da realidade acabou infectando virtualmente todas as áreas de nossa cultura, da política e economia à literatura e arte. (DOC-DI01 Introdução)⁷⁰

No contexto da citação acima e do documento *The Wedge*, seus autores deixam implícito que aparentemente todas, ou quase todas, as conquistas da civilização ocidental se basearam na ideia de que o homem fora criado à imagem e semelhança de Deus, e essa ideia proporciona o senso de moralidade, pensar diferente disso estabelece a quebra moral dos seres humanos e os transformam em criaturas sem tanta importância⁷¹. A diferença entre os humanos e os demais animais é significativa. Na visão do CRSC, os seres humanos não são animais, mas seres morais e espirituais, e pensar o contrário é inferiorizar seu valor. Essa afirmação apresenta pelo menos duas possibilidades de conhecer a maneira que o CRSC enxerga os seres humanos. A primeira é de uma visão totalmente antropocêntrica, o que podemos perceber nas falas dos três maiores nomes da TDI, Dembski, Behe e Eberlin, que

⁶⁹ O NCSE também disponibilizou o conteúdo do documento em 14/10/2008. Disponível em <https://ncse.ngo/wedge-document>. Na página do NCSE foi colocada uma nota indicando que o documento foi preparado em 1998. No documento The “Wedge Document”: “So What?” produzido pelo instituto Discovery nas páginas 01 e 12 é informado que o plano é de 1999.

⁷⁰ [...] portrayed humans not as moral and spiritual beings, but as animals or machines who inhabited a universe ruled by purely impersonal forces and whose behavior and very thoughts were dictated by the unbending forces of biology, chemistry, and environment. This materialistic conception of reality eventually infected virtually every area of our culture, from politics and economics to literature and art. (DOC-DI01).

⁷¹ Para tentar firmar a noção de superioridade da criação humana, como um ser complexo e que demandaria de um planejamento para o seu surgimento, os argumentos utilizados pelos defensores da TDI depreciam os outros animais. Outro ponto é que insistem na moralidade religiosa, como se os seres humanos não possuíssem mecanismos para agir moral e eticamente sem necessariamente depender de preceitos religiosos.

enaltecem a perfeição e complexidade humana afirmando que seria impossível ser produto do acaso, mas que a criação dos seres humanos deveria ser obra de um planejamento. A segunda é encontrada na própria bíblia que, no livro de Gênesis, descreve a função dos primeiros seres humanos, que foram criados a imagem e semelhança de Deus e, que deveriam crescer, se multiplicar e dominar os animais sobre a Terra. As duas possibilidades se complementam e se contaminam, pois, a visão antropocêntrica está ligada à noção de uma criação especial dos seres humanos, uma criação divina; já a segunda, demonstra uma visão antropocêntrica na descrição de uma criação especial dos seres humanos e sua superioridade entre as criações ocorridas na Terra.

O Centro para a Renovação da Ciência e Cultura do Discovery Institute [agora denominado Centro para Ciência e Cultura] busca nada menos do que a derrubada do materialismo e seus legados culturais. Reunindo os principais estudiosos das ciências naturais e aqueles das ciências humanas e sociais, o Centro explora como novos desenvolvimentos na biologia, física e ciências cognitivas levantam sérias dúvidas sobre o materialismo científico e reabriram o caso para uma compreensão amplamente teísta da natureza. O Centro concede bolsas para pesquisas originais, realiza conferências e informa os legisladores sobre as oportunidades de vida após o materialismo. (DOC-DI02, p. 13)⁷².

Nesta citação também existem dois apontamentos que gostaria de demonstrar. O primeiro é sobre o alvo escolhido para ser atacado, que é o materialismo. Como mencionamos no capítulo sobre o criacionismo, o enfrentamento ao que grupos fundamentalistas denominavam de comunismo teve grande repercussão e até mesmo apoio popular em alguns locais dos EUA, principalmente nos estados do sul. Foi para competir com os países socialistas que os conteúdos dos materiais didáticos foram modificados. O governo promoveu uma análise dos livros didáticos e os comitês responsáveis por essa análise decidiram introduzir livros didáticos mais condizentes com a realidade educacional da época, introduzindo de forma mais clara o ensino da teoria da evolução biológica. Quando o editor deste documento cita Karl Marx, ele possivelmente pensa no quanto o comunismo é mal visto nos EUA e busca apoio no estilo de vida capitalista para se opor ao materialismo, sem fazer a reflexão (ou até de forma proposital), de que o ensino de teorias como a da evolução biológica é possível graças a liberdade de expressão, de imprensa e religiosa, as bandeiras centrais do capitalismo e da constituição de seu próprio país. O segundo ponto é: o fato de que, quando se

⁷² Discovery Institute's Center for the Renewal of Science and Culture [now named the Center for Science and Culture] seeks nothing less than the overthrow of materialism and its cultural legacies. Bringing together leading scholars from the natural sciences and those from the humanities and social sciences, the Center explores how new developments in biology, physics and cognitive science raise serious doubts about scientific materialism and have re-opened the case for a broadly theistic understanding of nature. The Center awards fellowships for original research, holds conferences, and briefs policymakers about the opportunities for life after materialism. (DOC-DI02, p. 13).

menciona que nas explorações realizadas pelo CRSC surgiram dúvidas quanto ao materialismo científico, e que essas dúvidas abriram o caso (da ciência) para uma compreensão amplamente teísta da natureza. Pensamos que essa menção representa mais o desejo de introduzir o teísmo na ciência do que o real surgimento de dúvidas. O Centro de pesquisa é sediado num instituto criacionista (Discovery Institute) e surge de “cientistas” que buscam explicar a natureza através da teologia natural. Em nenhum momento aparece como um centro de pesquisas neutro, o CRSC já nasce para defender a vida como produto de uma criação especial.

A estratégia da Cunha foi desenhada em três fases, sendo elas: Fase I. Pesquisa Científica, Redação e Publicação, Fase II. Publicidade e formação de opinião e Fase III. Confronto e renovação cultural.

Vejamos a tabela abaixo:

Quadro 1 – Fases do *The Wedge*

Fase I Pesquisa Científica, Redação e Publicação	Fase II Publicidade e formação de opinião	Fase III Confronto e renovação cultural
<ul style="list-style-type: none"> • Programa de bolsa de pesquisa individual • Programa de pesquisa de paleontologia (Dr. Paul Chien et al.) • Programa de Pesquisa em Biologia Molecular (Dr. Douglas Ax et al.) 	<ul style="list-style-type: none"> • Publicidade de livro • Conferências de formadores de opinião • Seminários de apologética • Programa de Formação de Professores • Op-ed Fellow • PBS (ou outra TV) Co-produção • Materiais de publicidade / publicações 	<ul style="list-style-type: none"> • Conferências Desafio Acadêmico e Científico • Potencial ação legal para treinamento de professores • Programa de bolsa de pesquisa: mudança para ciências sociais e humanas

Fonte: NCSE (2008, p. 03)

A primeira fase aparece como um planejamento normal de um centro de estudos, a segunda fase aparece como uma estratégia de publicidade aparentemente comum, com exceção das “Conferências de formadores de opinião” e dos “Seminários de apologética”, pois neste último fica evidente que se planejava um contra-ataque às teorias divergentes daquelas defendida pelo CRSC, o que a nosso ver parece pouco ortodoxo. A terceira fase, também, quase parece comum, não fosse o segundo ponto, “Potencial ação legal para treinamento de professores” que demonstra uma intenção clara na modificação cultural do que é ensinado nas escolas. Mas, além das fases, A Cunha possuía metas, objetivos e atividades para serem alcançados em cinco anos, além de metas para os próximos vinte anos. Vejamos a tabela seguinte:

Quadro 2 – Metas de Cunha

Metas Governantes	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Para derrotar o materialismo científico e seus legados morais, culturais e políticos destrutivos. ➤ Para substituir as explicações materialistas pelo entendimento teísta de que a natureza e os seres humanos são criados por Deus.
Metas de cinco anos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ver a teoria do design inteligente como uma alternativa aceita nas ciências e na pesquisa científica feita a partir da perspectiva da teoria do design. ➤ Para ver o início da influência da teoria do design em outras esferas além das ciências naturais. ➤ Para ver novos debates importantes na educação, questões da vida, responsabilidade legal e pessoal empurrados para o primeiro plano da agenda nacional.
Metas de vinte anos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Para ver a teoria do design inteligente como a perspectiva dominante na ciência. ➤ Ver a aplicação da teoria do design em campos específicos, incluindo biologia molecular, bioquímica, paleontologia, física e cosmologia nas ciências naturais, psicologia, ética, política, teologia e filosofia nas ciências humanas; para ver sua influência nas artes plásticas. ➤ Ver a teoria do design permear nossa vida religiosa, cultural, moral e política.

Fonte: NCSE (2008, p. 02)

As metas são autoexplicativas, mas nossa atenção recai, principalmente, nas duas primeiras que sempre recorrem à moralidade e na explicação da criação dos seres humanos como algo divino. Esse posicionamento está explícito na maior parte dos discursos dos proponentes do DI. Geralmente há divergência em apontar quem ou o que é o Designer nas falas públicas de muitos dos defensores do DI. Apesar de sempre deixarem a possibilidade para que o Designer fosse o Deus cristão, eles nunca abordaram explicitamente ou publicamente essa definição em seus artigos, alguns até fazem inferências de que Deus poderia ser o Designer, mas não afirmavam categoricamente isso, porém, no documento da Cunha, está clara a intenção de estabelecer Deus como o criador da humanidade. A meta de cinco anos busca conferir à teoria do design o *status* científico e de relevância na sociedade. A meta de vinte anos já prevê a teoria do design como regra na ciência, neste ponto eles pensam já ter superado a teoria da evolução biológica e introduzido a TDI em todos os aspectos da vida das pessoas, como na vida religiosa, cultural, moral e política. O que podemos ver é que, diferente dos discursos trajados de cientificismo, a estratégia do movimento do DI é bem clara, propõe-se a dominar o campo científico e estabelecer a explicação teísta da criação divina.

Nas páginas 4 e 5 do DOC-DI01, é fornecido um pequeno resumo da estratégia de cinco anos e das três fases do plano. Já nas páginas 6 e 7, é feito um resumo do avanço da estratégia da Cunha, como a publicação de livros, artigos acadêmicos e aparições na televisão e rádio. Na oitava e última página são elencados os eventos relevantes das últimas três semanas de quando o documento foi redigido. Analisando o documento é perceptível a

intenção de divulgar a TDI ao máximo possível, tanto é que a segunda fase da estratégia é voltada à publicidade. Outro aspecto que fica claro na análise do documento é a busca da substituição do que eles chamam de materialismo científico pela TDI. Mas acredito que o principal, como já abordado anteriormente, é a declaração explícita de que o Designer seria o Deus (e devemos levar em consideração que praticamente todos no CRSC eram cristãos, o que nos faz inferir que esse Deus seria o Deus cristão), que os seres humanos foram criados por Deus (DOC-DI01, p. 2) e que, em vinte anos, deseja-se que a TDI tenha permeado a vida religiosa, moral, cultural e política.

3.4 O caso Dover e outros processos

Em 2005, depois de um grupo de pais processar o conselho escolar de Dover por promover o DI nas aulas de biologia do nono ano do Ensino Fundamental, o Design Inteligente se tornou notícia de primeira página. O conselho escolar, que era formado em sua maioria por conservadores em termos religiosos, pediu que os professores dialogassem com os alunos sobre os pontos fracos da teoria da evolução biológica e que utilizassem o livro *Of Pandas and People*. Além disso, os professores deveriam ler, em sala de aula, o texto a seguir:

Os Padrões Acadêmicos da Pensilvânia exigem que os alunos aprendam sobre a Teoria da Evolução de Darwin e, eventualmente, façam um teste padronizado do qual a evolução faz parte. Como a Teoria de Darwin é uma teoria, ela continua a ser testada à medida que novas evidências são descobertas. A Teoria não é um facto. Existem lacunas na Teoria para as quais não existem provas. Uma teoria é definida como uma explicação bem testada que unifica um vasto leque de observações. O Design Inteligente é uma explicação da origem da vida que difere da visão de Darwin. O livro de referência, *De Pandas e Pessoas*, está disponível para os alunos que possam estar interessados em compreender o que envolve efetivamente a concepção inteligente. Relativamente a qualquer teoria, os alunos são encorajados a manter uma mente aberta. A escola deixa a discussão sobre as Origens da Vida para os alunos individuais e as suas famílias. Como orientam as normas distritais, a instrução nas aulas centra-se na preparação dos alunos para atingirem a proficiência nas avaliações baseadas nas normas. (DOC-DI07, 2005, p. 1-2).⁷³

Foi William Buckingham, um dos membros do conselho escolar, quem escolhe *Of Pandas and People* para ser utilizado como suplemento didático nas aulas de ciências, mas ele

⁷³ The Pennsylvania Academic Standards require students to learn about Darwin's Theory of Evolution and eventually to take a standardized test of which evolution is a part. Because Darwin's Theory is a theory, it continues to be tested as new evidence is discovered. The Theory is not a fact. Gaps in the Theory exist for which there is no evidence. A theory is defined as a well-tested explanation that unifies a broad range of observations. Intelligent Design is an explanation of the origin of life that differs from Darwin's view. The reference book, *Of Pandas and People*, is available for students who might be interested in gaining an understanding of what Intelligent Design actually involves. With respect to any theory, students are encouraged to keep an open mind. The school leaves the discussion of the Origins of Life to individual students and their families. As a Standards-driven district, class instruction focuses upon preparing students to achieve proficiency on Standards-based assessments. (DOC-DI07) – nossa tradução.

obteve ajuda da Thomas More Law Center (TMLC), uma organização religiosa de Michigan. Após a submissão de Buckingham, o conselho escolar aprova a utilização do livro. O conselho escolar recebe a doação de 60 exemplares do livro para que fossem repassados às escolas, porém, essa doação é feita por Buckingham que comprou os livros com doações feitas pela igreja que frequentava. Scott (2009, p. 146) e Groto (2016, p. 129) afirmam que “aos doadores foi informado que eles estariam ajudando no apoio do ensino do criacionismo”. A justificativa para arrecadar o dinheiro na igreja para financiar a aquisição dos 60 exemplares de livros é clara, se tratava de um evangelismo ou pelo menos de um proselitismo religioso, o que reforça nossa hipótese de que o movimento se utilizava da teoria para fins de defesa criacionista.

Os professores não aceitaram a decisão do conselho escolar e não leram o texto indicado por ele, coube a administração escolar ler o texto nas salas de aula. Alguns pais e professores juntam-se e solicitam ajuda da ACLU para representá-los numa ação contra o distrito escolar, tendo Tammy Kitzmiller como a principal autora da queixa, que alegava que o DI era religião e não ciência.

A defesa se centrou no objetivo de provar que o DI era ciência e não religião, mas pesava contra eles a decisão de um caso similar de 1986 (*Edwards v. Aguillard*) que proibiu o ensino de religião nas escolas. Já este caso de Dover foi baseado na questão da recomendação de que a teoria do DI constituiria ou não o ensino da religião, pois caso fosse, violaria a constituição dos Estados Unidos. William A. Dembski foi apresentado como testemunha pela defesa, mas não foi ouvido. Behe foi a principal testemunha de defesa, mas não ajudou no caso, pois admitiu que o DI “não propunha um mecanismo no sentido de uma descrição passo a passo de como essas estruturas surgiram”.

Um dos principais depoimentos da acusação foi o de Bárbara Foster, que publicou o livro *O Cavalo de Tróia do Criacionismo: A Cunha do Design Inteligente*⁷⁴, no qual, a autora descreve a estratégia da Cunha, que fora adotada pelos proponentes do DI. A defesa se opôs ao depoimento dela, mas não obteve sucesso, conforme observação de Scott:

A defesa tentou desqualificar o depoimento da filósofa, mas não obteve sucesso. Ela evidenciou, historicamente, ser o DI o desenvolvimento da ciência da criação após esta ser considerada religião no julgamento do caso *Edwards vs. Aguillard*. Causou grande impacto no julgamento o trabalho técnico realizado pela NCSE evidenciando as mudanças de linguagem ocorridas nas diferentes versões de *Of Pandas and People*, evidenciando a “transformação” da ciência da criação no Design inteligente (SCOTT, 2009).

⁷⁴ *Creationism's Trojan Horse: The Wedge of Intelligent Design*– nossa tradução.

Sem dúvidas o trabalho de Bárbara Foster e do NCSE são de fundamental importância para mapear e atestar a ligação histórica dos eventos de ligação entre o movimento criacionista e os defensores do DI. Maior demonstração disso é o livro *Of Pandas and People* que tem as menções do criacionismo “Deus” ou “criação” trocadas por “Designer” ou “design”⁷⁵.

O juiz condenou o conselho escolar declarando suas ações como inutilidade empolgante e entendeu que o DI não seria ciência porque invocava a causalidade sobrenatural e porque “não atingia as regras básicas essenciais que limitam a ciência às explicações naturais e testáveis”. O juiz também rejeitou como falsa a afirmação de que “a teoria da evolução seja antiética para com a crença na existência de um ser supremo e para com a religião no geral.” (NUMBERS, 2014, p. 183).

É interessante pensar neste julgamento, pois o juiz era conhecido por ser um religioso conservador indicado por George W. Bush, e muitos temiam que sua decisão favorecesse o DI, mas sua decisão veio no sentido mais técnico possível. Ele avaliou a recepção que os pares científicos fizeram do DI e se a TDI poderia ser testada num laboratório ou algo similar, mas como não atingia elementos importantes de grau de científicidade (e não era reconhecida pela comunidade científica), o juiz preferiu definir a TDI como uma não-ciência, sendo o seu ensino caracterizado como o ensino de religião, portanto constitucional.

Pensamos que não é do interesse do movimento da TDI defender que ela seja reconhecida como teologia, pois não conseguiram desqualificar a teoria da evolução biológica dentro da mesma área de pesquisa. Existe também a questão de que setores e instituições religiosas não abraçariam a “teoria”, pois o que torna a TDI interessante para alguns religiosos é o fato de que, se a TDI for ciência, eles possuiriam o argumento de que conseguem provar a existência de Deus através da ciência.

As testemunhas de defesa centraram seus depoimentos na alegação de que a evolução teria muitas lacunas e problemas, que o DI era ciência, que os alunos ganhariam muito em termos de aprendizagem ao discutir as duas teorias em sala de aula e que o naturalismo metodológico não seria um pressuposto necessário à ciência. (GROTO, 2016, p. 130-131).

Para justificar o ensino da TDI nas escolas, necessariamente deveria ser uma área de ensino, no caso das aulas de ciências devem ser ensinadas teorias científicas e não pseudociência ou religião. Diferente de uma justificativa que comprove a necessidade ou o ganho que o DI poderia trazer aos alunos, o que vemos é um sistemático ataque ao

⁷⁵ *Designer* é quem desenvolve o plano ou o projeto, *design* é o plano ou planejamento, que retrata o objetivo primário do livro que buscava o ensino do criacionismo, onde as menções ao *Designer* se referiam a Deus e o planejamento ou plano se referiam à criação de Deus.

naturalismo como justificativa. Grosso modo, a justificativa dos proponentes do DI se limita ao raciocínio de que, se ensinar a origem da vida através do naturalismo for um método ou teoria ruim, o DI seria melhor para ensinar este conteúdo específico.

Para completar as imprecisões científicas, temos o relato a respeito do depoimento de Behe no julgamento, sobre o qual Groto escreve que:

[...] considerado o maior nome do DI, ocasionou momentos interessantes. Ao definir ciência de modo a acomodar o DI, Behe admitiu que sua definição poderia acomodar, também, a astrologia. Contradizendo sua afirmação de que a ciência nunca encontraria uma explicação evolutiva para o sistema imunológico, a acusação mostrou a ele 58 artigos *peer review*, 9 livros e vários capítulos de livro sobre a evolução do sistema imunológico. Ainda assim, ele disse que o material não apresentava evidências suficientes. Behe também disse que, apesar de afirmar que a evolução não poderia produzir a complexidade envolvida em algumas estruturas vivas, o DI não propunha um mecanismo descritivo sobre como estas estruturas teriam surgido (GROTO, 2016, p. 131).

Não é só no depoimento do caso Dover que Behe busca desqualificar afirmações científicas amplamente defendidas e publicadas, em entrevistas e em artigos publicados pelo Discovery Institute ele e outros definem o DI como uma ciência verdadeira e as demais como falsa ciência, principalmente se opondo ao naturalismo. A máxima de que a natureza se explica pela própria natureza não vale para os proponentes do DI. Para eles, suas suposições e exercícios de pensamento são mais científicos que todas as pesquisas realizadas sobre essa temática, pois quando eles rejeitam todas as pesquisas publicadas, a opinião de seus pares, a própria comunidade científica, eles escolhem dar mais valor as suas suposições explicativas da origem da vida.

Souza traz o discurso do juiz Jones justamente sobre a posição de Behe e Minnich:

[...] o teste para o DI proposto pelos professores Behe e Minnich consiste em criar o flagelo bacteriano em laboratório; no entanto, ninguém, dentro ou fora do ID, incluindo aqueles que propõem o teste, o realizou [...] O professor Behe reconheceu que não seria possível aproximar-se das condições do mundo real com o teste proposto e, mesmo se pudesse, o Professor Minnich admitiu, seria meramente um teste da evolução, não do design (SOUZA, 2009, p. 204).

Behe não consegue provar sua “teoria”, aliás ele reconhece que seria impossível reproduzir num laboratório algo que comprovasse que o DI poderia explicar a origem da vida sem recorrer ao sobrenatural. Além de Behe, os membros do conselho escolar foram ouvidos, e não conseguiram transmitir a imagem de que não havia intenções religiosas em estabelecer o ensino do DI nas aulas.

Embora houvesse dúvidas de como seria a decisão do juiz Jones, considerando ter sido indicado por George W. Bush (que já se posicionou favoravelmente ao ensino do criacionismo), sua decisão é digna de nota. Vejamos parte dela:

[...] após uma revisão dos autos do processo e da jurisprudência aplicável percebemos que, embora os argumentos sobre o ‘design inteligente’ possam ser verdadeiros, uma proposição sobre a qual o Tribunal não se posiciona, o DI não é ciência. Verificamos que o DI fracassa em três diferentes níveis, sendo que qualquer um deles é suficiente para impedir a conclusão que o DI é ciência. São eles: (1) o DI viola as regras centenárias da ciência ao invocar e admitir causas sobrenaturais; (2) o argumento da complexidade irredutível, fundamental para o DI, emprega o mesmo dualismo artificial ilógico e defeituoso que condenou a ciência criacionista na década de 1980; e (3) os ataques negativos do DI à teoria da evolução foram refutados pela comunidade científica. Como vamos discutir abaixo em mais detalhes, é importante também observar que o DI fracassou em ganhar aceitação da comunidade científica, não gerou publicações submetidas à revisão por pares, nem foi objeto de teste e pesquisa [...] é nosso ponto de vista que um observador razoável, objetivo, iria, após rever tanto o volumoso registro deste caso quanto o nosso parecer, chegar à inescapável conclusão de que o DI é um argumento teleológico interessante, mas não é ciência... Em suma, a alegação [do conselho escolar] seleciona especificamente a teoria da evolução como alvo de um tratamento especial, apresenta de forma adulterada o status que ela tem na comunidade científica, leva os alunos a duvidarem de sua validade sem uma justificativa científica, apresenta aos estudantes uma alternativa religiosa travestida de teoria científica, leva-os a consultar um texto criacionista [*Of Pandas and People*] e os instrui a se absterem de uma inquirição científica na sala de aula de uma escola pública para, em vez disso, buscar instrução religiosa em outra parte. [...] Sem dúvida, a Teoria da Evolução de Darwin é imperfeita. No entanto, o fato de uma teoria científica não poder ainda apresentar uma explicação para todos os aspectos não deve ser usado como pretexto para empurrar para dentro da aula de ciências uma hipótese alternativa não testável, embasada em religião, de modo a distorcer proposições científicas bem estabelecidas [...]. Os cidadãos da área de Dover foram mal servidos pelos membros do Conselho que votaram a favor da política do DI. É irônico que vários desses indivíduos, que de forma firme e orgulhosa venderam suas convicções religiosas em público, repetidas vezes mentiram para encobrir as suas pistas e disfarçar o verdadeiro motivo por trás da política do DI (SOUZA, 2009, apud GROTO, 2016, p. 131-132).

O juiz Jones nega o *status* de ciência ao DI, e a classifica como uma teoria teleológica. Mas para que o ensino do DI fosse caracterizado como uma violação constitucional ele precisaria ser classificado como religião, assim como na decisão de 1986. Levando em consideração os vários posicionamentos religiosos dos membros do conselho escolar, e, devido ao fato da teoria do DI não possuir uma revisão, ou mesmo aprovação da comunidade científica, os próprios proponentes do DI não possuíam artigos publicados em revistas, o que mostra que não existe uma crítica ou revisão da teoria pela comunidade científica. Por último, o livro *Of Pandas and People* foi escrito para a defesa da ciência criacionista e teve os termos criacionistas substituídos por “design”, desta forma ele é, desde o princípio, um livro criacionista. O DI não sendo considerado como ciência, e tendo um livro criacionista como o único material escolar oferecido aos alunos, a decisão só poderia creditar ao movimento do DI o *status* de religião.

3.5 O movimento Criacionista e o Design Inteligente pelo mundo

Críticos da teoria da evolução biológica sempre existiram pelo mundo, mas um movimento antievolucionista organizado em associações só foi visto fora dos Estados Unidos depois de muito tempo, no final do século XX. Um exemplo deste fato foi quando Price morou na Inglaterra por quatro anos por volta da década de 1920 e notou pouco interesse, mesmo de cristãos conservadores, em lutar contra a evolução. O mesmo é possível afirmar no Brasil, que teve suas entidades ligadas ao criacionismo, a *Sociedade Criacionista Brasileira* e a *Associação Brasileira de Pesquisa da Criação*, fundadas na década de 1970. (GROTO, 2016, p. 133). Mas um grupo de antievolucionistas britânicos, formou o *Evolution Protest Movement* (EPM) no início da década de 1930. Quem liderou a iniciativa foi o advogado e ornitólogo amador Douglas Dewar (1875-1957) depois que a Zoological Society of London rejeitou um de seus artigos sobre fósseis de mamíferos, ele concluiu que a evolução se tornara um “credo científico”. “Durante seus primeiros 25 anos, a EPM chegou a ter quase 200 membros e estabeleceu minúsculos pontos avançados na Austrália, na Nova Zelândia, no Canadá e na África do Sul.”⁷⁶

Segundo Numbers, o alvorecer do criacionismo nos Estados Unidos na década de 1960 levou ao aparecimento em série de outros focos pelo mundo. O chefe da EPM anteviu que a “reinterpretação revolucionária” de Whitcomb e Morris, da história da Terra levaria a uma ‘nova era’” (NUMBERS, 2014, p. 184). E ele estava correto. O livro de Whitcomb e Morris levou o criacionismo para as salas das faculdades. Em 1980 a EPM estava, em sua maioria, composta por defensores da Terra Jovem, e no mesmo ano mudaram seu nome para *Creation Science Movement*. Os criacionistas britânicos almejavam conseguir tempo no ar pela BBC⁷⁷ tanto quanto os criacionistas americanos aspiravam alterar o currículo das escolas públicas. Segundo Morris e seu parceiro Duane Gish (1921), que algumas vezes se juntavam a outros colegas no *Institute for Creation Research* (criado em 1972), os antievolucionistas por todo mundo começaram a se reunir em torno do criacionismo da Terra Jovem. Esse movimento começou a crescer entre os mais jovens, porém um paleontólogo americano tentou desacreditar essa virada da direção do criacionismo.

[...] até o ano de 2000, o paleontólogo americano Stephen Jay Gould (1941-2002), afirmava confidentemente aos não-americanos que não havia nada a temer. “Tão

⁷⁶ NUMBERS, Ronald L. *The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design*, 2006. Capítulo 8. “*Evangelicals and Evolution in Great Britain*”.

⁷⁷ Ibid. p. 355-362.

insidioso quanto possa parecer, pelo menos não trata-se (sic) de um movimento mundial”, ele disse. “eu espero que todos percebam o quanto essa é uma bizarrie americana, local e indígena”. (NUMBERS, 2014, p. 184).

Por mais inacreditável ou bizarra que essa proposição parecesse, Morris possuía muita influência depois do lançamento do livro e a tese ganhou muito apelo entre os cientistas criacionistas mais jovens. Existe também o componente religioso no sentido paroquiano. A tese da Terra Jovem ganhou os púlpitos e muitos pastores difundiram essa noção para a comunidade evangélica. Estamos falando de uma porcentagem expressiva da população americana. Outro ponto são os seminários teológicos americanos que servem até hoje para formação pastoral de muitos líderes religiosos de vários países, o que possibilitaria o trânsito da ideia e a grande influência das igrejas evangélicas nos Estados Unidos.

As previsões de Gould se provaram incorretas. O criacionismo se tornou um fenômeno global, ultrapassando o nicho protestante conservador e adentrando entre os crentes católicos, ortodoxos orientais, muçulmanos e judeus, porém a liderança permaneceu com os protestantes conservadores. Um exemplo dessa expansão do criacionismo, são os criacionistas da Terra Jovem na Austrália, que em 1980 estabeleceram a *Creation Science Foundation*⁷⁸. Sete anos depois o carismático ex-professor de biologia no Ensino Médio, Kenneth A. Ham (1951), um dos cofundadores da CSF mudou-se para os EUA para trabalhar com Morris no *Institute for Creation Research*. Em 1994 criou seu próprio ministério criacionista, a *Answers in Genesis* (AiG), sediado no norte de Kentucky. Em dez anos “a AiG emergiu como a organização criacionista mais dinâmica em termos mundiais, com Ham falando para mais de 100 mil pessoas por ano. Em 2007, com grande fanfarra, a AiG abriu o Museu da Criação que custou impressionantes U\$27 milhões e que atrai, anualmente, centenas de milhares de visitantes.” (NUMBERS, 2014, p. 185). Outro país que se tornou um grande centro para o criacionismo cristão foi a Coreia do Sul. Fundada em 1980/1981, a *Korea Association of Creation Research* estabeleceu filiais por todo país, publica revistas bimestrais de grande sucesso e promoveu milhares de seminários. Em 2000 começou o programa de envio de missionários criacionistas para outros países, os primeiros foram enviados para a Indonésia que é um país de predominância muçulmana. (NUMBERS, 2014, p. 185).

Em 1980 o ministro da Educação na Turquia entrou em contato com o ICR (*Institute for Creation Research*) solicitando ajuda para promover um currículo com dois modelos de

⁷⁸ Para o criacionismo na Austrália, ver NUMBERS, Ronald L. “Creationists and their Critics in Australia: an Autonomous Culture or ‘the USA with Kangaroos?’”. *Historical Records of Australian Science* 14, junho de 2020, p. 1-12. NUMBERS, Ronald L. STENHOUSE, John. *Antievolution in the Antipodes: From Protesting Evolution to Promoting Creationism in New Zealand*. *British Journal for the History of Science* 33, 2000, p. 335-35, ambos reimpresos em COLEMAN, Simon; CARLIN, Leslie (eds.). *The Cultures of Creationism: Anti-Evolutionism in English-Speaking Countries*. Aldershot: Ashgate, 2004.

ensino, o qual seriam ensinados tanto a criação quanto a evolução. Com isso a propagação do criacionismo organizado do cristianismo para o Islã começou. “Em 1990, um pequeno grupo de jovens turcos em Istambul formou o Science Research Foundation (BAV em turco), liderado por Adnan Oktar (n. 1956), que adotara o pseudônimo de Harun Yahya.” (NUMBERS, 2014, p. 185). Ele primeiro foi estudante de Design de interiores e depois de Filosofia. Quando jovem, Oktar ficava cada vez mais desconfortável com o materialismo crescente nas universidades turcas, o que ele atribuía à teoria da evolução biológica e ao sionismo⁷⁹. Oktar foi preso pelo menos três vezes devido às atividades próximas a BAV, que mais pareciam um culto. Em sua luta intelectual contra a teoria da evolução biológica ele e seu círculo produziram livros como o *The Evolution Deceit: the Collapse of Darwinism and its Ideological Background* (1997), que vendeu milhões de exemplares em diversos idiomas.

Ainda que o Alcorão não requeira a crença em uma Terra Jovem, na criação em sete dias de vinte quatro horas ou em um dilúvio global, durante anos Oktar baseou-se fortemente em escritos de criacionistas da Terra Jovem para criticar a evolução. No início do século XXI, contudo, ele começou a mover-se em direção ao grupo intelectualmente mais compatível ao DI – tanto que o Discovery Institute listou o website de Harun Yahya como um “Site islâmico do Design Inteligente”. Mas por conta de um ressentimento sobre a ascendência de um antigo discípulo no mundo do DI, Oktar repudiou o DI como “mais uma das armadilhas de Satã” por conta de seu fracasso em reconhecer Alá. Qualquer que seja o rótulo, sua cruzada antievolucionista levou a um amplo debate entre Muçulmanos conservadores. (NUMBERS, 2014, p. 186).

Com uma amplitude menor, os judeus ortodoxos também apoiaram o criacionismo organizado. Eles acreditam que Deus criou o mundo a pouco mais de 6 mil anos, mas não deram atenção à luta dos cristãos contra a evolução. Outro judeu, de forma isolada, se manifestava contra a teoria da evolução biológica, mas no ano 2000 os judeus criacionistas organizaram a *Torah Science Foundation*, formada em sua maioria por israelenses e americanos inspirados pelo Rebe Lubavitch Menachem Mendel Schneerson (1902-1994)⁸⁰ “Decidido a manter uma identidade separada dos fundamentalistas cristãos, esses judeus antievolucionistas juntaram os ensinamentos da Torah e os da Cabala ao criacionismo *prêt-à-porter* e criaram um produto exclusivamente judeu.” (NUMBERS, 2014, p. 186).

Talvez a região mais secular do mundo, a Europa Continental, resistiu ao criacionismo ao estilo dos EUA. Essa posição mudou rápido com o fim da União Soviética em 1991, o cristianismo evangélico teve grande êxito na Rússia, e com ele, o criacionismo. Não muito

⁷⁹ O sionismo é um movimento judeu que, entre outras coisas, resultou na formação do Estado de Israel. Eles buscam a existência de um Estado judaico, independente e soberano, onde o antigo reino de Israel existiu.

⁸⁰ Conhecido como “O Rebe”, foi um rabino ortodoxo nascido em Nikolaev, Império Russo, hoje Mykolaiv, Ucrânia. Foi o sétimo e último Rebe do movimento Chabad Lubavitch (uma das ramificações do hassidismo e uma das maiores organizações judaicas do mundo).

tempo se passou até os burocratas do Ministério da Educação Russo copatrocinarem conferências criacionistas e colaborarem com escritores americanos na produção de livros didáticos criacionistas, “e urdindo o criacionismo a ser ensinado para ajudar a restaurar a liberdade acadêmica na Rússia depois de anos de uma ortodoxia científica imposta pelo Estado. Como disse um acadêmico, ‘nenhuma teoria deveria ser desacreditada depois da longa censura comunista’” (NUMBERS, 2014, p. 186-187). Também houve uma expansão do criacionismo em outros países da antiga URSS como, por exemplo, a Polônia, Hungria, Romênia e Sérvia. Em 2004 o Ministro da Educação da Sérvia, que era um cristão ortodoxo, instruiu os professores a deixarem de ler para os alunos de escolas primárias um capítulo do livro didático mais usado na oitava série, pois o ministro considerava o capítulo dogmático sobre a teoria da evolução biológica. Em 2005, o Ministro da Educação da Romênia “oficializou a permissão para que professores tanto de escolas públicas quanto cristãs elegessem usar uma alternativa criacionista ao livro didático padrão” (NUMBERS, 2014, p. 187).

Na Europa Ocidental também ocorreram episódios de surtos antievolucionistas. Em 2004, a Ministra da Educação da Itália anunciou sua intenção de eliminar o ensino da evolução para os alunos com idade entre onze e quatorze anos, o que gerou grandes protestos e um rápido recuo. Em 2005, o Ministro da Ciência e da Educação da Holanda “sugeriu que o ensino do Design Inteligente poderia ajudar a curar as feridas religiosas porque cristãos, judeus e muçulmanos acreditam na criação. O furor gerado por essa proposta levou um observador alarmado a perguntar: ‘A Holanda está tornando-se o Kansas da Europa?’”⁸¹ (NUMBERS, 2014, p. 187).

Para analisar os sentimentos antievolucionistas na Europa no início do século XXI é preciso recorrer às pesquisas de opinião pública. Em 2002 foi realizada uma das primeiras pesquisas sobre a atitude europeia em relação à criação e à evolução, na qual foi constatado que 40% eram favoráveis à evolução naturalista, 21% à evolução teísta, 20% (com os suíços na liderança) acreditavam que “Deus criara todos os organismos em algum momento nos últimos 20 mil anos” e 19% se declaravam indecisos.⁸² Em 2006, a BBC divulgou o resultado de outra pesquisa, mas desta vez, chocou as pessoas com o resultado, os quais mostraram que,

⁸¹ “4 em cada 10 pessoas no Reino Unido acreditam que as alternativas religiosas à teoria da evolução de Darwin deveriam ser ensinadas como ciência nas escolas”. A pesquisa indicou que apenas 48% dos britânicos acreditavam que a teoria da evolução “descrevia melhor seu ponto de vista sobre a origem e o desenvolvimento

⁸² ENSERINK, Martin. “Is Holland Becoming the Kansas of Europe?” Science 308, 2005, p. 1394

⁸² KUTSCHERA, Ulrich. “Darwinism and Intelligent Design: the New Anti-Evolutionism Spreads in Europe” NCSE Reports 25, setembro-dezembro de 2003, p. 17-18.

da vida”. 22% das pessoas disseram que o “criacionismo” descrevia melhor seu ponto de vista, 17% favoreciam o “Design Inteligente” e 13% permaneceram indecisos.⁸³ (NUMBERS, 2014, p. 188).

Um ano antes, em 2005, uma pesquisa Gallup⁸⁴ identificou que aproximadamente o dobro dos americanos preferiam “criacionismo” a “Design Inteligente”, sendo que 58% dos que responderam entendendo o criacionismo como verdade definitiva ou provável, 31% responderam o mesmo sobre o Design Inteligente e 55% das pessoas tiveram como resposta a evolução. A observação mais visível que surge é a falta de clareza sobre o assunto para 28% da população que declarou não estar familiarizado com o Design Inteligente; 11% com o criacionismo e 8% com a evolução.⁸⁵ (NUMBERS, 2014, p. 188). Uma observação pessoal sobre essa pesquisa é que, entre criacionismo e evolução, 3% a mais de entrevistados não estavam familiarizados com o criacionismo, no país do criacionismo organizado, ou seja, as pessoas estavam mais familiarizadas com a teoria da evolução biológica do que com o criacionismo.

O Design Inteligente continuou sua ofensiva e busca pela alteração dos currículos escolares das escolas públicas. Eles continuavam a incomodar a política americana em todos os níveis, até mesmo o federal, chegando aos palanques das eleições presidenciais em 2008 quando John McCain, um batista do Sul, defendeu o ensino de “‘todos os pontos de vista’ sobre as origens dos seres humanos, da mesma forma que sua candidata à vice-presidência, a governadora do Alasca Sarah Palin, pentecostal.” (NUMBERS, 2014, p. 188). “Ensine os dois”, disse ela. “não tenha medo de informação. O debate saudável é extremamente importante e valioso em nossas escolas. Eu sou uma proponente do ensino dos dois” (NUMBERS, 2014, p. 188). Os candidatos democratas apoiaram a ciência, mesmo sendo religiosos. O então senador Barack Obama, membro da United Church of Christ, repudiou o DI o classificando como “não ciência”. Ele disse ao jornal York da Pensilvânia:

Eu sou cristão. Eu acredito na evolução e eu acredito que haja uma diferença entre a ciência e a fé. Isso não torna a fé menos importante do que a ciência, isso apenas significa que elas são coisas diferentes. E eu acho que é um erro tentar nuclar o ensino da ciência com teorias que francamente não sustentam-se frente ao escrutínio científico. (NUMBERS, 2014, p. 189).

⁸³ NUMBERS, Ronald L. “The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design”, p. 408: <Mori.com/polls/2006/bbc-horizon.shtml>. Ver também ALLGAIER, Joachim; HOLLIMAN, Richard. “The Emergence of the Controversy around the Theory of Evolution and Creationism in UK Newspaper Reports”. Curriculum Journal 17. 2006, p. 263-279.

⁸⁴ Ver <www.gallup.com/poll/21814/Evolution-Creationism-Intelligent-Design.aspx>; MOORE, David W. “Most Americans Tentative”. (NUMBERS, 2014, p. 188).

⁸⁵ A pesquisa apresenta várias questões o que justifica a aparente discrepância nas porcentagens. Nela se pergunta sobre acreditar ou não na teoria da evolução biológica, o que justifica que dos entrevistados 55% acreditavam na teoria da evolução como verdade e os demais (45%) que não acreditavam nessa teoria se dividiram entre 58% acreditando no criacionismo e 31% no DI.

O escolhido para ser vice-presidente, o senador Joe Biden, um católico, também repudiou o DI, o declarando como “baboseira”.⁸⁶

Por que tantas pessoas rejeitam a evolução? Seria falta de educação formal? Ou o ódio pela ciência? A resposta não nos parece simples assim, até porque a maioria dos antievolucionistas afirmam amor pela ciência. Eles se referem ao criacionismo da Terra Jovem como ciência da criação e ao Design Inteligente como uma teoria científica. Numbers afirma que alguns, como os Adventistas do Sétimo Dia, rejeitam a evolução porque sua profetisa lhes disse que a evolução era satânica.⁸⁷ Outros fundamentalistas acreditam que a teoria da evolução biológica contradiz o significado da palavra de Deus no Gênesis. Alguns críticos ligaram a teoria da evolução biológica a movimentos sociais e políticos, como o militarismo alemão depois da Primeira Guerra Mundial, o comunismo depois da Segunda Guerra Mundial, além do ateísmo e o materialismo. Todos adotando o ponto de vista “promovido tanto pelos antievolucionistas quanto pelos materialistas”, de que o pensamento evolucionista seria incompatível com uma crença religiosa genuína. “Frente a uma escolha aparentemente rígida, eles elegeram manter sua fé religiosa. Tudo isso sugere que esses movimentos não irão sucumbir à ortodoxia evolucionista tão cedo.” (NUMBERS, 2014, p. 189).

3.6 A Teoria do Design Inteligente no Brasil

Braga (2016) acompanhou o maior nome do DI no Brasil, o professor Marcos Eberlin, em alguns eventos e realizou várias entrevistas com ele, além disso, fez entrevistas com opositores do DI no país. Sua pesquisa, de cunho antropológico, serve de referência para entender o movimento da TDI no Brasil. Considero seu texto uma importante fonte bibliográfica e documental, já que sua pesquisa registra grande parte dos eventos realizados

⁸⁶ KARAMARTIN, C. J. “McCain Sounds like Presidential Hopeful”. Arizona Daily Star, 24 de agosto 2005, disponível em <azstarnet.com/sn/politics/90069>; KIZZIA, Tom. “Creation Science” Enters the Race. Anchorage Daily News, 27 de outubro de 2006, disponível em <dwb.adn.com/news/politics/elections/v-printer/story/8347904p-8243554c.html>; MURPHY, Flynn. Obama Townhall: Math, Science Add Up. Naperville Sun, 18 de janeiro de 2006, <obama.senate.gov/news/060118-obama_townhall> (not science); JOYCE, Tom. “Obama Talks about York”. York Sunday News, 30 de março de 2008, p. 1, 7; Real Time with Bill Maher. Episode 74, 7 de abril de 2006, entrevistando Joe Biden.

⁸⁷ Pensamos que a questão não se resuma a simplificar em satânico e não satânico. Ellen G. White manteve sua visão dentro do contexto histórico bíblico em relação ao dilúvio e ao criacionismo propriamente dito. Sobre a oposição à evolução, já seria outra problemática que não deveria se misturar com sua religião. Uma coisa é defender seu credo, outra é opor-se a uma teoria científica bem fundamentada que, a menos que ataque frontalmente sua religião (o que não o faz, pois, o ensino da evolução não impede que sua religião exista), não deveria ser vista como um problema.

no país, além de conter relatos tanto dos bastidores quanto dos envolvidos no referido movimento no país.

No Brasil a TDI, até onde rastreei, vem realizando eventos desde os anos 2000. No ano de 2014 foi realizado, nos dias 14, 15 e 16 de novembro, no hotel Royal Palm Plaza, o 1º Congresso Brasileiro Sobre o Design Inteligente, o qual foi o maior evento já realizado sobre o assunto até o atual momento no país. [...]. Além desse, diversos outros eventos menores foram realizados no território nacional deste o começo de 2014 até agora. É comum que esses eventos menores aconteçam associados a algum grupo religioso ou igreja e, até o momento, todos os grupos e igrejas observados são evangélicos protestantes [...] (BRAGA, 2016, p. 11-12).

Esta citação reforça a proposição de que o DI seria um grupo de criacionistas fundamentalistas que defendem as mesmas proposições que o AD para atingir seus propósitos de ensinar o criacionismo com uma aparência científica. Esse argumento é frequentemente utilizado pelos defensores do DI para reforçar o caráter científico da TDI, quando o histórico do movimento criacionista nos demonstra que o movimento do DI é, na verdade, a evolução ou um novo modo de apresentar o criacionismo.

Entretanto, sob o criacionismo cristão, também existem diferentes ideias. Somente dentro dos EUA, de acordo com Engler (2007), existem nove tipos diferentes de criacionismos cristão, entretanto, Engler (2007) também admite que esse número pode variar dependendo da forma e do momento em que a observação se dá. Exemplos de características que os diferenciam são: interpretar ou não o texto bíblico de forma literal, figurativa ou mitológica; a terra como jovem ou velha e de que maneira o criador teria agido, dentre outras. Dentro da TDI, de acordo com Williams (2011) e Scott (2009), também existem diferenças de pensamento. Uma das maiores cisões está entre aqueles que veem a Terra como jovem, tendo menos de dez mil anos, e aqueles que a veem como velha, tendo bilhões de anos. Eberlin defende a perspectiva da Terra jovem, porém, não interpreta isso como uma cisão dentro do pensamento da TDI, algo que desarticula seus defensores. Em entrevista, Eberlin afirma que isso é uma diferença interna dos defensores da TDI que não gera uma separação dentre esses. Ver a Terra como jovem ou velha não seria um requisito para se integrar ao movimento. A TDI nos EUA é fomentada por um *think tank* chamado *Discovery Institute*, o qual é bastante ativo na sua propagação e reúne em sua organização vários daqueles considerados como os maiores defensores da TDI. Ainda que o pensamento dos defensores não seja homogêneo, no que se refere aos EUA e o que temos no Brasil como a teoria do design inteligente, não se pode negar que haja influência dele aqui também. (BRAGA, 2016, p. 19-20).

A maior parte das pessoas que defendem ou conhecem o TDI no Brasil e até mesmo nos EUA tiveram ou têm contato com os textos, livros ou publicações fomentadas pelo *Discovery Institute*. Mesmo que haja divergências no movimento do DI, como é citado, por exemplo, a questão sobre a idade do planeta Terra, um *think tank*, como *Discovery Institute*, cria certa unidade no que é pensado. Já no caso do criacionismo, por exemplo, existem vários tipos de criacionismos só entre os protestantes, afora outras divisões do cristianismo, como do catolicismo romano, o das igrejas ortodoxas, e até mesmo das igrejas “evangélicas”

restauracionistas (como por exemplo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias), que não se autodenominam e não são vistos pelos protestantes como uma igreja protestante, ou seja, uma igreja com raízes na reforma protestante de Martinho Lutero, Calvino ou um dos outros pais da reforma iniciada em 1517.

O criacionismo que deu maior importância ao TDI foi o protestante fundamentalista. Nem o criacionismo católico, nem o protestante liberal ou moderado tenderam a TDI. Houve casos de católicos ligados ao *Discovery Institute*, mas são exceções. Um exemplo da não aceitação entre os protestantes moderados e liberais está na entrevista de Braga:

Em 2014, realizei uma entrevista com alguns membros de um grupo de jovens cristãos da Unicamp, membros da Aliança Bíblica Universitária, os quais afirmaram verem a TDI como um retrocesso a um processo de integração entre as formas como a religião e a ciência percebem o mundo. Eles aceitam a visão da Terra velha e de que o processo evolutivo, tal como descrito pela teoria darwinista, está correto. Do seu ponto de vista, deus seria responsável pela criação do universo e da vida e teria guiado o processo evolutivo com a intenção de produzir o homem. Ainda de acordo com os entrevistados, a TDI fortalece um conflito que seu grupo busca dirimir. (BRAGA, 2016, p. 21).

Michelson Borges, jornalista e diretor da editora Casa Publicadora Aluguel, no site criacionismo.org nos diz algo que corrobora nossa tese:

Dizer que o *design* inteligente “prova” a existência de Deus é um pouco precipitado. Na verdade, a constatação de *design* ou projeto inteligente na natureza aponta para a existência de uma mente inteligente, ou um designer por trás da imensa quantidade de informação complexa e específica contida numa célula, por exemplo. Quem é esse designer? Teóricos ateus da Teoria do Design Inteligente (sim, há também ateus e agnósticos nesse grupo) acreditam que possam ser outras civilizações inteligentes. Já os criacionistas bíblicos defendem que o Designer seja o Deus revelado nas Escrituras Sagradas.⁸⁸

Apesar de serem exceções à regra, existem aqueles que não entendem o designer como o Deus bíblico, apesar de as grandes referências da TDI defenderem o Deus cristão como a melhor opção para o designer.

Os defensores da TDI, na maioria das vezes, procuram não associar essa teoria com alguma religião, movimento ou figura de um designer, entretanto, a TDI tornaria logicamente aceitável e necessária a intervenção de um ser inteligente na constituição da vida de um ponto de vista científico. De fato, a TDI pode não provar necessariamente a existência de deus, quando falamos de um deus específico, mas afirma positivamente que há um ser criador, cujas características não entram em contradição com a do deus criador cristão. (BRAGA, 2016, p. 22).

⁸⁸ <http://www.criacionismo.com.br/2012/01/dna-prova-existencia-de-deus.html> Acesso em 13/08/2020

O afastamento das religiões faz-se necessário para se afirmar como teoria científica, embora a maioria dos defensores do DI sejam religiosos. A teoria da evolução biológica não possui um ser necessário para a existência da vida, ou o planejamento de uma mente inteligente.

3.6.1 Antievidência genial de Marcos Eberlin

Para Behe e Dembski, cunhar maior significado ao conceito de “complexidade” foi a maneira de manter o conceito na TDI ao mesmo tempo em que o reforçava cada vez mais. A sempre presente afirmação de que as coisas são perfeitas e complexas demais para serem produtos do acaso é o que dá significado à teoria do DI. O professor da Unicamp, Marcos Eberlin, utiliza outro termo e, até mesmo, tenta demonstrar outros detalhes, mas utiliza o mesmo exemplo para a mesma finalidade, a saber, demonstrar que as coisas, e em especial a vida humana, foram criadas de forma perfeita e complexa. Sua “teoria” é chamada de Antievidência genial. Vejamos o que ela propõe:

A antievidência genial consiste: 1º, na percepção de que existem estruturas na vida celular e molecular do organismo cujas funções são prevenir e reparar erros; 2º, de que tais estruturas têm pequena chance de terem evoluído naturalmente de acordo com Eberlin. Para o autor, somente uma mente inteligente poderia desenvolver uma estrutura capaz de corrigir e reparar erros, porque somente uma mente assim seria capaz de prever os possíveis erros que aconteceriam a nível celular e molecular num organismo vivo. (BRAGA, 2016, p. 39-40)

Pensamos que, para Behe, Dembski e Eberlin, as chances de algo supostamente perfeito ser produto da evolução são sempre baixas, e somente uma mente inteligente poderia projetar ou criar algo perfeito. Mas acreditamos existir uma resposta lógica a isso, baseando-se no princípio da causalidade, de que se algo existe ou é de determinada forma, existe uma causa para isso, da mesma forma que o AD. A causa da complexidade do corpo humano não poderia ser o “acaso” da evolução, tem que necessariamente ser uma mente inteligente. A causa de os planetas girarem em torno do sol, sem se chocarem entre si, precisa ser do desejo de uma mente inteligente. O designer, ou a mente inteligente é a causa necessária, ou seja, uma coisa é a causa de outra que é a causa de outra e essa causação segue *ad infinitum* até chegar à causa necessária, pois necessariamente deve existir uma causa que foi a primeira e que criou a si mesma e as demais.

Exemplificando o argumento da causalidade, grosso modo, observamos que a mente inteligente é a causa de si mesma, e do universo que, por consequência, causa a existência dos planetas – que, no caso do planeta Terra, causou, por sua vez, condições necessárias à origem

da vida -, ou seja, o planeta é, também (ao lado da mente inteligente) a causa da vida. Apresentamos o planeta Terra como a causa conjunta à mente inteligente porque os proponentes do DI discordariam se o planeta Terra fosse a única causa da vida humana, eles acreditariam, ao contrário, que a vida humana é tão complexa, e tão perfeita nos detalhes, que só poderia ser um projeto de um designer. Eles também se oporiam na questão da origem dos demais animais, mas não no mesmo nível que dos seres humanos. Os seres humanos possuem destaque entre as criações do designer, e é até possível que alguns defendam que muitas das condições planetárias, como a porcentagem de oxigênio no ar ou a temperatura da Terra, existam para atender aos seres humanos, e não que os seres humanos são produtos ou consequência das condições existentes na Terra. É neste ponto que movimentos criacionistas ou religiosos se descolam do argumento da causalidade, pois as vidas humanas não podem ser causadas pelo acaso e nem ser tratadas como as demais vidas biológicas do planeta. O ser humano é causa direta da vontade do designer.

Eberlin expõe o argumento da antievidência genial em seu livro chamado *Fomos Planejados*, e, numa série de vídeos produzidos por ele, com o mesmo nome do livro. Seu livro foi publicado apenas inicialmente em versão online no site www.fomosplanejados.com.br. “Eberlin vem escrevendo o livro desde 2007 e, ao invés de publicar o livro completo, vem publicando capítulos, conforme escrevia. Como a publicação do livro foi apenas pelo site citado, Eberlin afirma poder editar o livro como desejar e a qualquer momento.” (BRAGA, 2016, p. 40). Em 2018 o livro foi lançado em formato físico pela editora da Universidade Mackenzie.

A ideia de Eberlin foi desenvolvida a partir do trabalho de Behe, a complexidade irredutível, “pois as estruturas de correção e reparação de erros citadas se enquadrariam nessa. Porém, a função que estas estruturas possuem seria uma evidência além da já oferecida pela complexidade irredutível.” (BRAGA, 2016, p. 40). Mesmo que sua “teoria” seja desenvolvida a partir de Behe, a antievidência genial não se tornou amplamente conhecida ou debatida. Nos relatos de Braga, que acompanhou Eberlin nos eventos do DI, é possível perceber que o próprio Eberlin é o principal debatedor de sua ideia.⁸⁹

⁸⁹ Segundo a teoria de Eberlin, os poros presentes na membrana celular, chamados de aquaporinas, é considerado o principal exemplo dado por Eberlin para a antievidência genial. Eles serviriam para a entrada e saída de água das células, porém quando a água entra na célula, íons de hidrogênio poderiam entrar junto a água, o que alteraria o ph interno da célula, que por sua vez, prejudicaria diversos processos celulares. Entretanto, as aquaporinas não permitem que qualquer outra coisa que não moléculas de água entrem na célula. “O sistema funciona porque esses poros são tão estreitos que só permitem a entrada de moléculas de água uma a uma e, quando um íon entra nesta fila, o poro fecha-se não permitindo a sua entrada. Esse íon é repelido e a água volta a entrar na célula. O sistema das aquaporinas é considerado um exemplo de complexidade irredutível, além de exemplo de antievidência genial1.” (BRAGA, 2016, p. 40)

Braga faz indagações interessantes sobre as questões propostas por Dembski, Behe e Eberlin:

As questões propostas por Dembski, Behe e por Eberlin giram em torno do problema: como ocorre o ganho de informação útil e funcional nas formas de vida? Esse ganho de informação pode ser atribuído ao quê? Leis Naturais? Acaso? Ou design? As questões propostas pelos defensores do design inteligente defendem a perspectiva de que nada além da ação de uma mente inteligente é capaz de gerar informação útil e funcional. Dito de outra maneira, eles defendem que qualquer ganho de diversidade e complexidade da vida, seja o tempo para isso curto e datado historicamente ou longo e profundo, não pode ter ocorrido sem a intervenção de uma mente inteligente e de que não é possível o ganho de complexidade, diversidade e/ou nova informação por nenhum outro meio. Portanto, as formas de vida teriam sido criadas tal como as conhecemos por uma mente inteligente. (BRAGA, 2016, p. 41)

A reflexão de Braga corrobora com o apontamento que fizemos anteriormente sobre o objetivo principal da “teoria” dos três maiores proponentes do DI, que é de excluir as outras possibilidades de explicação para a evolução tanto de informações, complexidade e até mesmo o surgimento de estruturas complexas.

Para os três autores citados, todas as mutações que ocorrem nas formas de vida nunca são benéficas, e geralmente deixam as formas de vida piores. Essa proposição tem o objetivo de responder a perguntas como: por que o designer criaria causas ou seres que provocam sofrimentos? Uma vez que se defende esse pensamento, qualquer forma de vida torna-se destrutiva ao se degenerarem através da mutação, ocasionando toda a dor e sofrimento presentes no mundo.

No III congresso Darwinismo Hoje, Scott Minnich traz, como exemplo deste tipo de caso, a peste negra ou peste bubônica e as vespas parasitas de lagartas. Segundo o palestrante, as bactérias causadoras peste negra (*Y. Pestis*) são uma derivação recente de outra bactéria (*Y. Pseudotuberculosis*). A *Y. Pestis* teria se originado da *Y. Pseudotuberculosis*. Isso aconteceu pela perda de genes que serviriam para sintetizar o flagelo bacteriano, o qual sensibiliza fortemente o sistema imunológico humano, o que permitiria a bactéria espalhar-se mais antes da resposta do organismo infectado. Além disso, o flagelo se tornaria num tipo de agulha que injetaria substâncias tóxicas nas células. Segundo Minnich, a *Y. Pestis* seria 99% semelhante a *Y. Pseudotuberculosis*, mas 13% dos genes da primeira não eram mais funcionais. Segundo o palestrante, essa perda de informação na *Y. Pestis* seria a causa de sua virulência. Assim, ele argumenta que a bactéria *Y. Pseudotuberculosis* é o projeto original e que ela não é virulenta, logo o projeto original era bom, mas que havia se tornado mal ao sofrer mudanças. (BRAGA, 2016, p. 41)⁹⁰

⁹⁰ Para confrontar ou nos dar uma perspectiva diferente dos argumentos do DI, Braga evoca Kenneth Miller (2009): os proponentes da TDI não veem como possível a macroevolução, somente a microevolução. Macroevolução consiste em uma espécie dar origem a outra(s) através de modificações sucessivas. Microevolução consiste em mudanças dentro de uma mesma espécie, o que não implicam no surgimento de uma nova. [...] (BRAGA, 2016, p. 42) Miller (2009) também argumenta que, “a intervenção de um designer não é necessária para explicar a ruptura na barreira entre a microevolução e a macroevolução. Um dos argumentos de Miller para exemplificar isso é a semelhança dos embriões das diferentes espécies. Além disso, essa necessidade de intervenção, de acordo com Miller (1999), levam os estudos sobre o assunto a uma rua sem saída, pois é impossível testar, observar e, portanto, realmente conhecer a ação desse designer.” (BRAGA, 2016, p. 42) Braga

O movimento do DI, em todos os argumentos, tenta justificar a existência de um plano original para as formas de vida, e esse plano estabelece que os seres e espécies foram criados da melhor forma possível; as microevoluções que ocorreram desde então, ou deixaram os seres vivos no mesmo patamar que já se encontravam, ou pioraram sua forma de vida. Diferente da teoria da evolução biológica que não sustenta a ideia de um projeto original, e que também enxerga a mutação como possibilidade para o aumento de complexidade e diversidade dos seres vivos.

Continua apresentando os outros argumentos de Miller que nos fala: “a TDI não é eficiente em explicar a sucessão de espécies que surgem e desaparecem, a similaridade entre as espécies atuais e as que desapareceram, a diversificação das formas de vida, ocupando novos nichos e se diferenciando, criando de novas formas. [...] pergunta: se o designer é tão inteligente quanto eles afirmam, por que criar diversas espécies diferentes para depois extingui-las? Por que não criar desde o início a espécie final? O terceiro argumento de Miller (2009) vem da ideia de Aristóteles das quatro diferentes causas, a saber: a material, a formal, a eficiente e a final. O darwinismo avança ao estabelecer uma causa eficiente, a seleção natural, e uma causa final, a sobrevivência. Ainda de acordo com Miller (2009), as quatro causas da teoria darwinista são testáveis, enquanto as quatro causas da TDI não são. De acordo com o autor, a causa eficiente da TDI seria a vontade do designer, a qual é desconhecida e que não pode ser testada. E ainda pergunta: qual seria a causa final para organismos devastadores como os mosquitos e peste bubônica? O quarto argumento de Miller (2009) diz respeito às imperfeições que são encontradas na natureza. Segundo o autor, o genoma humano está cheio de enganos e genes inúteis. Por que um designer deixaria esses problemas de design nas suas criações? Miller (2009) afirma ainda que a TDI não é capaz de responder a essas perguntas satisfatoriamente.” (BRAGA, 2016, p. 43). Além disso, Miller (2009) levanta a hipótese de que o principal movimento da TDI nos EUA foi o de tentar ganhar espaço nas escolas públicas e não nos laboratórios. Como se ela estivesse mais interessada em ganhar espaço na opinião pública do que no trabalho científico e acadêmico, o que ajudaria a explicar a ausência de qualquer trabalho científico sobre essa teoria. É possível que a intenção em atingir a educação básica seja construir pessoas que consideram a TDI plausível. (BRAGA, 2016, p. 53)

4 - O ARGUMENTO DO DESÍGNIO

Algumas palavras quase sempre são utilizadas quando se aborda o Argumento do desígnio. Perfeição, ordem, regularidade, complexidade e planejamento são algumas delas. Essas palavras, e algumas outras com significados similares, geralmente são utilizadas para abordar a existência de um designer, um criador e planejador. A ordem pressupõe um ordenador, bem como um motivo para a existência dessa ordem. As estruturas mais complexas são utilizadas como exemplos tanto da existência dessa ordem como da necessidade de uma intenção na criação dessas estruturas. É o caso dos seres humanos e do próprio planeta com as condições propícias para abrigar a vida como a conhecemos.

A pergunta principal seria o que é o Argumento do Desígnio? O AD é um argumento a favor da existência de Deus. Ele parte da análise feita da observação da natureza, da ordem e da regularidade e beleza presentes nela.

Nosso referencial teórico será David Hume, que refletiu sobre o tema por mais de 15 anos, escrevendo e revisando suas reflexões até concluir o livro *Diálogos sobre a religião natural*. Nesse livro, em forma de diálogo, o autor debate o tema que era amplamente conhecido entre os pesquisadores de teologia natural.

O argumento do Desígnio é um argumento teleológico, muito conhecido a partir da *Quinta via* de Tomás de Aquino, mas que ganhou uma nova versão em William Paley, o qual abordaremos mais à frente. Esse argumento tenta demonstrar que a natureza foi planejada e possui uma finalidade (LIMA FILHO, 2017). Em dado momento de seu livro, Hume coloca esse argumento em discussão, para que o interlocutor observe a ordem e a regularidade presentes na natureza. Um dos personagens do livro tenta convencer o outro de que a natureza só poderia ser fruto de um planejamento (HUME, 1992, p. 30-31).

4.1 Argumento do Desígnio nos Diálogos sobre a religião natural

Vários dos argumentos encontrados na teologia natural estão presentes nos *Diálogos sobre a religião natural*. O livro é uma resposta ao argumento do desígnio. A relação de comparação entre as similaridades existentes entre objetos criados pelo homem e os criados por Deus, é algo recorrente em todo o livro. É preciso elucidar algumas questões/alguns itens para aqueles que não entraram em contato direto com a obra. No livro, três personagens dialogam: Demea, Cleantes e Filo. Eles, no início da discussão, deixam claro que a existência de Deus está posta, ela não seria discutida, porém discute-se tudo a respeito da divindade,

desde sua natureza até suas criações. A “prova” de sua existência é o tema mais recorrente. No decorrer do diálogo dos três personagens, percebe-se que Demea defendia a existência de Deus, mas não apoiava que a discussão se aprofundasse a ponto de questionar certos aspectos, como a natureza divina ou outros aspectos que Cleantes, o personagem teísta, buscou discutir. Filo foi caracterizado como um personagem cético em muitos momentos, ele representa, em quase todo o livro, os questionamentos de David Hume, e em muitas falas do personagem é possível observar passagens de outros livros do filósofo, principalmente do livro *Investigações sobre o entendimento humano*. Entretanto, não foi somente este personagem quem agiu como o porta-voz do filósofo. Todos os três, em dado momento falaram por Hume. Em uma carta⁹¹ o filósofo revelou sua estratégia de não deixar que os personagens se tornassem previsíveis colocando apenas *nonsense*⁹² em suas bocas, colocando bons argumentos nas falas de todos os três (HUME, 2016).

Desde o início, o filósofo criou o personagem Cleantes para ser o herói do livro (HUME, 2016). Durante as seções do livro, Filo ganha a argumentação, essa era a intenção de Hume, ele argumentou e contra-atacou cada argumento a favor do AD, o objetivo era demonstrar que o argumento era falho e não provava a existência divina. Para fugir da censura de sua época, Hume encerra o livro fazendo o personagem Filo concordar com Cleantes, desta forma o livro é finalizado concluindo que o Argumento do Desígnio estava certo. A obra não foi publicada em vida, se a conclusão do livro fosse diferente, sua publicação jamais teria sido cogitada.

A teologia natural é muito anterior à Hume, ela remonta a pelo menos à Grécia antiga, mas os aspectos que estudaremos aqui estão mais relacionados à teologia cristã.

Segundo McGrath, a teologia natural “começa com a afirmação da existência de Deus ou com a ordem do mundo” (MCGRATH, 2005, p. 170), desta forma ela não busca provar sua existência, pois ela já está posta. Isso está presente desde o início nos *Diálogos* de Hume, a afirmação de que Deus existia não era algo a ser discutido, sua existência já era dada como certeza indiscutível. Para McGrath, a teologia natural “procura mostrar que esse ponto de partida nos leva ao reconhecimento da existência de um ser que poderia ser aceito como Deus” (2005, p. 170). Essa ordem no mundo, assim como outros conceitos comuns da teologia natural é o ponto de partida que aparece em vários momentos do livro de Hume.

Existe um momento nos *Diálogos* - na segunda parte do livro, o equivalente ao segundo capítulo -, que definirá o rumo do desenvolvimento da argumentação, em que se

⁹¹ Hume se comunicou com Gilbert Elliot de Minto em alguns momentos na elaboração dos Diálogos sobre a religião natural. Na ocasião em que o filósofo descreveu Cleantes como o herói do livro e de que evitaria por apenas *nonsense* na boca do adversário, a carta foi escrita em 10 de março de 1751.

⁹² Expressão inglesa que significa algo sem sentido, conduta contrária ao bom senso.

demonstra o que Cleantes está defendendo (que seria o AD), na qual havia uma intenção, um propósito para a criação dos seres e da natureza, e que isso poderia ser percebido através da observação da mesma. Ele utiliza os conceitos de ordem no mundo, razão e beleza da criação, exatamente as três abordagens da teologia natural elencadas por McGrath (2005, p. 171-173).

Vejamos a citação onde esses elementos são apresentados:

Olhem para o mundo ao redor, contemplem o todo e cada uma de suas partes: vocês verão que ele nada mais é que uma grande máquina, subdividida em um número infinito de máquinas menores que, por sua vez, admitem novamente subdivisões em um grau que ultrapassa o que os sentidos e faculdades humanas podem descobrir e explicar. Todas essas diversas máquinas, e mesmo suas partes mais diminutas, ajustam-se umas às outras com uma precisão que leva ao êxtase todos aqueles que já as contemplam. A singular adaptação dos meios aos fins, ao longo de toda a Natureza, assemelha-se exatamente, embora exceda-os em muito, aos produtos do engenho dos seres humanos, de seu designio, pensamento, sabedoria e inteligência. E, como os efeitos são semelhantes uns aos outros, somos levados a inferir, portanto, em conformidade com todas as regras da analogia, que também as causas são semelhantes, e que o Autor da Natureza é de algum modo similar ao espírito humano, embora possuidor de faculdades muito mais vastas, proporcionais à grandeza do trabalho que ele realizou. É por meio deste argumento *a posteriori* – e apenas por meio dele – que chegamos a provar a um só tempo, a existência de uma Divindade e sua semelhança com a mente e inteligência humanas. (HUME, 1992, p. 31).

Nesta citação conseguimos ver o plano geral de toda a problematização presente no livro. Os elementos centrais da discussão da teologia natural, a defesa do designio, uma crítica aos argumentos similares ao argumento do relojoeiro e ao próprio argumento do relojoeiro de William Paley, a adaptação dos meios aos fins, ou seja, que as coisas se adaptam por uma finalidade na natureza, da mesma forma que as coisas são criadas e adaptadas aos produtos fabricados pelos seres humanos. Essa intenção, essa finalidade visível na beleza e no ordenamento da natureza, é produto de uma mente inteligente similar ao da mente humana, embora seja uma mente superior a essa (pois aqui acredita-se que essa mente seja divina). No final da citação, o personagem demonstra que essa beleza e ordenamento são sinais da existência de uma divindade, e que ela se assemelha à mente e inteligência humanas. Tudo o que acabamos de mencionar é muito importante para a defesa da existência da divindade, e são elementos muito importantes tanto na teologia natural quanto para o AD, o qual vê uma intenção, um objetivo divino na ordem no mundo, na beleza do mundo. Então, o que queremos dizer com isso, é que a teologia natural não busca “provar” a existência de Deus, pois para ela isto já está posto, mas os defensores do AD desejam demonstrar que a natureza e todo o seu ordenamento, bem como sua beleza são produtos de uma mente inteligente que desejou criá-la.

Há outra observação nesta citação muito importante na teoria de David Hume. Ele menciona as regras da analogia, e infere que se os efeitos são semelhantes, somos levados a inferir que as causas são semelhantes. Hume é um filósofo empirista, e toda sua filosofia está centrada nisso. Acredito ser importante apresentar um pouco de seu pensamento para entender o que a segunda parte desta citação representa, e o porquê de o autor fazer o personagem Cleantes falar que somente por meio do argumento *a posteriori* seria possível provar a existência da divindade.

4.2 Teoria empirista de David Hume

Hume, assim como os filósofos empiristas britânicos, defende que o conhecimento deriva das experiências. Para entender melhor essa definição, precisamos conhecer alguns conceitos. Na teoria humeana há o que chamamos de operações da mente, onde estão localizadas as percepções da mente. Hume estabelece uma diferença que se torna fundamental na diferenciação das percepções, um tipo de percepção a qual ele denomina de impressões⁹³, e outra, na qual ele denomina de pensamentos ou ideias⁹⁴. As impressões são as percepções mais fortes, mais intensas e estão ligadas aos sentidos, já os pensamentos ou ideias são as percepções menos fortes. (HUME, 2004, p. 34). As impressões estão ligadas às sensações (ver, ouvir, cheirar, saborear) e às paixões, as ideias remetem às impressões. As impressões estão necessariamente vinculadas a alguma sensação ou paixão, ou seja, elas estão relacionadas às experiências que a pessoa vivenciou. As ideias, por sua vez, derivam das impressões que surgiram dessas experiências. Todas as ideias ou percepções mais tênuas “são cópias de nossas impressões, ou percepções mais vívidas (HUME, 2004, p. 36). Os comentadores de Hume definem de princípio da cópia (COVENTRY, 2009, p. 55).

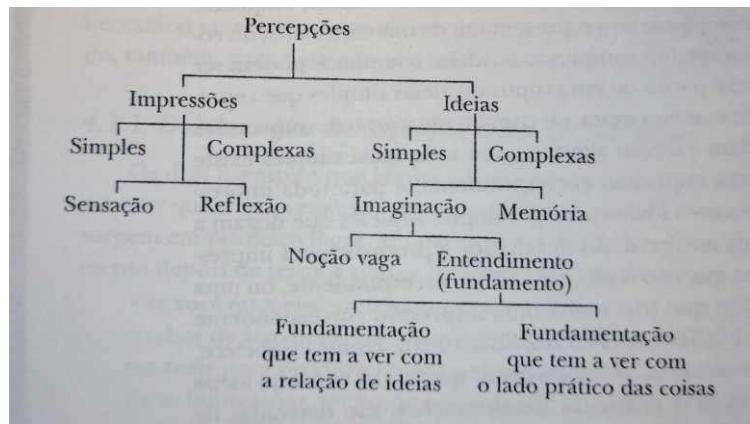
De acordo com Coventry (2009, p. 56) Hume admite exceções à sua teoria de que as impressões são mais vívidas que as ideias, mas somente em algumas situações. Para ele, durante o sono, ou pessoas quando dementes e febris, ou em estado emocional totalmente alterado, é possível que a força das ideias se aproxime da força das impressões. Hume escreve que, em algumas vezes, “nossas impressões são tão vagas e tênuas que não conseguimos distingui-las das nossas ideias” (HUME, 2009, p. 26), mas as situações em que ocorrem essas ideias são muito raras, o que não altera sua teoria, pois existe diferença suficiente entre as impressões e as ideias para fundamentar uma distinção geral.

Observemos uma estrutura que demonstra melhor a teoria de Hume:

⁹³As impressões podem ser simples ou complexas, as sensações e a reflexão estão vinculadas às impressões.

⁹⁴As ideias podem ser simples e complexas

Figura 1 – Estrutura do pensamento de Hume



Fonte: Adaptado de COVENTRY (2009, p. 54)

Existem algumas ideias que são compostas. Um exemplo seria o termo “montanha de ouro”, a qual é composta da ideia de uma montanha, que corresponde de fato à impressão de uma montanha, junto com a ideia do metal ouro, o qual possui sua impressão correspondente. Aliado às impressões também existe a imaginação e a memória, que são utilizadas para a composição desta ideia. Hume também utiliza o exemplo da ideia de Deus, que também é uma ideia composta.

A ideia de Deus, no sentido de um Ser infinitamente inteligente, sábio e bondoso, surge da reflexão sobre as operações de nossa própria mente e do aumento ilimitado dessas qualidades de bondade e sabedoria. Podemos prosseguir o quanto quisermos nessa investigação, e para cada ideia que examinarmos sempre descobriremos que ela é copiada de uma impressão semelhante. (HUME, 2004, p. 36).

Cada atributo da ideia de Deus corresponde a uma impressão, essas ideias compostas numa única formam um ser com todas as características atribuídas. Para garantir que sua proposição esteja correta, o filósofo escocês estabeleceu um método: para refutá-la, seria necessário “apresentar alguma ideia que, em sua opinião, não derive dessa fonte” (HUME, 2004, p. 36), ou seja, uma ideia que não derive de uma impressão.

Uma vez que já apresentamos a origem das ideias e o princípio da cópia, dois outros conceitos são importantes para entender a aplicação da teoria humeana na análise do AD. Trataremos da associação ou conexão de ideias, e os objetos da razão humana (relações de ideias e questões de fato).

Para Hume é “evidente que há um princípio de conexão entre os diversos pensamentos ou ideias da mente [...]” (HUME, 2004, p. 41), mas seus estudos e grande parte de sua vida foi dedicada ao estudo da natureza e entendimento humanos, desta forma, acredito que o que ele

diz ser evidente, deva ser produto de longos anos de reflexão. O filósofo elenca três princípios de conexão entre ideias, a saber, 1) semelhança, 2) contiguidade e 3) causa e efeito. O exemplo utilizado para -a semelhança, seria o de um retrato de uma pessoa, que naturalmente conduz nossos pensamentos à imagem original que temos dela. Para a contiguidade, ele exemplifica com um cômodo de uma habitação que nos leva a indagar ou observar sobre os demais cômodos, ou seja, nos faz pensar sobre o estado dos cômodos que estão contíguos, sobre a proximidade. Por fim, como exemplo de causa e efeito, ele propõe pensar em um ferimento, pois seria difícil não refletir sobre a dor que acompanha um ferimento, ou seja, o exemplo de uma causa e efeito que grande parte das pessoas já experimentaram.

Uma vez tratado, mesmo que de forma superficial, o tema da conexão ou associação de ideias, é igualmente importante apresentarmos as relações de ideias e questões de fato. Para Hume, os objetos da razão se dividem em dois tipos, a saber, relações entre ideias e questões de fato. As relações entre ideias são intuitivas e demonstrativamente certas. O filósofo nos dá como um exemplo a seguinte proposição: “Que três vezes cinco é igual à metade de trinta” (HUME, 2004, p. 53). Poderíamos usar como exemplo, dez vezes dez é igual a cem, ou à metade de duzentos. As leis matemáticas são um bom exemplo para essas relações. As questões de fato são diferentes das relações de ideias. Elas estão vinculadas à experiência e à relação de causa e efeito (HUME, 2004, p. 54), sendo a causa e efeito um dos três princípios de conexão de ideias, a saber, semelhança, contiguidade no tempo e espaço e causa e efeito.

David Hume também separa os raciocínios em dois tipos, os raciocínios demonstrativos (*a priori*) que diz respeito às relações de ideias, e os raciocínios morais (*a posteriori*) referente a questões de fato (HUME, 2004, p. 64-65). As relações de ideias estão nos raciocínios demonstrativos. Neles, a experiência não é fonte de conhecimento, como no segundo tipo de raciocínio, os morais. As questões de fato têm a experiência como fonte de conhecimento. Um exemplo que Hume nos apresenta, ao desenvolver as noções de questões de fato, é o seguinte: se perguntarmos, a um amigo, onde outro amigo está viajando, este nos apresentará um novo fato. Ele poderá dizer que, a última vez que se comunicaram, o outro amigo estava, por exemplo, em Paris, ou que eles pretendiam ir a outro lugar, ou mostraria uma foto enviada desse outro amigo. Nas questões de fato, sempre será apresentado um outro fato para embasar a resposta, neste caso da viagem do amigo, o fato que ele estava em Paris, foi o que se apresentou na mente do amigo questionado.⁹⁵

⁹⁵ “Todos os raciocínios referentes a questões de fato parecem fundar-se na relação de causa e efeito. É somente por meio dessa relação que podemos ir além da evidência de nossa memória e nossos sentidos. Se perguntassemos a um homem por que ele acredita em alguma afirmação factual acerca de algo que está ausente –

Para adentrar melhor no problema articulado pela contraposição entre relações de ideias e questões de fato, vejamos mais um exemplo que o filósofo escocês nos dá. Ele mostra que se perguntarmos a alguém, que nunca viu determinado objeto, qual o efeito ou a consequência que esse objeto trará, essa pessoa dirá algo totalmente arbitrário, pois nunca viu tal objeto e os efeitos que ele trará. É o mesmo princípio daquele exemplo em que uma criança, ao ver a chama de uma vela pela primeira vez, ao tentar tocá-la, se queima. A criança não saberia que iria se queimar, porque nunca havia tido contato com uma chama. Mas podemos nos questionar: se, pela segunda vez que ela tivesse o contato com a chama, será que tentaria tocá-la novamente? Eis aí o momento em que Hume nos apresenta o que faz toda a diferença no processo de conhecimento pela experiência, o hábito e o costume.

O hábito é, assim, o grande guia da vida humana. É só esse princípio que torna nossa experiência útil para nós, e faz-nos esperar, no futuro, uma cadeia de acontecimentos semelhante às que ocorreram no passado. Sem a influência do hábito, seríamos inteiramente ignorantes de toda questão de fato que extrapole o que está imediatamente presente à memória e aos sentidos. Jamais saberíamos como adequar meios a fins, nem como empregar nossos poderes naturais para produzir um efeito qualquer. Pôr-se-ia de imediato um fim a toda ação, bem como à parte principal da especulação. (HUME, 2004, p. 77).

O hábito é o que torna nossas experiências úteis para nós. Sem ele não teríamos o conhecimento da experiência com a mesma autoridade que ele tem, pois qual seria a diferença entre uma experiência que traz determinado resultado e uma série de cem ou duzentas experiências com causas e resultados iguais àquela mesma experiência que traz o mesmo determinado resultado? Por um lado, as experiências obtiveram o mesmo resultado, por outro, não é possível inferir que algo se repita com o resultado de uma única experiência. Não é somente pela quantidade de experiências que algo se torna provável, mas é pelo hábito que podemos pensar algo como sendo provável de acontecer novamente. É como o “nascer” do Sol⁹⁶. Temos a crença⁹⁷ de que o sol provavelmente irá nascer amanhã, mas temos essa

por exemplo, que seu amigo acha-se no interior, ou na França -, ele nos apresentaria alguma razão, e essa razão seria algum outro fato, como uma carta recebida desse amigo ou o conhecimento de seus anteriores compromissos ou resoluções” (HUME, 2004, p. 54-55).

⁹⁶ O exemplo do nascer do Sol é o exemplo apresentado pelo próprio David Hume, é possível utilizarmos outros exemplos de situações cotidianas que se tornam hábitos e se transformam em verdades a nível de senso comum antes de uma análise com parâmetros científicos. Um bom exemplo seria o mês de dezembro como um mês chuvoso em várias regiões do Brasil. É uma verdade e que permaneceu por muitos anos. Percebemos alterações devido às mudanças climáticas e provavelmente alguns meses que eram conhecidos como meses de muito vento, ou de muito calor ou frio, fugindo dos padrões, demonstrando que os eventos passados não são uma certeza para os eventos do futuro. Sabemos do movimento que a Terra faz em torno de si e do movimento que ela faz em torno do Sol. O que se discute com esse exemplo é a causalidade e a dedução de que os eventos passados seriam fundamento suficiente para acreditar que os eventos futuros repetirão o passado.

⁹⁷ Hume expressa algo sobre o que quer dizer quando menciona crença: “[...] a crença nada mais é que uma concepção de um objeto mais vívida, vigorosa, enérgica, firme e constante do que jamais seria possível obter

proposição como apenas provável e não como certa. E por que a temos como provável? Temos a proposição como provável porque, nas questões de fato, as proposições contrárias também são admitidas como apenas prováveis, pois se “formos levados, por meio de argumentos, a depositar confiança na experiência passada e torná-la o modelo de nossos julgamentos futuros, esses argumentos terão de ser apenas prováveis” (HUME, 2004, p. 65). O exemplo do nascer do sol se baseia em fatos que ocorreram inúmeras vezes, mas são fatos passados e que um dia poderão não se repetir. Existe a possibilidade de o sol nascer e de não nascer amanhã. Nós tendemos a acreditar que ele vá aparecer no dia seguinte porque temos o hábito de vê-lo quase todos os dias, mas o contrário pode acontecer. A única proposição não aceitável nas questões de fato é a que possui contradição.

Hume coloca o hábito como o grande guia de nossas vidas, isso porque, sem ele, todas as nossas experiências passadas não teriam valor algum. Sem o hábito, nossas experiências não seriam úteis para o nosso conhecimento. É por meio dele que podemos conceber que os resultados de experiências passadas, as séries de acontecimentos irão se repetir, e é por isso que podemos inferir que o sol nascerá amanhã, que as estações dos anos são quatro, que o fogo queima, mas que também ilumina, e que uma série de informações foram transmitidas (sejam elas boas ou ruins).

Há uma relação para se obter o conhecimento pela experiência, o que não seria possível apenas pelo raciocínio demonstrativo. Uma das críticas que Hume faz à filosofia abstrata (HUME, 2004, p. 26) é justamente essa: ela é baseada em especulações, em inferências⁹⁸, sem o conhecimento baseado na experiência, o que a torna mais propensa ao erro e tão distante da vida das pessoas. Me pergunto, se seria por isso que as questões de fato são ligadas aos raciocínios morais? Porque, como vimos, o conhecimento não vem de ideias intuitiva e demonstrativamente certas, mas da experiência, dos fatos. Analisando tudo que foi exposto aqui, as pessoas se utilizam e se familiarizam mais com a filosofia simples (HUME, 2004, p. 21)⁹⁹, pois o conhecimento deriva das experiências e observações reais, que estão

apenas pela imaginação. [...] é crença; um termo que todos entendem suficientemente na vida cotidiana. E, em filosofia, não podemos ir mais além da asserção de que a crença é algo sentido pela mente, que distingue entre as ideias provindas do julgamento e as ficções da imaginação. Ela lhes dá mais peso e influência, faz que se mostrem mais importantes, impõe-nas à consideração da mente e torna-as o princípio diretor de nossas ações. [...] o sentimento de crença nada mais é que uma concepção mais intensa e constante do que a que acompanha as meras ficções da imaginação, e que essa maneira de conceber provém de uma habitual conjunção do objeto com algo presente à memória ou aos sentidos” (HUME, 2004, p. 82-83) também existe outra menção: “[...] toda crença relativa a fatos ou à existência efetiva de coisas deriva exclusivamente de algum objeto presente à memória ou aos sentidos e de uma conjunção habitual entre esse objeto e algum outro” (HUME, 2004, p. 79).

⁹⁸ Falando sobre a inferência Hume escreve: “[...] jamais poderíamos, por meio dela, chegar ao conhecimento da existência efetiva de qualquer coisa” (EHU, 2004, p. 78).

⁹⁹ A filosofia simples está ligada à ação, influencia a conduta e o comportamento. “É certo que, para o grosso da humanidade, a filosofia simples e acessível terá sempre preferência sobre a filosofia exata e abstrusa, e será louvada por muitos não apenas como mais agradável, mas também como mais útil que a outra. Ela participa mais

presentes em suas vidas, dos hábitos e costumes, o que torna essa filosofia mais simples e incorporável à vida e à moralidade das pessoas.

As inferências só devem ser feitas baseadas no hábito de que os eventos passados devem se repetir no futuro, o que não seria possível nas relações de ideias, ou seja em demonstrações dedutivas ou argumentos *a priori*. Mas Hume ressalta que, se houver a mais remota possibilidade de que os eventos do passado não se repitam no futuro, toda a inferência perderá seu valor, pois ela se baseia na relação de causa e efeito, no intuito de que os eventos se repitam no futuro como ocorreram no passado.

4.3 Proposições do AD

Hume desenvolve seus argumentos de forma sofisticada nos Diálogos: enquanto Cleantes tenta demonstrar a existência de Deus através de argumentos *a posteriori*, Demea utiliza argumentos *a priori*, o que faz Filo se encarregar de questionar as falhas que surgem em seus argumentos. Cleantes e Demea, basicamente, só concordam com a premissa de que Deus existe, porém o método ou o argumento utilizado para concluir tal existência é motivo de discussão de ambos em vários momentos. Lima Filho (2017, p. 154) faz referência a uma famosa metáfora dos dois livros de Deus, o livro revelado e o livro da natureza. O livro revelado é objeto de estudo da teologia revelada, e contém o conhecimento completo de Deus, o livro da natureza é utilizado pela teologia natural, contém o conhecimento parcial de Deus. O argumento de Demea se assemelha ao argumento da teologia revelada. Ele introduz a questão da natureza de Deus já afirmando que seria incompreensível, devido à fragilidade do entendimento humano (HUME, 1992, p. 27) e quando seus interlocutores começam a discutir a questão, o personagem não aceita que seja utilizado o argumento *a posteriori* (HUME, 1992, p. 31).

O personagem Filo, em vários momentos, tenta minar a argumentação de Demea e Cleantes, concordando com um e outro com o propósito de desacreditar a existência de uma mente inteligente. Filo se posiciona de forma cética várias vezes, questionando as supostas evidências da intenção de Deus em criar as coisas. De qualquer forma, em sua primeira fala, Filo expõe um argumento importante para o AD. Ele afirma que “Nada existe sem uma causa, e a causa original deste universo (qualquer que ela seja) nós a denominamos *Deus*, e lhe atribuímos devotamente toda sorte de perfeições” (HUME, 1992, p. 29). A noção ali proposta

da vida cotidiana, molda o coração e os afetos, e, manipulando os princípios que atuam sobre os homens forma sua conduta e os traz para mais perto do modelo de perfeição que ela descreve” (HUME, 2004, p. 21).

é a de que, se algo existe, logo existe uma causa, mas o propósito de Filo, ao utilizar esse argumento, foi outro. Ele buscava relativizar a noção de perfeição que é dada a Deus e a analogia ou a semelhança que é feita da divindade com o ser humano. Filo continua a argumentação:

Sabedoria, pensamento, propósito, conhecimento – tudo isto nós lhe atribuímos com justiça apenas porque tais palavras são honrosas entre os homens, e não dispomos de outra linguagem ou de outros conceitos [...] Mas é preciso que tenhamos cuidado para não supor que nossas ideias correspondam de algum modo a suas perfeições, ou que seus atributos tenham alguma semelhança com essas qualidades tal como se manifestam nos seres humanos. (HUME, 1992, p. 29-30).

O que Filo propõe com esse pensamento? Em sua fala ele relativiza uma conclusão dedutiva, e, ao mesmo tempo, tenta enfraquecer a defesa que seus dois interlocutores faziam. Ele comenta sobre os atributos conferidos a Deus, questionando a sua “perfeição”, todos os outros atributos poderiam ser passíveis de questionamento, se utilizarmos o mesmo raciocínio. Quando ele discute sobre analogia e semelhança, ele está desferindo um golpe muito mais forte, pois isso confrontaria o “herói” do livro. Sem a analogia não seria possível a defesa da divindade através do argumento *a posteriori*. Como é possível reproduzir, num experimento, a criação do mundo e da natureza? Como é possível observar tal acontecimento? Somente através da analogia ou semelhança seria possível comparar a criação da natureza com a criação humana. E, para se certificar de que Cleantes não utilizaria argumentos *a priori*, Filo ressalta que as “ideias só chegam até onde chega nossa experiência, e não temos experiência de atributos ou procedimentos divinos” (HUME, 1992, p. 30), Filo tentou encerrar, ou pelo menos dificultar a discussão, reduzindo o raciocínio para a necessidade da observação da divindade ou dos atributos dela para concluirmos sua existência ou sua natureza. O que reduziria a possibilidade de conhecer a divindade através da teologia natural e, por consequência, através do AD.

A crítica para a analogia que Filo apresentou não era para qualquer tipo de analogia, o próprio personagem apresenta alguns exemplos de analogia aceitáveis, como o de que após observarmos a circulação de sangue nos seres humanos, não teremos dúvidas de que o mesmo ocorre com uma pessoa A e B, da mesma forma que podemos, por analogia, inferir que o mesmo ocorra em outros animais não humanos. Esse, para Filo, é um raciocínio de analogia forte, um raciocínio de analogia fraco seria inferir a existência de circulação de seiva nos vegetais levando em consideração a nossa experiência de circulação de sangue nos animais (HUME, 1992, p. 32).

Quando observamos uma casa ou um edifício, inferimos que tal edificação teve um arquiteto ou um construtor, eles ou um deles é a causa da edificação. Filo, representando o ceticismo, não vê analogia dessa experiência com aquela da criação do mundo ou do universo. Cleantes, ao contrário, defende que a semelhança entre o “ajuste integral dos meios aos fins” (HUME, 1992, p. 33) em uma casa e o universo não são pequenas, nem mesmo a organização funcional de suas causas finais.

Uma vez que seria impossível conhecer a divindade através da experiência da observação da própria divindade, o único argumento que Cleantes poderia utilizar seria o da analogia, a compreensão da divindade passa por um olhar antropomórfico, para que a analogia do conhecimento pela experiência de coisas conhecidas pelos homens seja feita. Não basta existir ordem na natureza, não basta que a estrutura do corpo humano seja incrível, é preciso que esses objetos de admiração sejam frutos do planejamento de um ser superior e que exista uma finalidade nisso. A exata quantidade de oxigênio na atmosfera precisa de uma finalidade; as posições dos órgãos no corpo humano possuem uma finalidade, existe um propósito para esses detalhes no AD.

Podemos pensar o antropomorfismo sendo utilizado por pelo menos dois motivos. Primeiro, para tentar entender um ser, que possui tantas atribuições de perfeição e poder incomensuráveis, seria preciso reduzir proporcionalmente ao que já temos como conhecido. Deus precisaria ser uma criatura pensante, racional, não seria apenas uma força ou algo sem propósito. Que valor especial os seres humanos teriam se fossem seres criados de forma aleatória? De maneira contrária, tudo foi criado de forma planejada e meticulosa para que os seres humanos fossem criados como a coroa da criação divina.

O segundo motivo é bíblico, e como vimos, tanto Lima Filho (2017, p. 154), quanto McGRATH (2005, p. 170) e o próprio Paley (2006, p. 280), mencionam o conhecimento de Deus através da teologia revelada e pela teologia natural. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e é parte do conhecimento da teologia revelada. O homem aparece como o ápice da criação divina no livro de Gênesis. Quando analisamos os argumentos utilizados para que essa analogia seja feita no AD, essa premissa bíblica não é utilizada, mas ela não deve ser ignorada.

Haveria outra explicação para o surgimento do universo, ou da origem de tudo que existe no mundo? O personagem Filo, questiona o antropomorfismo de Cleantes e indaga se haveria qualquer outra causa para a ordenação das ideias do ser supremo. Por que a divindade deveria ser racional? A natureza dela não poderia ser outra? (HUME, 1992, p. 66)¹⁰⁰ Por que

¹⁰⁰ “De maneira análoga, ao serem interrogados sobre a causa que produz a ordenação das ideias do Ser Supremo, poderiam vocês, antropomorfistas, dar qualquer outra razão que não a de que é uma faculdade racional, e de que

outra resposta não poderia ser satisfatória? Por que a necessidade de fazer analogias como se o mundo fosse engendrado por Deus assim como máquinas por homens? Para a época, Hume não escreveria que a origem de tudo poderia ser sem Deus, ele já havia enfrentado grande pressão e censura anteriores (MONTEIRO, 2009), mas o que o filósofo quis escrever na fala de Filo foi exatamente isso. Essa é uma das possíveis respostas para a ordem na natureza, ela pode não ser fruto de um planejamento racional, ou a natureza dos objetos materiais pode conter em si a possibilidade da ordem, uma vez que observamos certa ordem na natureza.

Com as analogias entre a divindade e os homens, o argumento se concentra em Deus como a causa universal (HUME, 1992, p. 60), o autor da natureza (HUME, 1992, p. 64) e, dessa forma, os argumentos tornam-se cada vez mais sofisticados. Cleantes defende cada vez mais o desígnio através da observação da natureza, percebida através da analogia feita entre as criações e a natureza humanas com as divinas. Para ele “a ordem e arranjo da Natureza, o notável ajustamento das causas finais, os manifestos usos e propósitos de cada parte e cada órgão; tudo isso proclama na linguagem mais clara a existência de um autor ou causa intelectiva” (HUME, 1992, p. 67).

O diálogo entre os personagens Filo, Cleantes e Demea continua. Argumento *a priori* contra *a posteriori*, analogia fraca contra analogia forte, argumentações como, “qual seria a causa do mundo” contra a “causa final e necessária, que seria Deus” (Hume, 1992). Entre as partes 2 e 8, o livro *Diálogos sobre a religião natural* busca demonstrar que a causa da origem do universo é racional, é análoga ao homem, e busca ordem e harmonia por meio de um ajuste entre suas partes, e pelo ajuste dos meios aos fins (FERRAZ, 2013), já entre as partes 10 e 11 do livro, o personagem Cleantes “busca provar que há uma ordem e finalidade moral no mundo, impressas por uma causa (um ser ou Deus) que possui qualidades e intenções morais” (FERRAZ, 2013, p. 145-146), sendo que, segundo Ferraz, neste aspecto as desordens são muito maiores. A pesquisadora faz uma análise sobre as discrepâncias e contradições que com certeza inviabilizariam o AD quando analisamos a questão do mal no mundo. O problema do mal no mundo é muito extenso e não poderia ser bem apresentado de forma sucinta, por isso, faremos um salto da análise humeana presente nos *Diálogos* para a parte 12 do livro, e desta forma, encerraremos a análise e as observações discutidas sobre o AD no livro. Na parte 12, Filo muda seu discurso. Ele parece acolher o raciocínio de Cleantes e concordar com o desígnio e as similaridades entre a divindade e os homens:

essa é a natureza da Divindade? É difícil, contudo, determinar por que uma resposta semelhante não seria igualmente satisfatória para explicar a ordem do mundo, dispensando o recurso a um criador inteligente tal como esse em que você insiste. Bastaria dizer que essa é a natureza dos objetos materiais, e que todos eles estarão originalmente de posse de uma faculdade de ordem e proporção. Essas são simplesmente maneiras mais doulas e refinadas de confessar nossa ignorância, e a primeira hipótese não apresenta qualquer vantagem genuína sobre a segunda, exceto sua maior conformidade com os preconceitos vulgares” (HUME, 1992, p. 66).

E aqui, Cleantes, devo igualmente reconhecer que, assim como as obras da Natureza mantêm uma analogia muito maior com os efeitos de nossa arte e engenho do que com os de nossa benevolência e justiça, temos razões para inferir que os atributos naturais da Divindade apresentam, relativamente aos atributos humanos, uma semelhança maior do que a que se manifesta entre seus atributos morais e as virtudes da humanidade. (HUME, 1992, p. 173)

Aqui o personagem reconhece as similaridades analisando os argumentos das partes 2 a 8 do livro, porém com a ressalva da moralidade. Ele acabara de mostrar, com o problema do mal no mundo, que não haveria possibilidade de haver semelhança entre os humanos e a divindade, ou se havia, a divindade não poderia ser infinitamente boa. Sendo onipotente, onisciente e infinitamente boa ao mesmo tempo, não poderia haver o mal no mundo, algum desses atributos não deveria fazer parte da divindade, pois se ele fosse onipotente e onisciente, por que ele deixaria o mal existir? Se ele fosse infinitamente bom e onisciente ele não poderia ser onipotente, pois se ele pudesse acabar com o mal, por que ele não o faria, uma vez que ele é um ser inteligente e possui semelhanças com a mente humana? (FERRAZ, 2012). Existem respostas como o livre arbítrio ser a origem do mal no mundo, ou o mal sendo a ausência do bem, mas elas não invalidam a questão que é posta, o livre arbítrio de uma pessoa interferiria na ação onipotente, onisciente e onibenevolente da divindade para pessoas possivelmente não relacionadas com o arbítrio do causador do mal? Todas as guerras, os crimes, as doenças e as tragédias registradas pela história são desconsideradas quando se afirma a perfeição do mundo. O mundo é perfeito, até que o tornamos imperfeito, esse sempre será o contra-argumento de quem defende o AD. O personagem Filo passa a concordar com Cleantes, mas não daria para concordar sem restrições após tantas críticas, principalmente nas partes 10 e 11, por isso os argumentos se voltam para a ordem e as analogias entre a mente e o pensamento humanos com os divinos.

A utilização da ironia (MONTEIRO, 2009) é a explicação dada por muitos comentadores de Hume. Através dela é possível explicar a súbita mudança de percepção do personagem Filo e permitir que o livro termine com Cleantes vencendo a argumentação. Desta forma, quem conhecia a filosofia de Hume entenderia a crítica ao AD e seus censuradores não teriam muito a fazer. Como argumento mais irônico, Hume apresenta o exemplo da descrição de Galeno no livro *Formação do feto* (*De formatione foetus*), em que ele discorreu sobre a anatomia humana e revelou à época a existência de 600 músculos diferentes, com pelo menos 10 circunstâncias diferentes, possibilitando 6000 objetivos ou desígnios diferentes somente para os músculos humanos (HUME, 1992, p. 167), sem mencionar a quantidade de ossos, glândulas, ligamentos, vasos, pele e várias outras

características de cada órgão humano. Os desígnios somariam uma quantidade muito grande e não me atrevo e nem disponho de informações para calcular. Estes desígnios seriam considerados apenas para um ser humano. Se aplicarmos o exemplo para hoje, com mais de 7 bilhões de pessoas no mundo, teríamos mais de 7 bilhões de desígnios, só para o início do raciocínio, mas precisaríamos multiplicá-lo pela quantidade de desígnios existentes para o corpo (que já é incalculável), e levando em consideração todas as experiências pessoais que cada pessoa vive, seria impossível saber ou calcular os desígnios divinos. Hume, através de Filo, estava demonstrando o quanto procurar uma intenção ou desígnio divino em cada detalhe parecia ridículo.

O corpo humano é complexo, mas isso não significa que ele precisa necessariamente ser o resultado de um planejamento, ele pode ser fruto do acaso ou do desenvolvimento natural. Não é porque algo é muito bonito, ou considerado “perfeito” que deve ser fruto de uma criação divina. Hume critica a necessidade de o mundo precisar ser criado por uma divindade, da divindade precisar ser racional, e da necessidade de as coisas precisarem de um planejamento para surgirem, as coisas não precisam ser criadas por uma mente inteligente, elas podem surgir e não possuir uma explicação tão linear quanto o AD ou a teologia natural buscam demonstrar.

4.4 Teologia Natural

Uma das definições para teologia natural apresentadas por Holder (2016) seria o conhecimento de Deus, acessível a qualquer humano racional, sem que seja preciso recorrer a recursos especiais ou sobrenaturais. Segundo ele, a teologia natural é “uma área de investigação intelectual com uma história longa, embora conturbada, que remonta pelo menos à era do pensamento grego clássico. Dentro da teologia cristã, a expressão *theologia naturalis* parece ter sido usada pela primeira vez por Santo Agostinho” (HOLDER, 2016, p. 01). Embora Santo Agostinho tenha sido o primeiro a mencionar, como sabemos, não foi o último. Tomás de Aquino concluiu que poderíamos saber se Deus existe pela razão (HOLDER, 2016, p. 01).¹⁰¹¹⁰²

¹⁰¹ Para Tomás de Aquino poderíamos saber que Deus existe, mas não poderíamos saber o que ele é em si. Vejamos a citação: “As verdades sobre Deus que São Paulo diz que podemos conhecer por nossos poderes naturais de raciocínio – que Deus existe, por exemplo – não são numeradas entre os artigos de fé, mas são pressupostos para eles. ... Os efeitos de Deus, portanto, podem servir para demonstrar que Deus existe, mesmo que não possam nos ajudar a conhecê-lo de forma abrangente pelo que ele é”. Portanto, para Tomás de Aquino, podemos saber que Deus existe, mas não podemos saber o que Deus é em si mesmo, a menos que ele se revele a nós. E a revelação cristã nos informa que Deus é Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Na época da reforma, João Calvino fez uma distinção semelhante. Cada ser humano possui o que ele chama de *sensus divinitatis*, um senso do divino. No entanto, tanto para Calvino quanto para Tomás de Aquino, o conhecimento muito mais

Para Holder, o conhecimento natural de Deus pode ser interpretado como uma impressão imediata da existência, do poder e majestade de Deus, proveniente de simplesmente contemplar com admiração os céus. A admiração dos atributos divinos, de sua perfeição está de acordo com as três abordagens da teologia natural (McGRATH, 2005, p. 171). No entanto, se analisarmos o conhecimento natural de Deus por um contexto mais acadêmico, a teologia natural trata de fornecer razões e proposições para a crença em Deus. Os argumentos clássicos cosmológicos e de design são exemplos. “O argumento cosmológico diz que tudo o que existe tem uma causa para sua existência. Portanto, há uma causa para a existência do universo. O AD apela para a estrutura ordenada do universo como exigindo explicação” (HOLDER, 2016, p. 01). Esses argumentos têm sido objeto de debate por séculos.

Já mencionamos as três abordagens da teologia natural, agora é o momento de apresentá-las:

Apelo à razão: o apelo à razão humana é uma das abordagens mais comuns do conhecimento natural de Deus. Na obra *De Trinitate* (Da Trindade), de Agostinho de Hipona, encontramos um excelente exemplo. Se Deus pode ser conhecido em sua criação, devemos procurá-lo em seu ponto mais alto, o que seria, segundo Agostinho (baseado em gênesis 1 e 2), a natureza humana, sendo que a capacidade da razão seria o ponto mais alto dessa respectiva natureza. “Portanto, concluiu, podemos esperar encontrar traços de Deus (ou, mais precisamente, ‘vestígios da Trindade’) no processo humano do raciocínio” (McGRATH, 2005, p. 171).

Apelo à ordem do mundo: esse é um dos argumentos mais utilizados, principalmente quando se pretende fazer alguma relação com as ciências naturais, a TDI, por exemplo, se utiliza desse argumento. Tomás de Aquino baseou seus argumentos em favor da existência de Deus na percepção da ordem na natureza.

Por último, **Apelo à beleza da criação:** ao contrário do que possa parecer, o conceito de beleza é algo importante para a compreensão religiosa da natureza do mundo. (McGRATH 2005, p. 175). A partir da contemplação do mundo, um número expressivo de teólogos cristãos produziu teologias naturais baseadas no senso de beleza. Segundo McGrath, Hans Urs

importante de Deus, simplesmente do que saber que existe um Criador, é o que é especialmente revelado nas Escrituras, pois é o conhecimento de Deus como Redentor, em Cristo, que assegura nossa salvação” (HOLDER, 2016, p. 01).

¹⁰² Holder afirma que para Tomás de Aquino e outros, a teologia natural tem sido uma preliminar para a teologia revelada, mas ele critica essa divisão como artificial (HOLDER, 2016, p. 01), pois, para ele, essa divisão carece de uma justificativa do que se pretende ser revelação. Essa discordância demonstra o debate ainda vivo dentro da teologia natural, pois em (McGRATH, 2005, 169-170) vemos parte desse debate em que são analisados os escritos de Alvin Plantinga e entre outros Barth (um dos principais teóricos analisados por Holder). Penso que deva ser de conhecimento de todos que estudam teologia natural a divisão entre a teologia revelada e a teologia natural, porém a dependência de uma pela outra, ou a utilização de uma como preparação para outra é um ponto de debate, até mesmo a definição do que seria conhecimento revelado é um ponto de discussão.

von Balthasar e Jonathan Edwards criaram teologias nessa linha nos séculos XX e XVIII, respectivamente. Balthassar na perspectiva católica romana, e Edwards na perspectiva reformada. Robert Boyle despertava um sentimento de deslumbramento evocado pelo estudo da natureza em sua beleza plena, ele desenvolveu a imagem da natureza como se fosse um templo e a imagem do cientista como seu sacerdote. (McGRATH, 2005, p. 173). Agostinho de Hipona também afirmava a existência de uma certa progressão natural na admiração das coisas belas do mundo, ao culto daquele que as criara, pois sua beleza se refletia nelas. A quarta, das “cinco vias” de Tomás de Aquino, onde se inferia a existência de Deus a partir da ordem do mundo, baseava-se na observação da perfeição no mundo.

Na tradição reformada, o reconhecimento da importância da “beleza” como tema teológico encontra-se nos escritos de Calvino. Contudo, a mais completa exposição desse ponto de vista na tradição reformada acha-se nos escritos do conhecido teólogo norte-americano do século XVIII Jonathan Edwards. Ele acreditava que a beleza de Deus manifestava-se – e era encontrada – na beleza da ordem criada. (McGRATH, 2005, p. 174).

Essas três abordagens são alguns dos modos como teólogos cristãos procuram descrever como Deus pode ser conhecido por meio da natureza, na perspectiva cristã, “significam indicadores da realidade maior da autorevelação de Deus, sempre relativos e incompletos” (McGRATH, 2005, p. 176).

Apresentar as três abordagens¹⁰³ da teologia natural foi importante, pois elas aparecem frequentemente nos textos ou falas, tanto de quem defendeu o AD, quanto dos apoiadores da TDI. Mais importante ainda é perceber que estas abordagens são parte dos argumentos da teologia natural, elas fazem parte das proposições teleológicas de defesa ou de descrição da autorevelação de Deus na natureza. São argumentos discutidos por teólogos e por alguns filósofos que escreveram sobre religião.

4.5 William Palay

Holder observa uma mudança sutil na teologia natural entre Aquino e William Paley. Tomás de Aquino deu argumentos gerais, enquanto a revolução científica trouxe argumentos baseados no particular. Quando se fala em AD uma das principais referências é Paley¹⁰⁴, apesar de sabermos que o argumento não é novo, foi Paley quem trouxe a projeção ímpar ao

¹⁰³ As três abordagens da teologia natural fazem parte da estrutura da TDI. A TDI recorre às três abordagens para “detectar” a ação do Designer na natureza, em várias falas ou escritos dos defensores da proposição eles recorrem à beleza da criação, à ordem no mundo ou à razão.

¹⁰⁴ Não se tem informações de que Paley leu os Diálogos sobre a religião natural de David Hume publicado em 1779.

argumento através de seu livro *Teologia Natural, ou Evidência da Existência e Atributos da Divindade, Coletados das Aparições da Natureza* (1802).

Segundo Lima Filho, os teólogos naturais ingleses defendiam a existência de Deus a partir de dois argumentos, os argumentos do desígnio (observação da ordem: a ordem implica um ordenador) e os argumentos para o desígnio (evidência de projeto: não existe propósito sem um ser que lhe confira sentido). Segundo Lima Filho, o livro de Paley seria um ponto de referência do segundo tipo de argumento, pois Paley dá maior atenção aos organismos e estruturas biológicas, como o olho, coração e articulações (LIMA FILHO, 2017, p. 155).

No primeiro capítulo o teólogo já apresenta o argumento do relojoeiro:

Ao cruzar um campo, suponha que tropeço numa pedra e me perguntam como chegou ela aqui, poderia talvez responder que, tanto quanto me é dado saber, a pedra sempre esteve naquele local. Não seria muito fácil, talvez, mostrar o absurdo desta resposta. Mas suponha que eu tinha encontrado um relógio no chão e que me instavam a responder à questão de saber como apareceu o relógio naquele lugar. Neste caso, dificilmente consideraria a hipótese de dar a resposta anteriormente dada – que, tanto quanto me era dado saber, o relógio sempre ali estivera. No entanto, por que razão não pode esta resposta ser apropriada ao relógio, tal como o é no caso da pedra? Por que razão não é tão admissível no segundo caso como no primeiro? Por esta razão e por nenhuma outra: a saber, quando inspecionamos o relógio, vemos que (o que não poderia acontecer no caso da pedra) as suas diversas partes estão organizadas e associadas com um propósito; por exemplo, vemos que as suas diversas partes estão configuradas e ajustadas de maneira a produzir movimento e que esse movimento está de tal forma regulado que assinala a hora do dia; e vemos que se as suas diversas partes estivessem configuradas de forma diversa, tivessem outro tamanho ou estivessem colocadas de forma diferente ou segundo uma outra ordem qualquer, então a máquina não originaria nenhum movimento – pelo menos, não originaria nenhum movimento que pudesse servir ao uso que dele agora se faz [...] Pensamos que a inferência é inevitável: o relógio teve de ter um criador; teve de existir algures no tempo e num qualquer lugar um artifício ou artífices que o construíram com o propósito que sabemos agora estar-lhe destinado; artifício ou artífices que compreendem a sua construção e que conceberam o seu uso. (PALEY, 2006, p. 7-8).¹⁰⁵

¹⁰⁵ Tradução livre, do original: In crossing a heath, suppose I pitched my foot against a stone, and were asked how the stone came to be there, I might possibly answer, that, for any thing I knew to the contrary, it had lain there for ever: nor would it perhaps be very easy to shew the absurdity of this answer. But suppose I had found a watch* upon the ground, and it should be enquired how the watch happened to be in that place, I should hardly think of the answer which I had before given, that, for any thing I knew, the watch might have always been there. Yet why should not this answer serve for the watch, as well as for the stone? Why is it not as admissible in the second case, as in the first? For this reason, and for no other, viz. that, when we come to inspect the watch, we perceive (what we could not discover in the stone) that its several parts are framed and put together for a purpose, e.g. that they are so formed and adjusted as to produce motion, and that motion só regulated as to point out the hour of the day; that, if the several parts had been differently shaped from what they are, of a different size from what they are, or placed after any other manner, or in any other order, than that in which they are placed, either no motion at all would have been carried on in the machine, or none which would have answered the use, that is now served by it. [...] We then find a series of wheels, the teeth of which catch in, and apply to, each other, conducting the motion from the fusee to the balance, and from the balance to the pointer; and at the same time, by the size and shape of those wheels, so regulating that motion, as to terminate in causing an index, by an equable and measured progression, to pass over a given space in a given time. [...] This mechanism* being observed (it requires indeed an examination of the instrument, and perhaps some previous knowledge of the subject, to perceive and understand it; but being once, as we have said, observed and understood), the inference,

Quando nos deparamos com uma pedra em nosso caminho nosso pensamento nos leva a concluir uma causa natural para ela. De forma diferente, ao nos depararmos com um relógio, nosso raciocínio não fará o mesmo percurso para encontrar a origem da pedra. Podemos inferir que a razão seja pela diferença entre os objetos. O relógio é um objeto complexo, no sentido de ser constituído de engrenagens, molas etc., que unidas tem o objetivo de marcar as horas. Se houvesse alguma alteração em alguma de suas peças seu objetivo seria comprometido. Inferir que a origem do relógio, que é algo complexo, é a mesma que da pedra seria absurdo, o relógio precisa ter tido um artífice inteligente (LAUX, 2010). Lima Filho também comenta essa primeira passagem do teólogo.

Diferentemente da observação da pedra, uma inferência inevitável surge da análise do relógio (PALEY, 2006, p. 8): a complexidade do mecanismo e a finalidade do relógio só são devidamente explicadas por um (ou mais) relojoeiro que o projetou e o montou, ou seja, deve existir uma mente inteligente e intencional por trás do intrincado artifício adaptado à função cronométrica do relógio (PALEY, 2006, pp. 12-5). E o que dizer acerca da natureza? Do mesmo modo que no exemplo do relógio, há também na natureza nítidas manifestações de designio, contudo, as “obras da natureza” exprimem um grau muito maior de complexidade e propósito, refletindo a superioridade e a perfeição da mente que as produziu. (LIMA FILHO, 2017, p. 156).

Acreditamos que Paley apresenta o exemplo do relojoeiro como um exemplo introdutório para os demais. Esse exemplo é um dos mais conhecidos de Paley, mas como Lima Filho afirma, os demais são relacionados a estruturas biológicas, e neste exemplo não existe ligação alguma com algo biológico, embora seja de fácil assimilação. Com o relógio, podemos inferir a ideia de planejamento e finalidade, de complexidade e de inteligência. Acredito que a utilização deste exemplo como primeiro realçou os demais. Ele é tão bom para demonstrar a existência de algum planejamento, que Michael Behe cita o relojoeiro em seu livro *A Caixa Preta de Darwin (Darwin's Black Box)*.

Evelise Laux observa que, para Paley, “a complexidade e eficiência dos objetos naturais, assim como o relógio, não poderiam ser o que são, sem a mão treinada de um criador inteligente. Este é um argumento que parte de um efeito e infere a sua causa, isto é, pelo relógio tentamos descobrir quem o construiu, um relojoeiro” (LAUX, 2010, p. 17). Aqui vemos uma analogia tal qual apresentada nos *Diálogos* de Hume. Algo complexo precisa de

we think, is inevitable; that the watch must have had a maker; that there must have existed, at some time and at some place or other, an artificer or artificers who formed it for the purpose which we find it actually to answer; who comprehended its construction, and designed its use. (PALEY, 2006, p. 7-8) – nossa tradução.

uma causa racional e inteligente. A divindade seria o relojoeiro¹⁰⁶ e o mundo, ou o ser humano, ou qualquer exemplo de criação bela e complexa seria o relógio.

William Paley usa esse exemplo na tentativa de estabelecer uma analogia entre a existência e construção de um objeto da complexidade de um relógio por algum artífice, no caso o relojoeiro e, o mundo, suas criaturas e um seu necessário e inconteste idealizador e criador. Chama ele a atenção para o fato de que, assim como em um relógio encontramos uma regularidade e ordem clara, da mesma forma encontramos uma visível ordem e regularidade nas coisas do mundo e no universo como um todo, e credita toda essa regularidade e funcionalidade a um ser inteligente, no caso Deus (LAUX, 2010, p. 17-18).¹⁰⁷

No decorrer de seu livro, Paley apresenta outros argumentos sobre a necessidade de um designer. A partir de seus escritos, o AD ficou mais conhecido. O autor também inseriu referências biológicas em seu livro. No capítulo 3, por exemplo, ele escreve sobre o olho humano e o telescópio, o olho sendo projetado intencionalmente para visão¹⁰⁸. Segundo Lima Filho, Paley faz mais do que sugerir uma analogia entre a estrutura e o mecanismo do telescópio como um instrumento humano por um lado, e do olho como um instrumento biológico, por outro. “Ele aponta, na verdade, para uma identidade: como o olho é um mecanismo, infere-se que ele foi inteligente e intencionalmente projetado” (LIMA FILHO, 2017, p. 157). Tanto o olho, que foi feito para a visão, quanto, o telescópio, que foi feito para auxiliá-lo, partilham da mesma prova de desígnio, um designer que os projetou e os construiu.

É um passo para que seja provado que deve haver algo no mundo mais do que aquilo que vemos. É mais um passo para saber que, entre as coisas invisíveis da natureza, deve haver uma mente inteligente, preocupada em sua produção, ordem e suporte. Sendo estes pontos assegurados pela Teologia Natural, podemos muito bem deixar

¹⁰⁶ Dawkins expressava uma posição oposta da hipótese de Paley sobre o relojoeiro, para ele “[...] os relógios vivos eram literalmente concebidos e construídos por um mestre relojoeiro. A nossa moderna hipótese é que a tarefa foi efectuada, em fases evolutivas naturais, pela selecção natural”, (DAWKINS, 1986, p. 57).

¹⁰⁷ Para Dawkins, “[...] o único relojoeiro da natureza são as forças cegas da física [...] se se quiser atribuir-lhes qualquer papel de relojoeiro na natureza, será o relojoeiro cego” (DAWKINS, 1986, p. 23-24).

¹⁰⁸ No que diz respeito ao exame do instrumento, existe exatamente a mesma prova de que o olho foi feito para a visão, tal como existe a prova de que o telescópio foi feito para a auxiliar. Eles são feitos sobre os mesmos princípios; ambos são ajustados às leis pelas quais a transmissão e a refração dos raios de luz são reguladas. Não falo da origem das leis em si; mas, estando tais leis fixadas,* a construção, em ambos os casos, é adaptada a elas. Por exemplo, estas leis exigem, para produzir o mesmo efeito, que os raios de luz, ao passarem da água para o olho, sejam refractados por uma superfície mais convexa do que quando passam do ar para o olho. Assim, verificamos que o olho de um peixe, na parte chamada lente cristalina, é muito mais redondo do que o olho dos animais terrestres. Que manifestação mais clara de desígnio pode haver do que esta diferença? O que é que um fabricante de instrumentos matemáticos poderia ter feito mais para mostrar o seu conhecimento do seu princípio, a aplicação desse conhecimento, a adequação dos seus meios ao seu fim; não direi para mostrar a amplitude ou a excelência da sua habilidade e arte, pois nestas coisas toda a comparação é indecorosa, mas para testemunhar o conselho, a escolha, a consideração, o objetivo? Para alguns, pode parecer uma diferença suficiente para destruir qualquer semelhança entre o olho e o telescópio, o facto de um ser um órgão perceptivo e o outro um instrumento não perceptivo. O facto é que ambos são instrumentos. E, quanto ao mecanismo, pelo menos quanto ao emprego do mecanismo, e mesmo quanto ao tipo dele, essa circunstância não altera em nada a analogia. Pois observem qual é a constituição do olho. É necessário, para produzir uma visão distinta, que uma imagem ou figura do objeto seja formada no fundo do olho. (PALEY, 2006, p. 16-17) – nossa tradução.

ao Apocalipse a revelação de muitos particulares, que nossas pesquisas não podem alcançar, respeitando tanto a natureza deste Ser como a causa original de todas as coisas, quanto seu caráter e desígnios como um governador moral; e não apenas isso, mas a confirmação mais completa de outros particulares, dos quais, embora não estejam totalmente além de nossos raciocínios e nossas probabilidades, a certeza não é de forma alguma igual à importância. (PALEY, 2006, p. 280).

Não se pode negar que Paley reconhecia de forma clara a natureza do AD. Ele defendia a existência de um designer e apontava seus fundamentos dentro da teologia natural. Apesar do contexto religioso (que alguns poderiam apontar como facilitador para ele se apoiar na defesa da teologia) ele poderia declarar fazer ciência, mas seus escritos estão dentro do escopo específico de sua área de conhecimento. Vejamos mais uma citação de seu livro:

O verdadeiro teísta será o primeiro a ouvir qualquer comunicação confiável do conhecimento divino. Nada do que aprendeu da Teologia Natural diminuirá seu desejo de mais instrução, ou sua disposição de recebê-la com humildade e gratidão. Ele deseja a luz: ele se alegra na luz. Sua veneração interior por este grande Ser o inclinará a atender com a maior seriedade, não apenas a tudo o que pode ser descoberto a respeito dele por pesquisas na natureza, mas a tudo o que é ensinado por uma revelação, que dá prova razoável de ter procedido dele. (PALEY, 2006, p. 280).

As citações acima são importantes para conhecer a natureza da obra de William Paley, que foi um dos maiores nomes do AD, e também para entender o verdadeiro significado e propósito dos argumentos do AD. A teologia natural é uma forma de conhecer a Deus através do livro da natureza (McGRATH, 2005), de uma forma mais racional (HOLDER, 2016). Conhecendo o pensamento de Paley, será possível, no próximo capítulo, analisar os principais discursos da TDI e comparar os dois para demonstrar que tanto um, quanto o outro, são na verdade o mesmo. Agora que apresentamos os principais fundamentos teóricos de Paley, podemos seguir com a pesquisa e iniciar o próximo capítulo.

5 - A TDI BRASIL DE 2017 A 2021

Neste capítulo analisaremos alguns eventos promovidos pela TDI Brasil realizados no período de 2017 a 2021. Abordaremos os critérios de seleção da TDI Brasil, sua relação com a educação, os objetivos, a sede oficial e a sede de fato da organização, e finalizaremos o capítulo com a análise de discurso do presidente da instituição.

5.1 TDI Brasil: Sede, critérios de seleção e relação com a educação

5.1.1 A sede e a inauguração do Discovery-Mackenzie

A Sociedade Brasileira do Design Inteligente (SBDI) foi fundada em 2014, possuindo registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas a partir de 06/10/2014. O nome jurídico da sociedade está registrado como “Associação Brasileira do Design Inteligente – TDI Brasil”, já o nome fantasia da mesma é “TDI Brasil”. O endereço registrado para a SBDI está sediada na cidade de Campinas-SP e apresenta Marcos Nogueira Eberlin como seu presidente.¹⁰⁹

Em 2017, a Universidade Presbiteriana Mackenzie inaugurou o Núcleo Discovery-Mackenzie¹¹⁰. A universidade informa que o núcleo é dedicado aos estudos de fé, ciência e sociedade¹¹¹. A instituição é, de fato, confessional e não é estranho existir um núcleo de estudos sobre religião, acreditamos ser pertinente que uma instituição que oferte cursos de graduação e pós-graduação em Ciências da religião mantenha um núcleo dedicado ao estudo desta área de pesquisa, porém a parceria com o Instituto Discovery é o ponto discordante do discurso da TDI.

A TDI busca constantemente se afastar do rótulo de ser algo vinculado à religião, por isso questionamos por qual motivo o Instituto Discovery (*think thank* da TDI) apoiaria e

¹⁰⁹ Na última consulta realizada no site da receita federal em 19/11/22, a situação cadastral do CNPJ 21.225.708/0001-10 da TDI Brasil estava ativa.

¹¹⁰ A SBDI possui em seu cadastro um endereço na cidade de Campinas como sede, porém desde 2017, quando o Núcleo Discovery-Mackenzie foi inaugurado, grande parte das atividades da TDI são desenvolvidas neste local, dentro da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como por exemplo a liga do design inteligente, que funciona como uma espécie de grupo de estudos semanal sobre o tema. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/noticias/artigo/n/a/i/delegacao-do-discovery-institute-usa-desembarca-no-mackenzie/> , <https://exame.com/ciencia/mackenzie-abre-nucleo-de-estudos-que-contesta-teoria-da-evolucao/> , <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/05/1882590-universidade-mackenzie-de-sp-abre-centro-que-questiona-a-evolucao.shtml> acesso: 22/02/21, <https://www.tdibrasil.com/inauguracao-do-discovery-mackenzie-5-a-6-de-maio-de-2017/> acesso: 13/12/21.

¹¹¹ O chanceler da universidade, teólogo e pastor presbiteriano Davi Charles Gomes, ressaltou em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo que o Núcleo Discovery-Mackenzie não é um espaço de TDI, mas de estudos de fé, ciência e sociedade. “Nossa instituição é confessional, o que significa que ela tem uma visão segundo a qual o mundo tem um significado transcendente. E não existe ciência que, no fundo, não reflete também sobre coisas transcendentes.” Disponível em: <https://exame.com/ciencia/mackenzie-abre-nucleo-de-estudos-que-contesta-teoria-da-evolucao/> acesso: 22/02/21.

cederia seu nome para um núcleo de estudos de caráter religioso? O chanceler da Universidade Mackenzie, à época da inauguração, informou que o Discovery-Mackenzie não seria um espaço da TDI. Outra questão que surge é o porquê de os maiores nomes da TDI nos EUA terem participado da cerimônia de inauguração de um núcleo de estudos de fé no Brasil, e de um lugar que não teria relação com a TDI. Entendemos que, por mais que a resposta institucional da Universidade Mackenzie negue que o núcleo seja um espaço da TDI, na prática o Discovery-Mackenzie tornou-se a sede da TDI Brasil, pois é de lá que são produzidos vários materiais audiovisuais do DI, como eventos virtuais e até mesmo uma liga, intitulada “Liga do Design Inteligente” transmitida online semanalmente.

Em 12 de abril de 2019, quando participava de uma entrevista na emissora de televisão¹¹², Marcus Eberlin afirmou que o Discovery-Mackenzie possuía pretensões de discutir a TDI e a evolução e, como descrito acima, essas pretensões se realizaram e esse núcleo passou a ser a sede, de fato, da TDI Brasil.

5.1.2 Como a TDI Brasil se vê e tenta se projetar inicialmente?

É quase unânime, em sites institucionais, a existência de um espaço dedicado à apresentação. Tópicos como “quem ou o que somos”, “missão” e “visão”¹¹³ sempre estão presentes nesse espaço. Na página oficial da TDI Brasil não é diferente. Mas é interessante ver como eles procuram se apresentar, afinal, um dos principais objetivos desta pesquisa é demonstrar que a TDI não é algo novo e nem mesmo uma ciência, mas um argumento da teologia natural.

O QUE É A TDI? A teoria do design inteligente (TDI) é a Ciência de detecção — ou não — de design inteligente. Ou seja, é o estudo científico de padrões na natureza que possam referendar — ou descartar — a ação de uma mente inteligente como a causa de um efeito. A TDI é, portanto, a Ciência que propõe estabelecer quando, frente aos efeitos Universo e Vida, estamos cientificamente autorizados a inferir se a causa primeira mais provável desses efeitos seria a ação de uma mente inteligente ou a de forças naturais não guiadas. (TDI Brasil)¹¹⁴.

De acordo com a citação acima, a TDI Brasil afirma que sua “teoria” é: 1) uma ciência de detecção e não detecção de design inteligente, pois ela pode ou não detectá-lo. É interessante observar que em todos os eventos ou publicações não existe a mesma ênfase na

¹¹² É possível encontrar a íntegra da entrevista em: <https://www.youtube.com/watch?v=h9azaef1SPU> Acesso em 20/06/22.

¹¹³ Encontramos as informações relacionadas ao conteúdo da página oficial da TDI no endereço: <https://www.tdibrasil.com/conheca-a-tdi/> acesso em 13/12/2021.

¹¹⁴ É possível consultar “O que é a TDI?” em <https://www.tdibrasil.com/conheca-a-tdi/> acesso em 13/12/2021.

possibilidade da não detecção. Ainda sobre a primeira definição da TDI, poderíamos nos perguntar se o objetivo dela seria detectar ou não detectar o design inteligente? Até mesmo na página de apresentação a associação tenta se blindar da impossibilidade de justificar alguns elementos presentes na ciência, como reproduzir experimentos, como ocorreu no julgamento do caso Dover (SOUZA, 2009, p. 204), quando demonstrou-se a impossibilidade de reproduzir experimentos que exemplificassem essa “teoria”.

A TDI seria 2) o “estudo científico de padrões na natureza”. Esse é um dos argumentos da teologia natural, demonstrar a existência de Deus através da observação de padrões na natureza. Já apresentamos esse argumento nos capítulos anteriores e o utilizaremos na conclusão, onde faremos uma comparação entre os principais argumentos da TDI e o AD. Por fim, ainda de acordo com a citação, a TDI seria 3) a ciência que “propõe estabelecer quando estamos autorizados a inferir a causa primeira mais provável” frente aos efeitos do universo e da vida qual “seria a ação de uma mente inteligente ou forças naturais guiadas”, ou seja, entendendo o universo e a vida como possíveis efeitos de uma determinada causa, a TDI é a ciência que propõe estabelecer quais ações são frutos de uma mente inteligente e quais não são.

Quem são os membros da TDI BRASIL? Os membros da Sociedade Brasileira do Design Inteligente – TDI BRASIL- são profissionais e acadêmicos brasileiros ou estrangeiros, graduandos ou graduados em áreas diversas do conhecimento científico, e que assumem como compromisso único e exclusivo defender a Ciência e seguir seus dados, promovendo o livre debate acadêmico/científico sobre nossas origens, debate este que contemple como possíveis causas tanto a ação de processos naturais – como propõe a teoria da evolução darwiniana – como também a ação de uma mente inteligente – como propõe a Teoria do Design Inteligente (TDI). (TDI Brasil)¹¹⁵.

Nos critérios de seleção¹¹⁶ da TDI é possível encontrar parâmetros similares ao disposto nesta citação. Defender tanto a teoria da evolução biológica como a possível ação de uma mente inteligente. A realidade é bem diferente de como a TDI Brasil se apresenta, pois em todas as oportunidades, seus membros não só se opõe à teoria da evolução biológica, como a atacam. O maior objetivo da maioria dos defensores da TDI (tanto brasileiros, como membros de outros países) é substituir a teoria da evolução biológica pela TDI.

Os membros da TDI BRASIL se dividem em duas alas: 1. A ala dos FUNDAMENTOS, que estuda, debate e formula dados e argumentos científicos que permitam uma decisão equilibrada entre processos naturais e uma ação inteligente como a melhor inferência para o Universo e a Vida, sendo formada assim por

¹¹⁵ É possível consultar “Quem são os membros da TDI Brasil?” em <https://www.tdibrasil.com/conheca-a-tdi/> acesso em 13/12/2021.

¹¹⁶ É possível consultar os critérios de seleção acessando <https://www.tdibrasil.com/criterios-de-selecao/> Acesso em 13/12/2021

pessoal de áreas como a da biologia, bioquímica, química, física, cosmologia, paleontologia, e ciências afins. 2. A ala das IMPLICAÇÕES, a que foca no estudo e debate não da fundamentação científica da TDI, mas de suas fortes e inevitáveis implicações filosóficas e teológicas e seus aspectos sociais e educacionais, sendo formada então por filósofos, teólogos, cientistas sociais, advogados, estudiosos da filosofia da ciência e áreas afins. (TDI Brasil)¹¹⁷.

A divisão dos membros da TDI Brasil em duas alas, a saber, a ala dos fundamentos e a ala das implicações, aparentemente serve para justificar suas fortes e inevitáveis ligações ao contexto religioso. Ao longo dos capítulos, apresentamos tanto o contexto histórico, quanto o epistemológico de o porquê propormos que a TDI é, em sua essência, um argumento da teologia natural, como já discutimos no terceiro capítulo. A TDI Brasil possui várias ligações com entidades religiosas, sua própria sede (de fato) está numa universidade confessional, são realizados eventos em igrejas, grande parte de seus membros possuem afiliação religiosa, e a TDI Brasil recebe patrocínio de instituições evangélicas¹¹⁸.

MISSÃO E COMPROMISSOS DOS MEMBROS DA TDI BRASIL. Os membros da TDI BRASIL entendem que, sobretudo, prestam bom serviço à nação e ao povo brasileiro – o financiador da Ciência Brasileira – por cumprir com a sua obrigação constitucional maior de defender e promover uma Ciência plenamente laica e que, por ser laica, deve estimular o livre debate de ideias, não fechando a priori com nenhuma pré-concepção sobre como o Universo e a Vida são constituídos ou teriam necessariamente que ser formados. [...] Nossos membros são, portanto, pessoas que estão sobretudo procurando honestamente conhecer os dados e os argumentos de ambos os lados da disputa, e assim se fazem, no âmbito da discussão e em prol da boa ciência, apartidários e neutros em relação a qualquer religião, cosmovisão ou posição filosófica. Não dentro, mas fora do escopo de discussões científicas que a TDI se propõe a promover, membros da TDI Brasil tem, porém, como cidadãos Brasileiros por direito garantido em sua constituição, total liberdade de defender – individualmente – qualquer posição filosófica ou teológica, ou ausência delas. (TDI Brasil)¹¹⁹.

Uma sociedade científica é uma entidade que possui uma função social e presta serviço à sociedade. Quando lemos as palavras na citação acima e ouvimos ou assistimos as palestras ou as falas nos eventos da TDI Brasil, não percebemos uma congruência entre o que está escrito e o que é praticado. Quando lemos que “não fechando a priori com nenhuma pré-concepção sobre como o Universo e a Vida são constituídos ou teriam necessariamente que ser formados”, entendemos que as pesquisas serão realizadas seguindo padrões de teste e com a possibilidade de reprodução e análise pelos pares, mas, nos discursos da TDI que

¹¹⁷ É possível consultar “Quem são os membros da TDI Brasil?” em <https://www.tdibrasil.com/conheca-a-tdi/> acesso em 13/12/2021.

¹¹⁸ É possível verificar os patrocinadores da TDI Brasil pelo site oficial da instituição acessando <https://www.tdibrasil.com/patrocinadores/>. Entre elas estão o Centro universitário Unievangélica, Universidade Presbiteriana Mackenzie, UNASP – Centro universitário adventista – SP entre outros. Acesso em 06/05/2023.

¹¹⁹ É possível consultar “Missão e compromisso dos membros da TDI Brasil?” em <https://www.tdibrasil.com/conheca-a-tdi/> acesso em 13/12/2021.

analisamos através dos vídeos dos eventos e congressos promovidos pela TDI¹²⁰, percebemos que há um exercício de convencimento aos ouvintes por parte de exemplos, mas não há demonstrações de experiências ou uma separação entre ciência e religião, ao contrário, Marcos Eberlin afirmou, em 2015, que essas duas áreas se sobrepõem¹²¹.

Não existe uma prática de ciência laica, após analisar os pilares de TDI percebemos que eles são os mesmos de uma teologia cristã. Não há problema em pessoas que professam uma religião realizarem pesquisas científicas, o que se coloca em questão é tentar trazer algo que é identificado como uma teologia religiosa, e tentar convertê-la em outra coisa.

5.1.3 Critérios de seleção e relação com a educação

Para ser membro da TDI Brasil é preciso se enquadrar em alguns critérios¹²². Vejamos o que está disposto na página oficial da instituição:

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO Os membros da Sociedade Brasileira do Design Inteligente – TDI BRASIL são profissionais e acadêmicos brasileiros ou estrangeiros, que estejam se graduando ou já são graduados em áreas diversas do conhecimento científico, e que assumem como compromisso único e exclusivo defender a Ciência e seguir seus dados, promovendo o livre debate acadêmico/científico sobre nossas origens, debate este que contemple como possíveis causas tanto a ação de processos naturais – como propõe a teoria da evolução darwiniiana – como também de uma mente inteligente – como propõe a Teoria do Design Inteligente (TDI).

Os critérios são simples e razoáveis, mas se afastam da realidade da instituição em pelo menos dois aspectos, a saber, na formação dos membros da TDI, e no compromisso de defender a ciência. No primeiro aspecto, que se refere à formação dos membros, quando fazemos uma consulta ao perfil deles na página oficial da instituição, vemos que estar matriculado em uma instituição de ensino superior ou possuir qualquer formação superior já os habilita a fazer parte da SBDI. Na primeira consulta à relação dos membros da TDI Brasil era de aproximadamente 1648¹²³ membros cadastrados, na segunda consulta, 11 meses depois, havia 1752 membros.

¹²⁰ A relação dos vídeos dos eventos promovidos pela TDI Brasil estará disponível como anexo deste texto.

¹²¹ Eberlin fez tal afirmação no Programa Identidade Geral TV Novo Tempo, em 28/09/15, que será melhor discutido posteriormente.

¹²² Para informações a respeito dos critérios de seleção acessamos <https://www.tdibrasil.com/criterios-de-selecao/> em 13/12/2021

¹²³ A primeira consulta da relação de membros da TDI Brasil foi realizada em 13/12/21, havia 206 páginas e cada página com 8 perfis de membros, o que totalizaria 1648 membros. A segunda consulta foi realizada em 26/11/22, constava 219 páginas com 8 perfis de membros em cada, totalizando 1752 membros aproximadamente. Mantenho a definição de números aproximados por não ser viável checar cada página pois o site é moroso e demandaria dias para a checagem desse dado. Verifiquei a existência de perfis de forma aleatória em diversas abas. Disponível em <https://www.tdibrasil.com/galeria-de-membros/>.

A formação de muitos membros da TDI Brasil está vinculada à religião cristã. Alguns deles são formados ou estão estudando teologia, já outros são pessoas (em sua maioria cristãs) que não informam possuir formação teológica, mas que buscam uma resposta para a origem da vida, diferente da teoria da evolução biológica, como podemos ver na descrição da biografia de um desses membros:

Me considero amante das ciências, história e matemática. Tenho uma imensa expectativa de que esse nosso mundo conheça a absoluta verdade que nossa ciência já é capaz de provar, derrubando as teorias pré-estabelecidas e implantas, criadas após o evolucionismo/big bang. (TDI BRASIL)¹²⁴

As verificações dos perfis dos membros ocorreram de forma aleatória, e pudemos observar que o grupo é composto majoritariamente de pessoas que acreditam no criacionismo, o que nos remete ao segundo aspecto que apontamos.

Como critério de seleção, os membros devem assumir o compromisso de “defender a Ciência e seguir seus dados, promovendo o livre debate acadêmico/científico sobre nossas origens”, esse debate deve pressupor como possíveis causas “tanto a ação de processos naturais – como propõe a teoria da evolução darwiniana – como também de uma mente inteligente – como propõe a Teoria do Design Inteligente”. No próprio cadastro de membros, muitos se opõe à evolução biológica, a maioria, senão todos os livros da TDI argumentam contra a evolução biológica, desta forma nos parece, mais uma vez, se tratar de uma desonestade intelectual afirmar que é um compromisso dos membros da TDI: a) defender a ciência e seguir seus dados, uma vez que os dados produzidos pela ciência nos demonstram um caminho e a TDI nos leva a outro e b) propor em debates que a evolução biológica seja uma das causas da origem da vida, pois um dos principais argumentos da TDI é se opor à teoria evolução biológica e promover ataques a Charles Darwin.

Assim como nos EUA, a TDI começou a ser divulgada no Brasil em ambientes escolares, mas, ao contrário do país ao norte, aqui a divulgação se deu em ambientes de ensino superior. Há, por exemplo, uma apresentação de trabalho acadêmico datada do ano de 2006 de Enézio de Almeida¹²⁵. Em 2007, Almeida também apresentou “Design inteligente: Paley *redivivus* ou uma nova teoria científicamente plausível?¹²⁶” no V ENCONTRO DE

¹²⁴ O perfil do membro que escreveu a citação está disponível em: <https://www.tdibrasil.com/perfil/washington.luiz.pirola.da.silva/> acesso em: 26/11/22. Realizamos consulta à plataforma Lattes na mesma data, porém não localizado nenhum registro.

¹²⁵ Enézio de Almeida Filho graduado em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Amazonas (1980) e mestre em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008), -Coordenador do NBDI (Núcleo Brasileiro de Design Inteligente), Campinas - SP, desde 1998. É conhecido como um dos precursores da TDI no Brasil. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6602620537249723>, <https://www.revistaadventista.com.br/marcio-tonetti/destaques/famos-projetados-por-um-designer/> e <https://www.tdibrasil.com/perfil/en%c3%a9cio.de.almeida.filho/> acesso em: 24/11/22.

¹²⁶ Reciclando Paley ou uma nova teoria científicamente plausível?

FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA ocorrido entre 09 e 11 de agosto de 2007, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Houve uma tentativa de realização de eventos, como congressos e palestras em Universidades públicas, para a discussão do tema. Alguns desses eventos foram cancelados¹²⁷, outros foram realizados ao longo dos anos.

Quadro 3 – Eventos em instituições de Ensino Superior

Evento	Instituição	Data
Inauguração – Discovery-Mackenzie	Universidade Mackenzie - SP	06/05/2017
I Simpósio de Design Inteligente do Nordeste	Universidade Federal do Ceará	10 e 11/11/2017
Zombie Science: A evolução e seus ídolos. Palestra 1	Universidade Mackenzie - SP	06/11/2017 16H
Zombie Science: A evolução e seus ídolos. Palestra 2	UNASP SP	06/11/2017 19:30H
Zombie Science: A evolução e seus ídolos. Palestra 3	Universidade Mackenzie - Campinas	07/11/2017 19:30H
Zombie Science: A evolução e seus ídolos. Palestra 4	Universidade Metodista de SP	08/11/2017 19:30H
Lançamento livro: Fomos Planejados	Universidade Mackenzie - SP	Maio 2018
II TDI São Paulo	Universidade Mackenzie - SP	15/10/2019
XXXI Semana da Escola de Engenharia aborda temática do Design Inteligente ¹²⁸	Universidade Mackenzie - SP	11.09.2019

Fonte: site oficial da TDI Brasil (2021).

Com exceção da Universidade Federal do Ceará, todas as instituições de ensino são vinculadas a igrejas. Percebemos que parte do público evangélico acolheu a TDI, e é possível notar isso pelos eventos sendo realizados em suas universidades e nas igrejas. Vejamos a próxima tabela com alguns eventos promovidos pela TDI Brasil.

Quadro 4 – Eventos e participações em instituições religiosas

Evento	Instituição	Data
--------	-------------	------

¹²⁷ O evento cancelado que ganhou maior repercussão ocorreu na Unicamp em 2013 onde Marcus Eberlin e Rodrigo Silva (arqueólogo ligado à igreja Adventista) participariam. Um dos motivos do cancelamento foi a oposição de um grande número de professores da UNICAMP ao evento. “Os cinco convidados a falar sobre filosofia e ciência eram nomes ligados ao “criacionismo científico”, que nega a teoria da evolução de Charles Darwin, mas, ainda assim, busca evidências científicas para desvendar o universo – sem contradizer a existência de Deus ou os preceitos da Bíblia. “Que façam isso numa igreja”, disse o professor de física Leandro Tessler. “É embrarçooso dar credibilidade a esse tipo de doutrina não científica.” Seu blog chamou a atenção de outros professores. A pró-reitoria, que

havia dado aval ao evento, recuou”. Disponível em: https://istoe.com.br/331557_DEUS+FORA+DA+UNICAMP/ acesso em: 14/10/19.

¹²⁸ Informações disponíveis em <https://www.mackenzie.br/noticias/artigo/n/a/i/um-passeio-pela-quimica-do-universo-e-da-vida> acesso em: 13/12/21

TDI Goiânia	2ª Igreja Presbiteriana de Goiânia	13-14/04/18
TDI Uberlândia	5ª Igreja Presbiteriana de Uberlândia	21-22/09/18
TDI Senhor do Bonfim	Igreja Presbiteriana Conservadora	12-13/10/18
Gênesis 1 e 2: Fato ou Alegoria?	Igreja Presbiteriana de Pinheiros	13/12/2020

Fonte: Site oficial da TDI Brasil (2021)

Braga (2016) apresenta que parte das pessoas envolvidas na organização do primeiro congresso TDI Brasil (realizado em 2014) eram alunos orientandos do professor Marcos Eberlin, quando ele fazia parte do quadro do magistério da UNICAMP. Numbers (2014) faz uma análise muito precisa sobre as tentativas do ensino do criacionismo em instituições de ensino. Nos EUA, a TDI tentou incluir sua “teoria” nas aulas de ciências através do livro “*Of pandas and people*” e após uma derrota na justiça não houve uma nova tentativa pública semelhante, já mencionamos o caso *Dover* no capítulo 3 deste trabalho. Essa não é a primeira derrota do movimento criacionista naquele país, em 1968, a Suprema corte considerou inconstitucional a última das leis que ainda estava em vigor proibindo o ensino da evolução (NUMBERS, 2014).

A TDI Brasil, em alguns aspectos, parece querer repetir parte dos eventos que tiveram sucesso nos EUA, como a criação da SBDI, estipulando como critério de seleção pessoas com formação superior e uma filial do Instituto Discovery.

A TDI-Brasil pretende -como seu alvo maior- reunir toda a comunidade científica brasileira de "inteligentistas" [...] Temos como foco principal a comunidade acadêmica formada por alunos universitários - de graduação, mestrado e doutorado, e pós-docs professores e pesquisadores de escolas, colégios, universidades e centros de pesquisa - e também profissionais - de todas as áreas do conhecimento científico. (TDI BRASIL)¹²⁹

Aqui temos o foco do grupo, os alunos, professores e pesquisadores das Instituições de Ensino Superior (IES) e das escolas de educação básica, mas pelo que vemos em todos os eventos da TDI no Brasil, as atividades estão concentradas nas comunidades acadêmicas de ensino superior. Se opor ao ensino da evolução biológica na educação básica é algo que o movimento criacionista vem acumulando derrotas nos EUA, e parece-nos plausível que, ao mesmo tempo, o movimento busca se consolidar no Brasil, ganhando novos adeptos. Eles também seguem um caminho diferente, o de conquistar espaço primeiro nas IES, para depois focar na educação básica. A TDI Brasil continua tentando se inserir no ambiente acadêmico de

¹²⁹ Essa descrição está na página oficial do Facebook, que a título de informação também foi a página oficial desde o primeiro congresso da TDI no Brasil: https://www.facebook.com/congressodesigninteligente/about/?ref=page_internal acesso 13/12/2021.

várias formas, seja através de palestras e congressos, publicações ou de seus membros, que são estudantes e até mesmo professores em algumas IES.

Para mostrar um exemplo dessa inserção no ambiente acadêmico, utilizaremos o evento TDI Uberlândia. Realizado em 21 de setembro e 2018, o evento contou com a participação de três participantes em destaque, Eberlin, Rodrigo Mello e Victor Pina¹³⁰. Rodrigo Mello possui perfil no site da TDI e em consulta à plataforma Lattes conseguimos identificar que é doutor em ciências biológicas, e professor do Instituto de ciências biológicas da Universidade Federal de Goiás. Já o participante Victor Pina possui doutorado em física pela Universidade Federal de Goiás. O evento ocorreu numa igreja, porém demonstra que a TDI está ganhando espaço no meio acadêmico, assim como na religião, pois mesmo professores e pesquisadores (apesar de em pequeno número) já estão defendendo a “teoria”.

Outro exemplo é o grupo de estudos “PhiDesign - Filosofia do Design” sediado na UFRN. Ele possui registro no CNPq e permanece ativo: a data de sua situação é de 22 de agosto de 2018, e sua última atualização no CNPq foi em 26 de julho de 2022.¹³¹ Em 03 e de setembro de 2019, o PhiDesign realizou o I Congresso de Pesquisa e Inovação em Design Inteligente no anfiteatro da reitoria da UFRN¹³². Vejamos um quadro com as informações disponíveis do grupo:

Quadro 5 – PhiDesign – Filosofia do Design

Informações Gerais	Data da Situação: 22/08/2018 16:22 Data do último envio: 26/07/2022 16:46 Instituição do grupo: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN Unidade: Departamento de Artes Área predominante: Ciências Humanas; Filosofia Rede de pesquisa: DISCOVERY MACKENZIE https://www.mackenzie.br/discoverymackenzie/
Instituições parceiras relatadas pelo grupo:	Universidade Estadual de Campinas UNICAMP SP Universidade Presbiteriana Mackenzie MACKENZIE SP Agência de Desenvolvimento Para Povos Não Alcançados ADPNAS RN
Integrantes PhiDesign	27 pesquisadores sendo 22 com doutorado, 05 com mestrado 02 estudantes com graduação, e 03 estudantes sem formação em andamento
Integrantes Design	09 pesquisadores com doutorado 04 estudantes sendo 02 de graduação e 02 sem formação em andamento

¹³⁰ No mês de maio de 2022 enviamos e-mail para os três participantes. Para Eberlin enviamos para o e-mail institucional do Mackenzie, para os demais enviamos e-mail através da plataforma Lattes. O objetivo do contato com os organizadores era realizar uma entrevista, porém não recebemos retorno.

¹³¹ Consulta realizada em 06/02/23

¹³² Informações disponíveis em:

<https://sigaa.ufrn.br/sigaa/link/public/extensao/visualizacaoAcaoExtensao/91812299> acesso em 06/02/23.

Inteligente	dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/7182962972438415699802
Fonte	Informações disponíveis em: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/360210 e https://www.instagram.com/pd.brasil/ acesso em 06/02/23

Fonte: Grupo de pesquisa em filosofia do Design, CNPQ

Como podemos ver, há um número relevante de pesquisadores estudando a TDI na UFRN, ao todo, somente neste grupo de estudos existem 17 pessoas cadastradas. Não há informações sobre financiamento de projetos de pesquisa na página do grupo de estudos do CNPq. O evento ocorrido em 2019 informa a fonte do financiamento como uma fonte autofinanciada.

Para finalizar, apresentamos também a Liga do Design Inteligente. Funciona como uma liga que existe em universidades, e ocorre semanalmente no formato virtual. Em 2020 houve 14 encontros, já em 2021 houve 24 encontros. Os títulos geralmente são chamativos, e até mesmo apelativos, como no caso do encontro que ocorreu no dia 17 de junho de 2021: “Chimpanzés, nossos primos evolutivos?” ou outro ocorrido em 10 de junho de 2021, “Teste de maternidade: temos o DNA de Eva”. Já outros são títulos comuns, como por exemplo, “Introdução do Design inteligente”, ocorrido em 17 de agosto de 2020. Mas geralmente os títulos refletem as falas e os argumentos da TDI, que basicamente buscam pôr em questão a evolução biológica e argumentar sobre a existência de um desígnio.

5.2 Os discursos de Marcos Eberlin em defesa da TDI

Para realizar uma análise mais precisa em nosso trabalho, escolhemos as falas do mesmo interlocutor em diferentes momentos e locais, Marcos Eberlin. Acreditamos que, por ser o presidente da TDI Brasil, foi a pessoa que possuía mais registros públicos, e por isso foi o locutor selecionado. Apresentamos agora parte dos argumentos e falas do presidente da TDI Brasil. Através de diversos vídeos, encontrados principalmente na página oficial da organização, realizamos a transcrição dos vídeos escolhidos para análise e produzimos o documento DOC-TDI-01. O documento será utilizado para citar as falas de Eberlin a deste ponto em diante.

No programa Identidade geral, exibido pela TV Novo tempo, canal da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o apresentador Wagner Cantori pergunta quais seriam as marcas, as

provas científicas e não pseudocientíficas¹³³ da existência de um criador, de alguém que criou o universo? Eberlin responde que, na ciência, é possível distinguir quando “um efeito é causado por forças naturais e quando ele é causado por uma mente inteligente [pois] há padrões, há características, as assinaturas de uma mente inteligente são facilmente detectadas pela ciência” (DOC-TDI-01, 2022, p. 01). Eberlin usa como exemplo a arqueologia e as ciências forenses. No caso da análise forense, ele afirma que é possível saber se uma morte foi natural ou um assassinato, “se um avião caiu por forças naturais ou se foi derrubado por um terrorista ou piloto ou copiloto” (DOC-TDI-01, 2022, p. 1) O presidente da TDI afirma que, mesmo não estando no momento da criação da vida, temos a vida e o universo em nossas mãos, e é possível usar as mesmas estratégias da arqueologia e da análise forense para verificar se a criação da vida ou do universo foi causada por forças naturais ou por uma mente inteligente.

Eberlin defende a existência de uma mente inteligente, critica a evolução biológica, e usa o argumento da complexidade da vida. Vejamos seu argumento:

A complexidade da vida é extremamente irredutível e sofisticada, então processos lentos, graduais e sucessivos não poderiam dar esse pulo imenso de matéria inanimada até as formas complexas de vida que a gente precisa pra que o primeiro organismo seja chamado de um organismo vivo. (DOC-TDI-01, 2022, p. 1).

O que Eberlin afirma na citação acima acaba por repetir após o apresentador fazer a pergunta: “por que o processo evolutivo não continua, porque não vemos outros macacos se tornando homens outras vidas marinhas saindo delas e vindo pra terra, por que o homem não está num outro estágio evolutivo?” (DOC-TDI-01, 2022, p. 01). Eberlin afirma que a saída clássica dos evolucionistas é afirmar que o processo evolutivo leva milhões de anos e que nossa amostragem é curta, e por isso nunca veríamos exemplos de evolução biológica tão explícitos numa amostragem como essa. Ele apela para que façamos a checagem da evolução pelo registro fóssil¹³⁴ e afirma que não existe registro fóssil que comprove a evolução biológica.

Por fim, o apresentador pergunta qual a maior pedra no sapato do DI ao que Eberlin responde:

[...] Ele é a melhor ciência que a ciência que a gente faz hoje, o problema grande do DI são as suas implicações indiretas. O DI não há como você negar isso, aponta para

¹³³ No momento da pergunta o apresentador enfatiza para quais seriam as provas científicas e não as pseudocientíficas. Não foi possível identificar se houve uma conversa prévia ou se o vídeo analisado fazia parte de uma série de entrevistas, ou se o apresentador fazia referência às críticas de cientistas à TDI.

¹³⁴ Eberlin fez muitas referências ao registro fóssil em suas primeiras falas neste programa. Acreditamos que ele faz referências aos registros fósseis inspirado na teoria de Price (NUMBERS, 2016).

uma mente inteligente, aponta para um ser inteligente, aponta para um criador. Se você for analisar de um ponto de vista teológico, filosófico, o melhor candidato é deus e o melhor candidato é o deus bíblico e isso realmente é repugnante pra muitos na ciência. [...] O DI não é aceito hoje em ciências por que? por causa das evidências? Não, elas são inúmeras, por causa dele não ser ciência? Não, é ciência na sua mais pura essência. Ele não é aceito porque as pessoas não gostam do DI e cientistas não deveriam ter gosto mas eles têm. E eles não gostam do DI então falam: então não quero saber dessa teoria, vou continuar com a minha e vou defendê-la até a última gota de evidência, mas infelizmente tá acabando, o pote tá secando da evolução. Essa tentativa de desvincular ciência da religião é ilusória, as duas áreas se sobrepõem. Não tem como não ser. A ciência que vai falar sobre as nossas origens necessariamente vai ter implicações religiosas e teológicas, ou ela vai negar a deus ou ela vai confirmar a deus, então a gente tenta desvincular uma coisa que é impossível ser desvinculada. (DOC-TDI-01, 2022, p. 02).

O cristianismo, enquanto religião, já aponta Deus como o criador da vida, a TDI tenta fazer um percurso, apresentando-se como a ciência em excelência e conclui, nas palavras de Marcos Eberlin, que a mente inteligente seria o deus bíblico. É importante frisar que não é a primeira vez que essa conclusão é apresentada, Eberlin já havia mencionado anteriormente apresentando Deus como o *Designer*. Além de todas as similaridades com a religião, de seus argumentos serem os mesmos da teologia natural, e do movimento do DI ter-se iniciado por criacionistas, conclui-se que o *Designer* é o mesmo Deus cristão, embora insista que a TDI não é religião.

Outro evento analisado foi uma entrevista no programa “Vejam Só!” (até então, apresentado pelo pastor Eber Cocareli) da Rede Internacional de Televisão (RIT), emissora da Igreja Internacional da Graça de Deus. O apresentador faz uma crítica aos professores da Unicamp e a outros professores, sem citar nomes, afirmando que eles atacam os evangélicos. Segundo Cocareli, os ataques são motivados pelo fato de os evangélicos não aceitarem a teoria da evolução biológica como algo acabado. O apresentador ainda afirma que uma das bandeiras do programa é a defesa de debates de forma equilibrada e menciona o relançamento do livro “A caixa preta de Darwin”.

A primeira questão do apresentador à Marcos Eberlin é questionar o que seria o “projeto” Discovery Mackenzie? Ao que Eberlin responde:

Pastor Eber o projeto Discovery Mackenzie é uma volta a nossa velha e boa ciência. A ciência depois de Darwin fechou um pacto com o naturalismo, ela só vê matéria, energia e espaço. Ela fechou um pacto com o *big-bang*, fechou um pacto com a evolução. A evolução nos é vendida, como muito bem o pastor iniciou o programa, como uma verdade absoluta, mais lei do que a lei da gravidade. E ao fechar o pacto com a evolução a ciência fechou seus olhos pra qualquer outra possibilidade. Então a ciência, que é a cultura da dúvida, que é o campo do debater, de ideias e propostas, em relação às nossas origens ela fechou um pacto com o dogma. Só existe matéria, energia e espaço, um preconceito se instalou na ciência e não se permite mais debates, não se permite mais o contraposto, não se permite mais colocar outro tipo de ideia. (DOC-TDI-01, 2022, p. 03-04).

A fala de Eberlin é fundamentada em argumentos dos cristãos criacionistas mencionados tanto por Numbers (2006) quanto por Groto (2016), alguns deles mencionados no segundo capítulo desta pesquisa. Ao afirmar que a ciência é dogmática e possui um pacto com o naturalismo, ele demonstra uma reprodução desses argumentos. Parte de sua fala nesta citação nos remete a inferir que ela é direcionada ao convencimento de pessoas que, por diversos motivos, não acreditam na evolução biológica, seja por desconhecer a teoria, ou por questões culturais, como a religião, que é o contraponto presente nesta pesquisa.

Marcos Eberlin continua respondendo e afirma que a Universidade Presbiteriana Mackenzie se coloca contra o que ele chama de pacto da ciência com o dogmatismo.

A ciência é a cultura da dúvida, a academia é o palco do debate é onde as pessoas sentam colocam o ponto e o contraponto. Ela resolve em associação com o Discovery Institute nos EUA montar um centro, um núcleo aqui na Universidade Mackenzie São Paulo, e ela quer fazer o que? Promover o debate. (DOC-TDI-01, 2022, p. 04).

A ideia do núcleo criado na Mackenzie, segundo Eberlin, seria debater a TDI e a teoria da evolução biológica, produzir literatura sobre a TDI, traduzir e lançar livros para se contrapor à literatura da evolução biológica. “Queremos traduzir vários livros pra que esses livros também possam se contrapor a enxurrada de literatura que nós temos defendendo a evolução. São livros, são vídeos, são entrevistas, são congressos.” (DOC-TDI-01, 2022, p. 04). A proposta funcionaria como o Instituto Discovery dos EUA, um produtor e divulgador de conteúdo sobre a TDI e não um núcleo de debates, como Eberlin afirma.

Em poucos momentos o entrevistado demonstra que a intenção de debater ideias diferentes não possui o propósito real de estudar uma teoria já estabelecida, mas de ganhar espaço para sua corrente de pensamento, e de produzir novos conteúdos, pois ele já tem uma concepção definida e ataca a evolução biológica, utilizando alegações falsas, pois sabe que os outros repelem grande parte da sociedade da real teoria da evolução biológica, vejamos o último recorte de sua fala no programa “Vejam Só!”:

A vida não ocorreu desse processo evolutivo, uma mente inteligente, com propósito, com intenção de fazer a vida fez a vida e a fez pronta, não há como processos lentos, graduais e sucessivos ir construindo a vida devagarinho, lenta, gradual e sucessivamente. Então esse processo devagarinho não faz sentido de um ponto de vista atômico e molecular, bioquímico. Faz sentido quando você conta uma história, então se você conta uma história, olha talvez, ... era um peixe que saiu da água, virou mamífero, aquele mamífero foi evoluindo deu nos chimpanzés, os chimpanzés foram evoluindo, deu no homem. Há faz sentido! na retórica, mas do ponto de vista bioquímico, quando a gente abre a caixa preta da vida e vai investigar os processos não faz sentido, ou tudo estava lá desde o início ou a vida nunca teria dado partida (DOC-TDI-01, 2022, p. 04-05).

O bioquímico volta ao argumento de que não há sentido na evolução biológica, mas ele não demonstra o porquê, só afirma que uma mente inteligente seria a melhor resposta. Usa a analogia da caixa preta, como se houvesse respostas prontas sobre a origem da vida, mas que até o momento essas respostas não foram divulgadas pela TDI.

No vídeo da Escola Bíblica Dominical, da Igreja Presbiteriana de Pinheiros, datado do dia 13 de dezembro de 2020, houve uma aula cujo tema foi **Gênesis 1 e 2: Fato ou Alegoria?** Eberlin afirma que Gênesis 1 e 2 deve ser interpretado de forma literal. Os dias da criação foram 6 dias literais. Ele cita Lutero, Calvino, John Wesley. Defende a *sola escriptura*¹³⁵ e critica interpretações bíblicas que consideram as teorias científicas, segundo ele existe um problema maior, quando se coloca a ciência acima da “palavra” ou seja, da bíblia.

Eberlin também afirma que a bíblia está cheia de verdades científicas, e que existe um movimento de transferência da autoridade científica da bíblia para a ciência dos homens. Também afirma que a ciência é linda, mas é feita por homens que são falhos, que os dados podem e são muitas vezes forjados. Eberlin descredibiliza e relativiza as pesquisas científicas, como se a ciência não fosse feita de forma séria e somente a bíblia fosse confiável, pois segundo ele “maldito o homem que confia no homem, [...] a ciência é a cultura da dúvida¹³⁶ a verdade que é estabelecida hoje, amanhã poderá ser mudada, restaurada, alterada, então à luz desse princípio de que somente a escritura, autoridade máxima devemos ler a palavra e deixar que ela fale por si só” (DOC-TDI-01, 2022, p. 04). A ciência não pode ser usada para auxiliar na interpretação bíblica, mas o contrário parece recomendável, pois a ciência é apresentada como algo totalmente frágil ao lado de uma autoridade infalível como a bíblia. Eberlin utiliza de suas “credencias” científicas para relativizar a própria ciência e solidificar o DI: “temos o DI que casa com a boa teologia, com a boa leitura de gênesis, mostrando que fomos feitos prontos”. (DOC-TDI-01, 2022, p. 04)

Como foi apresentado anteriormente, muitos eventos da TDI são realizados em igrejas, e apesar de estar participando de um evento religioso, Marcos Eberlin coloca-se como um cientista para afirmar que as verdades bíblicas são inquestionáveis, enquanto as teorias científicas são relativas e efêmeras.

Para finalizar, analisamos a participação do presidente da TDI Brasil no 2º Congresso TDI Brasil. Sua palestra foi intitulada **Corona vírus: Evolução ou Design Inteligente?** Eberlin dividiu sua palestra em alguns tópicos, vejamos a estrutura de sua apresentação: **O**

¹³⁵ Criada durante a Reforma Protestante, a *Sola escriptura* define que a palavra de Deus teria absoluta primazia para a organização da doutrina da igreja e ela serviria como única regra de fé e prática que todo ser humano deve seguir.

¹³⁶ Marcos Eberlin ao declarar que a ciência é a cultura da dúvida trazendo um significado negativo para essa expressão, através do seu tom de voz, expressão corporal e do contexto de sua fala.

que são vírus?, Vírus: do bem ou do mal?, Vírus: Evolução ou Design inteligente?, O coronavírus à luz de Michael Behe (Design inteligente) e O coronavírus à luz de Francis Collins (Evolucionismo teísta).

Sua palestra começou com “**O que são vírus?**” Ele fez uma comparação entre Bactéria e vírus. Segundo ele, uma bactéria é um ser vivo, ela possui maquinaria, ou seja, ela se reproduz, coleta energia, produz o que não consegue coletar no meio ambiente, é um ser independente. Vive, sobrevive e se reproduz por si mesma. Já um vírus é um aglomerado de moléculas, uma estrutura nanomolecular, que apesar de magnífica, não tem vida em si mesmo, por não possuir maquinaria própria, ele precisa de um hospedeiro para se reproduzir.

Eberlin explica sobre a estrutura do vírus da COVID-19, segundo ele a estrutura do vírus seria “um artefato magnificamente desenhado para invadir a célula”, ao redor do coronavírus existe uma proteção extra com proteínas e lipídio, e por dentro, uma fita de RNA plastificada, Eberlin afirma que essa fita deveria durar minutos sem essa estrutura plastificada. Existem dois motivos para o bioquímico ter escolhido discorrer sobre vírus e ter escolhido particularmente o coronavírus, o primeiro é para argumentar contra a teoria da evolução biológica, o segundo é por pensar ter encontrado elementos de um design no coronavírus. Vejamos sua fala sobre o processo de entrada do vírus no hospedeiro:

Agora para que ele consiga entrar na célula o que acontece, a célula tem fechaduras e esse coronavírus terá que ter chaves então aqueles amarelinhos ali que estão marcados com S são proteínas que funcionam como a chave, que abrirão a fechadura da célula. Um arranjo magnificamente muito bem projetado pra quê o RNA desse vírus possa ser transferido para dentro da célula (DOC-TDI-01, 2022, p. 09).

Em sua fala, ele aponta três elementos apresentados como fatores para a origem da vida, as proteínas, o RNA/DNA e os lipídios, que fazem a estruturação das células. Quando o coronavírus é observado, os três elementos estão presentes.

Você tem o RNA no interior do vírus que carrega a informação genética, você tem as proteínas ao redor e você tem lipídios, então para um cenário de origem da vida dos vírus você tem o seu problema ao cubo. Você não pode mais só explicar a origem das proteínas, você não pode mais só explicar a origem do RNA, você não pode mais só explicar a origem dos lipídios. Pra formar um vírus você tem que ter as três principais classes de biomoléculas. Proteínas, RNA/DNA e lipídios. Então há um grande problema para a evolução darwiniana, explicar os vírus porque eles contêm em si as três principais classes de moléculas orgânicas (DOC-TDI-01, 2022, p. 09).

Aparentemente, Marcos Eberlin vai ao limite argumentativo em alguns momentos, pois a palestra é bem estruturada e ela possui uma finalidade, demonstrar que o coronavírus é mais um exemplo de que o Designer existe e criou a vida, entretanto, ele lança perguntas e

tenta plantar dúvidas sobre a evolução biológica em vários momentos, como se fosse mais importante do que demonstrar sua “teoria”, ou como se a TDI fosse simplesmente a negação da evolução biológica. Isso é perceptível, ao contrário da citação acima, já no tópico **Vírus: do bem ou do mal?** Em que ele inicia afirmado:

[...] A gente vai estudar e o que que acontece com os artigos, as revisões e tudo mais? A gente percebe que na medida que a ciência avança, cada vez mais a gente descobre vírus e mais vírus e mais vírus, que causam benefício à vida. Tem plantas que infectadas por vírus tem maior resistência à seca. Há muitos vírus dentro do ser humano que ajudam o ser humano, o coronavírus do morcego certamente deve ter um benefício para o morcego. A essa inserção de DNA dizem que inclusive pode ser uma forma de você criar diversidade genética, corrigir erros do DNA, agora corta a parte errada e põe a certa (DOC-TDI-01, 2022, p. 10).

Num primeiro momento, os cientistas teriam problemas para explicar o porquê de um vírus possuir os elementos apresentados como condicionantes para a origem da vida, mas em outro, ele afirma que os vírus possuem funções benéficas. Eberlin não poderia concluir algo diferente, pois, para a TDI, tudo foi criado em seu estado perfeito e com o tempo foi se degradando. Desta forma, os vírus também seguiriam essa lógica, mas com a degradação, os vírus podem proporcionar vários problemas. Eberlin compara o sistema imunológico ao que ele chama de antevidência:

Parece que o designer percebeu que talvez no futuro alguns problemas ocorreriam, aquela chave talvez mutasse, e a chave que era pra abrir a célula do morcego passa a, de certa forma, abrir células erradas, de humanos. Como isso aconteceu não sei, se foi por mutações ou por design inteligente, há uma dúvida não é? que pária no ar. Mas olha só o que acontece, o designer parece que percebendo isso fez o que? Criou um sistema de defesa para invasores errados, então seu sistema imunológico chega no vírus e fala: cara você é do bem, pode passar, você tá na casa errada, você invadiu a estação espacial errada. Então nós temos dentro de nós o que? Um sistema de proteção contra vírus e enganados. É como um hotel, você está hospedado em outro rapaz aqui não é, não é? o sistema imunológico, o que que é isso? é antevidência, mais um sinal de antevidência de que o designer percebendo de que talvez problemas futuros pudesse ocorrer com esses vírus, criou um sistema de checagem, check-in. Ele faz o check-in, ó você não está hospedado aqui não, tem que procurar o seu hotel certo, não é? o sistema imunológico, fantástico! (DOC-TDI-01, 2022, p. 10).

Ao continuar sua fala, o bioquímico afirma que o novo coronavírus não é uma demonstração da evolução biológica, mas uma degradação ou involução do vírus. Para ele, as informações diferentes apresentadas no RNA do vírus, ou o fato de seres humanos estarem contraindo o mesmo, não significam uma demonstração da teoria da evolução biológica. Ele desenvolve melhor esse tópico em **Vírus: Evolução ou Design inteligente?** E Utiliza os mesmos argumentos, complexidade, antevidência, informação (por exemplo informação no

RNA do vírus). Os argumentos principais são os mesmos, a diferença reside em é usar exemplos biológicos para exemplificar a intenção, o design e a complexidade da vida.

Quando o palestrante decide comentar sobre **O coronavírus à luz de Francis Collins (Evolucionismo teísta)**, Eberlin faz uma tentativa de transferir os efeitos negativos do vírus à teoria da evolução biológica:

Então o coronavírus oferece aos evolucionistas teístas um grande problema. Deus por evolução criou uma aberração. Eu tenho um ponto de vista teológico e filosófico diferente, Deus, o Designer inteligente fez o vírus perfeito, o designer inteligente fez o sistema imunológico pra nos proteger das involuções darwinianas e o coronavírus que está por aí é uma aberração darwiniana, que invade as nossas células, mas felizmente o nosso sistema imunológico está dando conta em 99,9% da população mundial. Esse 0,1% coloca na conta da degradação, da involução de Darwin. Implicações filosóficas e teológicas da nossa teoria (DOC-TDI-01, 2022, p. 12-13).

A primeira afirmação é a de que Deus é o Designer Inteligente, e ele criou o vírus perfeito. Ele fez o sistema imunológico para prevenir as involuções de Darwin. Seguindo o raciocínio, não havia involuções antes de Darwin. O coronavírus é uma aberração darwiniana, Deus não o criou dessa forma. No primeiro dia do evento, em 6 de novembro de 2020, havia 5.632.505 mil casos diagnosticados e 162.035 óbitos por Covid no Brasil¹³⁷. É lamentável nos depararmos com uma fala negacionista, vinda de alguém que preside uma instituição que se denomina científica.

¹³⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/11/06/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-6-de-novembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> acesso em 20/02/23

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de nossa pesquisa, nos dedicamos a entender melhor as argumentações relacionadas ao criacionismo, e nos esforçamos em mostrar que as proposições relacionadas ao AD se assemelham às da TDI.

O que a TDI e o AD defendem? Basicamente, defendem que a causa da complexidade de estruturas biológicas, como o olho humano por exemplo, não poderia ser o acaso da evolução, mas sim, necessariamente ser obra de uma mente inteligente. Também, por exemplo, afirmam que a causa de os planetas girarem em torno do sol, sem se chocarem entre si, precisa ser do desejo de uma mente inteligente. Para a TDI e o AD, o *Designer* é a causa necessária, ou seja, o que deve existir necessariamente para dar origem a si mesmo e às demais coisas.

Percebemos que, como apresentado anteriormente, a TDI e o AD são muito semelhantes, defendem as mesmas proposições, o que nos leva a inferir que a TDI é uma denominação contemporânea para o AD. Michael Behe não apenas cita, mas utiliza os exemplos de Paley em seu livro. Em arquivos de artigos da TDI, publicados pelo Discovery Institute, também existem menções a Paley. Entendendo que a TDI é uma espécie de continuação do criacionismo organizado em associações, pessoas que apoiam a TDI se utilizam de proposições para tentar criar uma teoria científica, na qual, quando verificamos, concluímos que, na verdade, é um argumento teológico.

Quando analisamos os discursos da TDI e do AD a ordem ou a ordenação das coisas é um dos elementos mais utilizados para “detectar” a ação do *designer* na criação de algo. A partir da ordem na natureza ou da disposição ou perfeição das estruturas complexas, é possível perceber, segundo a narrativa de ambos, um planejamento de uma mente inteligente. Aqui, vemos os principais conceitos da TDI e do AD, a **ordem**, a **perfeição** e a **complexidade**, os quais, segundo a TDI e o AD, só poderiam ser produzidos por um planejamento de uma mente inteligente. McGrath afirma que inúmeros religiosos dos séculos XVI e XVII propõem que Deus poderia ser estudado por meio da criação. O teórico também apresenta a noção de que havia a existência de dois livros na teologia natural, o primeiro sendo a bíblia, e o segundo sendo a natureza, e a ideia de estudar Deus pela natureza era fundamentada na noção de que ele deixava o seu ser impresso nela. “Seria possível, pois, apreciarmos a natureza e o propósito de Deus por meio do estudo da ordem natural” (McGRATH, 2005, p. 72). Sobre a assinatura do *designer*, Eberlin havia feito uma declaração parecida com o que McGrath afirmou, para o bioquímico, “um efeito é causado por forças naturais e quando ele é causado

por uma mente inteligente há padrões, há características, as assinaturas de uma mente inteligente são facilmente detectadas pela ciência” (DOC-TDI-01, 2022, p. 01).

Apresentamos o “argumento do relojoeiro” de William Paley¹³⁸ anteriormente. Esse argumento é conhecido até os dias atuais como uma analogia para demonstrar a necessidade de uma causa inteligente em estruturas complexas e perfeitas. Paley, para contrapor, ao relógio, usa uma pedra como exemplo, utilizando-se de algo simples, e que aparentemente não tem propósito ou não houve trabalho para ser criado, e compara com um objeto em que é sabida a exigência de conhecimento técnico para produzi-lo. Podemos entender sua escolha por, pelo menos, dois motivos: ou ele acreditava que todas as coisas com aparente utilidade foram criadas pela mente inteligente, ou ele queria convencer as pessoas apresentando exemplos distantes. Se for esse o caso, ainda vemos exemplos da utilização desta técnica, como nos casos relatados anteriormente na palestra de Eberlin. Mas é impressionante que até mesmo a escolha de palavras não mudou. Paley escreveu seu livro após David Hume fazer uma crítica ao AD, deste modo, veremos que os argumentos, os quais se valem das mesmas palavras, permanecem os mesmos. Vejamos o que Paley escreve sobre o relógio:

[...] a saber, quando inspecionamos o relógio, vemos que (o que não poderia acontecer no caso da pedra) as suas diversas partes estão organizadas e associadas com um propósito; por exemplo, vemos que as suas diversas partes estão configuradas e ajustadas de maneira a produzir movimento e que esse movimento está de tal forma regulado que assinala a hora do dia; e vemos que se as suas diversas partes estivessem configuradas de forma diversa, tivessem outro tamanho ou estivessem colocadas de forma diferente ou segundo uma outra ordem qualquer, então a máquina não originaria nenhum movimento – pelo menos, não originaria nenhum movimento que pudesse servir ao uso que dele agora se faz [...] Pensamos que a inferência é inevitável: o relógio teve de ter um criador; teve de existir algures no tempo e num qualquer lugar um artífice ou artífices que o construíram com o propósito que sabemos agora estar-lhe destinado; artífice ou artífices que compreendem a sua construção e que conceberam o seu uso. (PALEY, 2006, 7-8)

Behe, representante da TDI, por sua vez, não só conhecia o livro de William Paley, como também apresenta em seu livro o exemplo do relojoeiro, e menciona Paley 42 vezes.

¹³⁸ Numa publicação de julho de 2017, o *Center for Science and Culture*, um programa do Instituto Discovery publicou a “BIBLIOGRAPHIC AND ANNOTATED LIST OF PEER-REVIEWED PUBLICATIONS SUPPORTING INTELLIGENT DESIGN” onde temos acesso a um compilado de publicações a respeito do design inteligente. Na página 40, eles citam o texto: “Steinar Thorvaldsen and Peter Øhrstrøm, ‘Darwin’s Perplexing Paradox intelligent design in nature,’ *Perspectives in Biology and Medicine*, Vol. 56 (1): 78-98 (WINTER, 2013)”. Neste texto eles mencionam que Darwin rejeita os argumentos de Paley, mas que ele não foi capaz de ignorar a experiência da complexidade e beleza de um universo inteligentemente, também afirmam que design inteligente não era um termo recente e que foi usado e discutido por Darwin numa carta endereçada a Sir John F. W. Herschel em 1861. O texto traz outras informações sobre o termo “design inteligente”, mas o que nos interessa é trazer a informação de que o próprio Instituto Discovery publicava e divulgava textos mencionando o argumento de William Paley e que o design inteligente não é algo novo, pois não é, e como apresentado no capítulo 3, é um argumento teológico.

Também podemos observar os principais argumentos do AD no livro de Eberlin, vejamos a citação a seguir:

Na montagem de um sistema de alta **complexidade** funcional, agentes inteligentes preveem as funções das partes e **planejam** com maestria o design e o funcionamento sincronizado de cada uma delas. Essas partes, ao serem construídas com as formas e proporções **perfeitas**, e ao estarem todas disponíveis ao mesmo tempo, e, mais ainda, ao serem conectadas todas na **ordem** e orientação corretas, e ao serem ajustadas para iniciar seu funcionamento no momento correto e com a intensidade exata, funcionam em conjunto como no “balé sincronizado” de um motor, cumprindo assim a função global que o agente inteligente anteviu quando mentalmente “imaginou” tudo funcionando antes mesmo de o projeto sequer ter sido posto no papel. (EBERLIN, 2018, p. 47-grifo nosso).

Eberlin, também um representante da TDI, usa a palavra ordem 35 vezes, perfeição e suas derivadas 115 vezes, complexidade 172 vezes, planejados e seus derivados 53 vezes em seu livro “Fomos planejados”. Já Behe faz outras menções aos argumentos principais em seu livro “A caixa preta de Darwin”, aproximadamente 110 vezes a palavra complexidade, perfeição e seus derivados ele usa 8 vezes, e ordem 21 vezes, planejamento e seus derivados 194 vezes. Seria interminável a quantidade de citações possíveis, mas farei mais uma, para exemplificar seus discursos. Vejamos a citação de Behe:

Para saber se houve um **plano** na criação de algo que não seja um objeto artificial (como, por exemplo, o arranjo de gavinhas e forquilhas no bosque para fazer uma armadilha) ou para chegar à conclusão de que houve **intenção** em um sistema composto por alguns objetos artificiais, terá que haver uma função identificável do sistema. Precisamos, no entanto, ter cuidado ao definir função. Um computador sofisticado pode ser usado como peso de papel. Será esta sua função? Um automóvel **complexo** pode ser usado para ajudar a represar um riacho. É isso o que devemos levar em conta? Não. Ao pensar em **plano**, a função do sistema que devemos examinar é aquela que requer o maior volume de **complexidade** interna do sistema. Podemos, então, julgar com que **perfeição** as partes se ajustam à função. (BEHE, 1997, p. 228-229-grifo nosso).

A TDI busca padrões para concluir que a existência e o motivo de algo ser de determinada forma seja explicado de acordo com a vontade de uma mente inteligente. O AD funciona da mesma forma, mesmo após alguns séculos os argumentos não se alteraram. David Hume, nos *Diálogos sobre a religião natural*¹³⁹ faz uma crítica ao AD, e ainda responde à analogia ao exemplo maquinista de comparar o mundo com uma máquina e suas partes em máquinas menores. Vejamos como o AD era apresentado na época de Hume:

Todas essas diversas máquinas, e mesmo suas partes mais diminutas, ajustam-se umas às outras com uma precisão que leva ao êxtase todos aqueles que já as contemplaram. A singular adaptação dos meios aos fins, ao longo de toda a Natureza,

¹³⁹ O livro *Diálogos sobre a religião natural* foi escrito entre 1751 e 1755 e publicado em 1779.

assemelha-se exatamente, embora exceda-os em muito, aos produtos do engenho dos seres humanos, de seu desígnio, pensamento, sabedoria e inteligência. E, como os efeitos são semelhantes uns aos outros, somos levados a inferir, portanto, em conformidade com todas as regras da analogia, que também as causas são semelhantes, e que o Autor da Natureza é de algum modo similar ao espírito humano, embora possuidor de faculdades muito mais vastas, proporcionais à grandeza do trabalho que ele realizou (HUME, 1992, p. 30-31).

Devido à impossibilidade de reproduzir a experiência da origem da vida, os defensores do AD buscavam fazer associações e analogias através de exemplos, da mesma forma que os apoiadores da TDI. O AD não teve início com William Paley, ele é anterior ao autor, e o sucedeu através da religião e da teologia. Todas as proposições apresentadas pela TDI são as mesmas do AD, a única diferença está em alguns exemplos novos, mas no âmbito geral, o sentido é o mesmo.

Façamos um breve exercício mental: sabemos que a composição química da água é representada por H_2O , sendo composto por duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio. O que os defensores da Teoria do Design Inteligente tentam fazer é convencer seus adeptos de que essa mesma fórmula – já conhecida como “água” – possui outro nome, por exemplo, laranja.

Alterar o nome, e passar a afirmar que a TDI trata de uma “teoria científica”, não muda o fato de que a TDI é um argumento da teologia natural. O enredo é o mesmo, o que muda, é o modo como a história está sendo contada.

David Hume demonstrou que o AD seria insuficiente para “provar” a existência do Designer, ou de uma mente inteligente que tenha planejado e criado o mundo ou o universo. Mesmo que a TDI fosse algo diferente do AD, não seria imune à crítica de Hume, pois de acordo com sua teoria empirista, todo conhecimento é produzido pela experiência, e no AD e na TDI não são realizadas experiências, mas analogias e comparações. Esse é um dos motivos da TDI não ser considerada ciência. Ambos buscam significado e planejamento para demonstrar a ação de Deus, mas não fazem reflexões razoáveis como, por exemplo, questionar: em cada ser humano, seriam necessárias quantas intensões e planejamentos para que ele fosse formado? São centenas de músculos, ossos, articulações, milhões de células e para ajustar tudo isso com perfeição seria necessário tantos objetivos e planos diferentes (HUME, 1992). Após a criação de um único ser humano, devemos multiplicar por 8 bilhões, e teremos o número de planejamentos apenas com a espécie humana atualmente, fora os bilhões de outros planos do Designer espalhados pelo mundo.

É possível dizer que o AD sobrevive às críticas devido à sua força heurística, grande parte das pessoas buscam um sentido na vida, elas querem saber se o que elas fazem possui um significado, e se (para algumas pessoas) o fato de existir é baseado num ato criativo

proposal. Utilizando essas pessoas como parâmetro, o surgimento da vida por acaso não é tão especial quanto uma vida planejada e elaborada no único planeta do universo preparado para existir vida (de acordo com a TDI)¹⁴⁰, cujo ápice da criação é a sua espécie (os seres humanos). Ir contra esse argumento exige um exercício racional contrário à crença de que somos especiais. É difícil ir contra um argumento forte assim se não houver um desenvolvimento de ensino de qualidade. A TDI e o AD defendem o mesmo, o AD é um argumento da teologia natural e ambos possuem a mesma essência, não podemos concluir algo diferente que creditar à TDI sua verdadeira designação de também ser um argumento da teologia natural, e desta forma, ser considerada também como religião, não devendo ser objeto de estudo nas aulas de ciência¹⁴¹.

Nos últimos anos, vivemos no Brasil a experiência de um governo conservador em pautas de costume, e liberal na economia, aparentemente um contrassenso, já que não defendia o liberalismo por inteiro (direitos individuais, livre mercado, democracia, secularismo, igualdade de gênero, igualdade racial, internacionalismo, liberdade de expressão, liberdade de imprensa e liberdade religiosa), mas sim a entrega de áreas importantes do Estado, realizando uma política neoliberal em vários aspectos, e defendendo o Estado mínimo, embora com uma intervenção forte do mesmo Estado em pautas de costume. Qual a relação com a nossa pesquisa? Desde o primeiro capítulo apresentamos a relação que os criacionistas fazem entre comunismo e a teoria da evolução biológica. No item 1.4 trazemos uma citação de Numbers a esse respeito. No item 1.6 também citamos as iniciativas de revogar as leis antievolução em 1963, e de deputados fundamentalistas do estado do Tennessee em associar a evolução ao comunismo depois da Segunda Guerra Mundial. No segundo capítulo, no item 2.1 “O surgimento do Design inteligente” na nota de rodapé 45, Johnson, não aceitava que o naturalismo não explicasse a existência de Deus, e por isso comparou o materialismo científico ao materialismo (histórico dialético) acreditando que o materialismo científico seria uma ciência com ideais comunistas. No item 2.3 “*The Wedge*”, evidenciamos que grupos fundamentalistas defendem que as menções ao materialismo e ao naturalismo são associadas ao comunismo, e como a oposição ao comunismo era popular isso foi uma forma para “competir com os países socialistas que os conteúdos dos materiais didáticos foram

¹⁴⁰ Marcos Eberlin afirmou no dia 12 de outubro de 2014 no evento "Criacionismo X Evolucionismo" na Igreja Batista em Pompéia, em São Paulo que o planeta possui condições únicas para conter vida. (BRAGA, 2016, p. 59).

¹⁴¹ Definimos à disciplina de ciências pois é a matéria que os defensores da TDI desejam que sua “teoria” seja ensinada. Não é pretensão desta pesquisa analisar ou discutir se o ensino de religião deve ou não ser ensinado nas escolas.

modificados" (página 57). Uma das formas de tornar o ensino da evolução biológica mal visto foi tentar associá-la ao comunismo. No item 2.5, alguns fundamentalistas acreditavam que a teoria da evolução contradiz o significado da palavra de Deus no livro de Gênesis.

É possível perceber em alguns discursos da TDI a relação estabelecida por quem a defende do materialismo (histórico-dialético) com as ideias comunistas. Alguns associavam a teoria de Charles Darwin a movimentos sociais e políticos, como o militarismo alemão depois da Primeira Guerra Mundial e o comunismo depois da Segunda Guerra Mundial, além do ateísmo e do materialismo.

O Centro para a Renovação da Ciência e Cultura do Discovery Institute [agora denominado Centro para Ciência e Cultura] busca nada menos do que a derrubada do materialismo e seus legados culturais. Reunindo os principais estudiosos das ciências naturais e aqueles das ciências humanas e sociais, o Centro explora como novos desenvolvimentos na biologia, física e ciências cognitivas levantam sérias dúvidas sobre o materialismo científico e reabriram o caso para uma compreensão amplamente teísta da natureza. O Centro concede bolsas para pesquisas originais, realiza conferências e informa os legisladores sobre as oportunidades de vida após o materialismo. (DOC-DI02, p. 13)¹⁴².

A defesa do criacionismo organizado em associações (que culminou na TDI) e a oposição ao comunismo sempre esteve associada e os eventos históricos relatados nos demonstraram isso. Existe, no mundo, um crescimento de movimentos ultraconservadores e ultradireitistas. O *slogan* da campanha para a reeleição de Jair Bolsonaro, "Deus, pátria, família" possui não só associação ao nazismo à brasileira, mas é exemplo do quão longe chegou o conservadorismo ultradireitista.

Relembremos alguns fatos¹⁴³: A indicação de ministros da educação que não estavam à altura do cargo, sendo um deles investigado por envolvimento de pastores no desvio de verbas do FNDE. A indicação do ex-reitor da Universidade Mackenzie defensor do Design

¹⁴² Discovery Institute's Center for the Renewal of Science and Culture [now named the Center for Science and Culture] seeks nothing less than the overthrow of materialism and its cultural legacies. Bringing together leading scholars from the natural sciences and those from the humanities and social sciences, the Center explores how new developments in biology, physics and cognitive science raise serious doubts about scientific materialism and have re-opened the case for a broadly theistic understanding of nature. The Center awards fellowships for original research, holds conferences, and briefs policymakers about the opportunities for life after materialism. (DOC-DI02, p. 13).

¹⁴³ CONGRESSO EM FOCO. Grandes polêmicas e validade curta: os cinco ministros da educação de Bolsonaro. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/grandes-polemicas-e-validade-curta-os-cinco-ministros-da-educacao-de-bolsonaro/> acesso em: 06/05/23.

inteligente¹⁴⁴ para presidir a CAPES, um órgão tão importante para a pesquisa em nosso país. O ataque ao INPE em 2019 sobre os dados do desmatamento e as queimadas na Amazônia¹⁴⁵.

Por último, foi nesse mesmo período que o projeto do *homeschooling* foi para o Senado como PL 1.388/2022 que poderia aumentar ainda mais a desigualdade na educação de nosso país formando guetos. O *homeschooling* pode ser entendido como um ataque à educação pública do Brasil e de acordo com a senadora Zenaide Maia o PL 1.388/2022 tem “o objetivo de retirar a destinação de recursos para a rede de ensino público, isentando o Estado de sua responsabilidade na redução das desigualdades na educação e na renda” (BRASIL, 2022, n. p.)¹⁴⁶.

São demonstrações do que se propôs esse governo que pregava o negacionismo, e articulou-se de todas as formas para minar a produção de conhecimento no Brasil, e que mantém o discurso da ameaça comunista em nosso país, para atrair os diversos grupos ideológicos repressores, fascistas, neoliberais e diversos outros que encontraram na figura daquele candidato um lugar de acolhida. Tentaram instrumentalizar o vírus da COVID-19, chamando-o de “vírus da china”¹⁴⁷ numa clara disputa geopolítica entre EUA e China, na eterna disputa daquele país contra o comunismo¹⁴⁸.

Defender o ensino da TDI nas escolas é o mesmo que afirmar em discursos oficiais que a COVID-19 era uma gripezinha e que as vacinas não eram eficazes, é negar todo o conhecimento produzido pela ciência, é negar os dados empíricos na defesa de ideologias que representam um tipo de sociedade que a humanidade deveria ter superado.

O que discorremos ao longo desses capítulos está relacionado ao que ocorre hoje, ao que faz parte dos discursos de nossos políticos, ao tipo de informação que é consumida diariamente por milhões de pessoas; está relacionado ao negacionismo do conhecimento científico e a relativização da ciência.

¹⁴⁴ PODER360. Novo presidente da CAPES defende vertente do criacionismo. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/novo-presidente-da-capes-defendeu-vertente-do-criacionismo/> acesso em: 20/11/2022.

¹⁴⁵ EL PAÍS. Governo Bolsonaro enfraquece o INPE e retira do órgão divulgação sobre dados de queimadas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-13/governo-bolsonaro-enfraquece-o-inpe-e-retira-do-orgao-divulgacao-sobre-dados-de-queimadas.html> acesso em: 06/05/2023

¹⁴⁶ BRASIL. SENADO, 2022. Projeto que autoriza educação domiciliar começa a ser discutido no Senado. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/26/projeto-que-autoriza-educacao-domiciliar-comeca-a-ser-discutido-no-senado> acesso em 03/07/2023.

¹⁴⁷ BRASIL. SENADO, 2021. Fala de Bolsonaro sobre China causa polêmica em reunião da CRE com chanceler. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/06/fala-de-bolsonaro-sobre-china-causa-polemica-em-reuniao-da-cre-com-chanceler> acesso em: 06/05/2023.

¹⁴⁸ BBC. 2020. 'Vírus chinês': como Brasil se inseriu em disputa geopolítica entre EUA e China sobre pandemia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251> acesso em: 06/05/2013.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA DA CRIAÇÃO, 2014. Disponível em: <http://abpc.impacto.org/>. Acesso em setembro 2019

ALMEIDA, R. D.. BOLSONARO PRESIDENTE: CONSERVADORISMO, EVANGELISMO E A CRISE BRASILEIRA. Novos estudos CEBRAP, v. 38, n. 1, p. 185–213, jan. 2019.

BBC. 2020. 'Vírus chinês': como Brasil se inseriu em disputa geopolítica entre EUA e China sobre pandemia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251> acesso em: 06/05/2013.

BRAGA, Lucas. **Entre a fé e a ciência: uma análise sobre a Teoria do Design Inteligente.** 2016. 154f. Dissertação de Mestrado (Antropologia). Universidade de Campinas – Unicamp, Campinas- SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305055> Acesso em: 14 out. 2019

BRASIL. CAPES. **Sobre a CAPES.** Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/sobre-a-cap> Acesso em 03/07/2023.

BRASIL. FNDE. **História.** Disponível em <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/biografia> acesso em 03/07/2023.

BRASIL. MEC. **PNLD.** Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79531-edital-pnld-2019-consolidado-3-retificao-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 acesso em 04/07/2023.

BRASIL. SENADO, 2021. Fala de Bolsonaro sobre China causa polêmica em reunião da CRE com chanceler. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/06/fala-de-bolsonaro-sobre-china-causa-polemica-em-reuniao-da-cre-com-chanceler> acesso em: 06/05/2023.

BRASIL. SENADO, 2022. Projeto que autoriza educação domiciliar começa a ser discutido no Senado. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/26/projeto-que-autoriza-educacao-domiciliar-comeca-a-ser-discutido-no-senado> acesso em 03/07/2023.

BEHE, Michael J. **Darwin's Black Box: the Biochemical Challenge to Evolution.** New York: Free Press. 1996. Ultmate black box. p. 15; Greatest Achievements, p. 232-233.

Biblioteca Digital da Justiça Eleitoral. 2017. O poder invisível: a influência dos think tanks na opinião pública e decisões políticas no Brasil. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6979> acesso em: 30/04/2023

BROWNE, J. **Charles Darwin: o poder do lugar.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CÂMARA. **Projeto de Lei no 8099/2014**, 2014. Dep. Marco Feliciano. Brasilia – DF, 13/11/2014. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=777616> Acessado em 22/09/2020.

CONGRESSO EM FOCO. Grandes polêmicas e validade curta: os cinco ministros da educação de Bolsonaro. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/grandes-polemicas-e-validade-curta-os-cinco-ministros-da-educacao-de-bolsonaro/> acesso em: 06/05/23.

COVENTRY, A. M. **Compreender Hume**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2009.

DEMBSKI, William A. **The Design Inference: Eliminating Chance through Small Probabilities**. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

DEMBSKI, William A. **“What Every Theologian Should Know about Creation, Evolution, and Design”**. Transaction 3. maio/junho 1995, 1-8. p. 3.

DISCOVERY INSTITUTE. BIBLIOGRAPHIC AND ANNOTATED LIST OF PEER-REVIEWED PUBLICATIONS SUPPORTING INTELLIGENT DESIGN. 2017. Disponível em: <https://www.discovery.org/m/2018/12/ID-Peer-Review-July-2017.pdf> Acesso em: 05/01/22

EL PAÍS. Governo Bolsonaro enfraquece o INPE e retira do órgão divulgação sobre dados de queimadas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-13/governo-bolsonaro-enfraquece-o-inpe-e-retira-do-orgao-divulgacao-sobre-dados-de-queimadas.html> acesso em: 06/05/2023

ENAP, 2020. **Afinal, o que é um think tank e qual é a sua importância para políticas públicas no Brasil?** Disponível em: <https://enap.gov.br/pt/contece/noticias/afinal-o-que-e-um-think-tank-e-qual-e-a-sua-importancia-para-politicas-publicas-no-brasil> acesso em 30/04/2023

EXAME. Mackenzie abre núcleo de estudos que contesta teoria da evolução. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/mackenzie-abre-nucleo-de-estudos-que-contesta-teoria-da-evolucao/> acesso: 13/12/21

FERRAZ, Marília Côrtes de. Existência de Deus, natureza divina e a experiência do mal nos Diálogos de Hume. São Paulo. 2012. Tese de doutorado. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-31082012-112634/en.php> Acesso em 13/05/15.

FOLHA DE SÃO PAULO. Universidade Mackenzie de SP abre centro que questiona a evolução. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/05/1882590-universidade-mackenzie-de-sp-abre-centro-que-questiona-a-evolucao.shtml> acesso: 22/02/21

FIA Business School, 2021. Think tank: o que é, qual a importância, requisitos e exemplos. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/think-tank/> acesso em: 30/-4/2023.

FGV. O que é e para que serve um think tank? Disponível em:
<https://mmurad.com.br/blog/o-que-e-um-think-tank/> Acesso em: 30/04/2023.

GASPAR, A.; AVELAR, T.; MATEUS, O. Criacionismo e sociedade no séc. XX. In: AVELAR, T.; MATEUS, O. ALMADA, F.; GASPAR, A. **Evolução e criacionismo: uma relação impossível**. Vila Nova de Famalicão: Quase Edições, 2007, p. 133-160.

GENERO E EDUCAÇÃO. **Entenda como os ataques a gênero afetam o PNLD**. Disponível em <https://generoeducacao.org.br/entenda-como-os-ataques-a-genero-afetam-o-programa-nacional-do-livro-didatico-pnld/> acesso em 04/07/2023.

GORDON, Flávio. **A Cidade dos Brights: Religião, Ciência e Política no Movimento Neo-Ateísta**. Universidade do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Rio de Janeiro: RJ. 2010.

GOULD, S. J. **Pilares do Tempo: Ciência e Religião na plenitude da vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

GROTO, Sílvia Regina. **O debate evolução versus Design Inteligente e o ensino da evolução biológica: contribuições da epistemologia de Ludwik Fleck**. 2016. Natal-RN. Tese de doutorado (Educação). – Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21430> Acesso em: 05/09/2019

HOLDER, Rodney D. Natural Theology. **The Faraday Institute for Science and Religion**. Publication date: April 2016. Disponível em: www.faraday-institute.org Acesso em: 17 set. 2019.

HUME, David. (DNR). **Diálogos sobre a religião natural**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUME, David. **Diálogos sobre a religião natural**. Tradução de Bruna Frascolla. Salvador/BA: EDUFBA, 2016.

HUME, David. (EHU). **Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LAUX, Evelise Rosane Treptow. **Do argumento do desígnio: David Hume**. 2010. 89f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2847>. Acesso em 13 maio 2018.

LIMA FILHO, Maxwell Morais de. A crítica de Darwin ao argumento teleológico de Paley. **Revista Brasileira De Filosofia Da Religião**. Brasília. V4 N.2. P .152-169. 2017

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. p. 137-155. In. BAUER, Martin W., GASKELL, George. (Editores). Editora Vozes. Petrópolis-RJ, 2008.

MACKENZIE. Delegação do Discovery Institute-USA desembarca no Mackenzie. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/noticias/artigo/n/a/i/delegacao-do-discovery-institute-usa-desembarca-no-mackenzie/> acesso: 13/12/21

MARTÍNEZ, Leonardo Fabio Pérez. **Questões sociocientíficas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores.** São Paulo: Editora UNESP, 2012

McGRATH, Alister E. **Fundamentos do diálogo entre ciência e religião.** São Paulo: Edições Loyola. 2005.

MILLER, Kenneth R. **Finding Darwin's God: A Scientist's Search for Common Ground Between God and Evolution.** New York: Harper Collins. 1999.

MILLER, Kenneth R. Falling Over the Edge. Nature vol. 447 no. 7148:1055. 2007

MILLER, Kenneth R. Only a Theory: Evolution and the Battle for America's Soul. New York: Penguin Books. 2009.

MONTEIRO, João Paulo. **Hume e a epistemologia.** São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

MORAES, R., & GALIAZZI, M. C. (2016). Análise Textual Discursiva. Ijuí: Ed. Unijuí.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência e Educação: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHkhL5pM5tXzdj/abstract/?lang=pt> Acesso em: 02/11/2022.

NCSE. The Wedge document. 2008b. Disponível em <https://ncse.ngo/wedge-document> Acesso em 11/12/2020

NUNES. Disponível em: <http://criticanarede.com/rswinburneargumentosdodesignio.html> Acesso em: 07/03/17.

NUMBERS, Ronald L. **Darwinism Comes to America. Cambridge.** MA: Harvard University Press, 1998

NUMBERS, R. L. **The Creationist: from Scientific Creationism to Intelligent Design. Expanded Edition.** Cambridge, Massachusetts/London, England: Harvard University Press, 2006.

NUMBERS, R. L. Criacionismo científico e Design Inteligente (p. 165-190). In: HARRISON, P. (Org). **Ciência e Religião.** São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2014.

O GLOBO. Damares não usou verba para políticas LGBT em 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/damares-nao-usou-verba-para-politicas-lgbt-em-2020-24828323> acesso em 04/07/2023.

PALEY, William. *Natural Theology or Evidence of the Existence and Attributes of the Deity, collected from the appearances of nature*. Oxford University Press, New York, 2006.

PODER360. **Novo presidente da CAPES defende vertente do criacionismo.** Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/novo-presidente-da-capes-defendeu-vertente-do-criacionismo/> acesso em: 20/11/2022.

ROMANCINI, Richard. Do "kit gay" ao "monitor da doutrinação": a reação conservadora no Brasil. *Revista Contracampo*, v. ago./no 2018, n. 2, p. 87-108, 2018 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.1102>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SCOOT, E. C. **Evolution vs. creationism: an introduction.** Second edition. USA: Greenwood Press, 2009.

SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA, 2014. Disponível em <http://www.scb.org.br> Acesso em setembro 2019

SOUZA, S. de. A goleada de Darwin: sobre o debate Criacionismo/Darwinismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

STILING, Rodney Lee. **The Diminishing Deluge: Noah's Floodin Nineteenth-Century American Thought.** Tese de Doutorado não publicada. University of Wisconsin-Madison, 199-

SCOTT and Glenn Branca. The Lasted Face o Creationism. **Scientific American** vol. 300. 2009a. Disponível em: <http://faculty.bennington.edu/~sherman/how%20do%20animals%20work%3F/latest%20creationism.pdf> acesso em: 25/11/2020

SHANKS, Niall and Joplin, Karl H. Redundant Complexity: A Critical Analysis of Intelligent Design in Biochemistry. **Philosophy of Science**, Vol. 66, No. 2. 2013.

SOUZA MATOS, Alderi de. **Centenário do movimento pentecostal.** FIDES REFORMATA XI, Nº 2 (2006): pp. 23-50.

SWINBURNE, Richard. A existência de Deus. Natal. *Princípios*. v. 15, n. 23, jan./jun. 2008, p. 271-290. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/viewFile/464/399> Acesso em> 07/03/17

SWINBURNE, Richard. Argumento do designio. *Crítica na rede*. 2015. Tradução de Álvaro.

WHITE. Ellen G. **Spiritual Gifts: Important Facts of Faith, in: Connection with the History of Holy Men of Old.** Batle Creek. Mi: Seventh-Day Adventist Publishing Association, 1864. p. 90-91

TDI Brasil. DEBATE TDI X EVOLUÇÃO NO MORNING SHOW DA JOVEM PAN. 25 de Maio de 2017 – o programa “Morning Show” da Radio Jovem Pan.

<https://www.tdibrasil.com/debate-tdi-x-evolucao-no-morning-show-da-jovem-pan/>
13/12/2021

UNISINOS. IHU. **Ministério da educação teve desvios de R\$31 bilhões no segundo ano da gestão de Milton Ribeiro.** Disponível em <https://ihu.unisinos.br/619978-ministerio-da-educacao-teve-desvios-de-r-31-bilhoes-no segundo-ano-da-gestao-de-milton-ribeiro> acesso em 03/07/2023.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **V encontro de filosofia e história da biologia.** São Paulo-SP: 2007. v.1, pp. 1-40.

VICENTE, L. da S. (2023). A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS DIFERENTES VERSÕES DA BASE CURRÍCULA NACIONAL COMUM: DA ABERTURA AO SILENCIAMENTO EM TORNO DO TEMA. Em SciELO Preprints. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5559>

DOCUMENTOS DI:

DOC-TDIB-12. Conheça a TDI. Disponível em: <https://www.tdibrasil.com/conheca-a-tdi/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-13. Critérios de Seleção. Disponível em: <https://www.tdibrasil.com/criterios-de-selecao/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDI-01-Anotações e transcrições de entrevistas e eventos. 2022, p. 1-13.

TDI Brasil. Disponível em: <https://www.tdibrasil.com> acesso em: 13/12/21

BIBLIOGRAFIA:

DOC-DI01 – The Wedge (A estratégia da Cunha). Produzida no Center for the Renewal of Science & Culture. Discovery Institute.

DOC-DI02 - The “Wedge Document”: "So What?". Discovery Institute. Disponível em: <https://www.discovery.org/m/2019/04/Wedge-Document-So-What.pdf> Acesso em: 14/10/2019

DOC-DI03 – Memorandum and order. Tammy Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al. Judge Jones, Case No. 04Cv2688. 10 de março de 2005. Disponível em: <https://www.pamd.uscourts.gov/sites/pamd/files/opinions/04v2688.pdf> Acesso: 20/11/2020.

DOC-DI04 – Memorandum opinion. Tammy Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al. Judge Jones, Case No. 04Cv2688. 27 de julho de 2005. Disponível em: <https://www.pamd.uscourts.gov/sites/pamd/files/opinions/04v2688a.pdf> 20/11/2020.

DOC-DI05 – Memorandum opinion. Tammy Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al. Judge Jones, Case No. 04Cv2688. 02 de agosto de 2005. Disponível em: <https://www.pamd.uscourts.gov/sites/pamd/files/opinions/04v2688b.pdf> 20/11/2020.

DOC-DI06 – Memorandum opinion. Tammy Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al. Judge Jones, Case No. 04Cv2688. 07 de setembro de 2005. Disponível em: <https://www.pamd.uscourts.gov/sites/pamd/files/opinions/04v2688c.pdf> 20/11/2020.

DOC-DI07 – Memorandum opinion. Tammy Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al. Judge Jones, Case No. 04Cv2688. 20 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://www.pamd.uscourts.gov/sites/pamd/files/opinions/04v2688d.pdf> Acesso: 04/11/2019.

DOC-TDIB-01 – Fotos. TDI UBERLANDIA OUT2018. Disponível em: <https://www.tdibrasil.com/galerias/tdi-uberlandia-out2018/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-02 – Fotos. 2º CONGRESSO TDI BRASIL – SÃO PAULO 2020. Disponível em: <https://www.tdibrasil.com/galerias/2-congresso-brasil-sao-paulo-2020/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-03 - FOTOS DO 2O. CONGRESSO DA TDI - O TDI RIO. <https://www.tdibrasil.com/galerias/fotos-do-2o-congresso-da-tdi-o-tdi-rio/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-04 – Fotos. II TDI SÃO PAULO COM BEHE & CIA 15.10.2019. <https://www.tdibrasil.com/galerias/ii-tdi-sao-paulo-com-behe-cia-15-10-2019/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-05 – Fotos. INAUGURAÇÃO DISCOVERY – MACKENZIE MAIO 2017. <https://www.tdibrasil.com/galerias/inauguracao-discovery-mackenzie-maio-2017/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-06 – Fotos. LANÇAMENTO FOMOS PLANEJADOS MAIO 2018 – MACKENZIE. <https://www.tdibrasil.com/galerias/lancamento-fomos-planejados-maio-2018-mackenzie/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-07 – Fotos. PALESTRAS ZOMBIE SCIENCE NOV2017 J. WELLS. <https://www.tdibrasil.com/galerias/palestras-zombie-science-nov2017-j-wells/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-08 – Fotos. TDI GOIÂNIA – 13-14 ABRIL 2018. <https://www.tdibrasil.com/galerias/tdi-goiania-13-14-abril-2018/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-09 – Fotos. TDI NORDESTE 10-11 NOV2017 FORTALEZA. <https://www.tdibrasil.com/galerias/tdi-nordeste-10-11-nov2017-fortaleza/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-10 – Fotos. TDI SENHOR DO BONFIM 12-13 OUT 2018. <https://www.tdibrasil.com/galerias/tdi-senor-do-bonfim-12-13-out-2018/> acesso em 13/12/21.

DOC-TDIB-11 - FOTOS DO HISTÓRICO 1O. TDI BRASIL – THE ROYAL PALM PLAZA CAMPINAS 2014. <https://www.tdibrasil.com/galerias/fotos-do-historico-1o-tdi-brasil-the-royal-palm-plaza-campinas-2014/> acesso em 13/12/21.

ANEXO

Relação de vídeos em sua maioria estão disponíveis no canal oficial da Associação do Design Inteligente, contendo título, link e data de publicação dos vídeos.¹⁴⁹

2º Congresso TDI Brasil 2020 – São Paulo/SP II Congresso Brasileiro do Design Inteligente - 06 a 08 de Novembro de 2020 - São Paulo, SP			
Título	Data	Link	Acesso
A ciência descobre o design inteligente na fundação da vida - Michael Behe	17/02/21	https://youtu.be/wiOmKVJfVI0	07/06/22
Corona vírus: Evolução ou Design Inteligente? Marcos N. Eberlin	15/02/21	https://youtu.be/wq-TiTR4VF4	07/06/22
Dogmatismo no Ensino da Teoria da Evolução das Espécies. Julio Melo	22/02/21	https://youtu.be/tc9Ve2ORml8	07/06/22
A Revolução da Informação Biológica. Mariana Sá	19/04/21	https://youtu.be/NDz7eo_wkQE	07/06/22
As Fraudes da Teoria da Evolução nos Livros Didáticos de Biologia. Francisco Mário L. Magalhães	24/02/21	https://youtu.be/sS5HMEC4nbw	07/06/22
Da Sopa Primordial à Primeira Célula: Há Evidência que Justifique o Naturalismo?	13/02/21	https://youtu.be/z29l2tYep0I	07/06/22
Somos Parentes de Bananas? Ana Maria Garzón	31/03/21	https://youtu.be/19O7fAWxxxx	07/06/22
Metafísica da Informação: Teoria da Comunicação como Ciência Fundamental. Saulo Reis	16/04/21	https://youtu.be/DIZ4ebQUxeA	07/06/22
Como Expor o Óbvio: Três Métodologias Básicas. Adauto Lourenço	11/02/21	https://youtu.be/P2VKcbbYYCA	07/06/22
DNA DE EVA! NÓS TEMOS! Rogéria M. Ventura	02/04/21	https://youtu.be/4tCqQfflD3E	07/06/22
A Idéia de Design por Detrás da Biotecnologia Ambiental. Paulo Lima	22/03/21	https://youtu.be/VVGdHTJ894E	07/06/22
A Impossibilidade da Rota Ciônica em Ambientes Terrestres Prébióticos. Kelson Mota	12/03/21	https://youtu.be/4fFFZEX0DlQ	07/06/22
Síndrome do Reducionismo. Luiz Francisco Pianowski	26/02/21	https://youtu.be/e-xp1S7iM2I	07/06/22
Inatismo Moral: Acaso ou	17/03/21	https://youtu.be/vFUu-YWXkWk	07/06/22

¹⁴⁹ As descrições presentes em algumas tabelas de vídeos são as publicadas pelos administradores do canal oficial da Associação de Design Inteligente. Representa a opinião, posicionamento ou às informações disponíveis de quem às escreveu.

Planejamento? Eduardo Cavalcanti Oliveira Santos			
O Projeto Inteligente no Corpo Humano. Everton F. Alves	29/03/21	https://youtu.be/aYD7X6LLNY8	07/06/22
Mente, Cérebro e Comportamento: A Neurociência à Luz da TDI. Ricardo B. Marques	15/03/21	https://youtu.be/dGChFP_Os8c	07/06/22
Neurociência: A Consciência Como Grande Obstáculo à Evolução. Marcos Romano	19/03/21	https://youtu.be/8ZDx-MjTLEc	07/06/22
Senso Moral: Norma Cultural ou Código Pré-Programado? Roberto Lenz Betz	14/04/21	https://youtu.be/swwmUjYW_a4	07/06/22
Coincidências Cósmicas: Sinal de Design ou Fruto do Acaso? Victor Pina	03/03/21	https://youtu.be/s5816fElxxc	07/06/22
O DI ao Espectro do Agro: A Detecção de Inteligência no Agro. Pedro Augusto Magalhães	26/03/21	https://youtu.be/BEGAfojPH2o	07/06/22
A Funilaria da Vida: Mecanismos Reparadores do DNA. Marcos David Muhlpontner	05/04/21	https://youtu.be/183uXGES-vE	07/06/22
"Observando" o Multiverso. Júlio José	05/03/21	https://youtu.be/t_NU3GwiVfI	07/06/22
A Teoria da Evolução Não Explica a Origem e a Existência da Beleza. Rodrigo Penna-Firme	12/04/21	https://youtu.be/e2u3gVDW3g4	07/06/22
Reflexões de Um Químico Orgânico Sobre Nossas Origens. Daniela de Luna Martins	10/03/21	https://youtu.be/tpyu0Miq-wk	07/06/22
Fósseis: Evidências que Exigem um Veredito. Rafael Marques	09/04/21	https://youtu.be/DCFMtMMe-nI	07/06/22
Pequenas Moléculas: Grande Antevisão. Rodinei Augusti	08/03/21	https://youtu.be/19R0CQ5dcMs	07/06/22
Teoria do Design Inteligente: Premissas Científicas e Implicações. Enézio E. de Almeida Filho	01/03/21	https://youtu.be/dpC2bn6lioI	07/06/22
Medidas de Variabilidade de Processos Celulares: Os Seis Sigmas (?) da Vida? Rodolfo Paiva.	07/04/21	https://youtu.be/Q7Jo6EP7_Mg	07/06/22
Biomimetismo: Aprendendo com a Natureza. Vinícius Dias Kumpel	24/03/21	https://youtu.be/SqasdWuBgso	07/06/22
Ceticismo e Design Inteligente. Tassos Lycurgo	21/04/21	https://youtu.be/9aJX81DdFJ8	07/06/22
O Retorno da Hipótese de Deus. Stephen Meyer	19/02/21	https://youtu.be/cTK77vptrgE	07/06/22

Playlist do evento:

<https://www.youtube.com/watch?v=wiOmKVJfVI0&list=PL99meVId6ED2kMr10D5cvJ3yQ7xaufAP8> Acesso 07/06/22

Liga do Design Inteligente ¹⁵⁰ 2020			
Título	Data	Link	Acesso
Mundo do RNA e a Viabilidade do Surgimento da Vida na Perspectiva Naturalista	30/07/20	https://youtu.be/0-5ryq_2Myg	07/06/22
A Teologia de Darwin	06/08/20	https://youtu.be/DN4FiKwQmN8	07/06/22
A Origem da Vida pelo Mundo do RNA: Fato ou Fake?		https://youtu.be/IR6MwzFkENY	07/06/22
A Origem da Informação Genética	20/08/20	https://youtu.be/c60ltHRtAJ0	07/06/22
Termodinâmica, Rotas Reacionais e Evolução Química da Vida (parte 1)	27/08/20	https://youtu.be/6X_4dpTjAt4	07/06/22
Termodinâmica, Rotas Reacionais e Evolução Química da Vida (parte 2)	03/09/20	https://youtu.be/8Ugs_eAJgfI	07/06/22
DI hidratado - Propriedades da Água	10/09/20	https://youtu.be/Acm8tFK-WL8	07/06/22
Introdução ao Design Inteligente (parte 1)	17/08/20	https://youtu.be/krgBxqpfFgU	07/06/22
Introdução ao Design Inteligente (parte 2)	24/09/20	https://youtu.be/7PA_Bx0_C8E	07/06/22
Evolução: Uma Teoria em Crise	01/10/20	https://youtu.be/AVWPOAIr9N8	07/06/22
Biomimetismo: Aprendendo com a Natureza	08/10/20	https://youtu.be/OVrh6xBnHsI	07/06/22
Ideologia Naturalista e Intolerância ao Design	15/10/20	https://youtu.be/pF-BKx7d83E	07/06/22
A abiogênese explica a origem dos blocos de construção da vida?	22/10/20	https://youtu.be/O6gKe4nIrjo	07/06/22
Ninguém Chuta Cachorro Morto: a Palestra de "Design Inteligente" na UFMS	29/10/2020	https://youtu.be/9q0EGEazuKU	07/06/22
Playlist do evento: https://www.youtube.com/watch?v=0-5ryq_2Myg&list=PL99meVId6ED1ReaIKOOoSexNbhj_5DHx1 acesso 07/06/22			

Liga do Design Inteligente 2021

Título	Data	Link	Acesso

¹⁵⁰ A Liga do Design Inteligente funciona como um grupo de estudos semanal. Ocorre às quintas-feiras e geralmente conta com convidados que apoiam a TDI ou que criticam a teoria da evolução biológica.

A Involução de Darwin	04/03/21	https://youtu.be/aNeE9fNjqAo	08/06/22
Biólogos Concordam: Estamos Involuindo!	11/03/21	https://youtu.be/X-Qtt72sm68	08/06/22
Design Inteligente: Religião ou Ciência?	18/03/21	https://youtu.be/phMRla9HW8I	08/06/22
A Involução de Dawkins: Uma Prova Computacional da Degradação Genética	25/03/21	https://youtu.be/cIsMmC-SeIU	08/06/22
Registro Fóssil: A Pedra no Sapato de Darwin?	01/04/21	https://youtu.be/1_Kr1Ph1MJI	08/06/22
As Fábulas da Evolução	08/04/21	https://youtu.be/xIWtdQ5biPY	08/06/22
A Inserção do Jovem na Vida Acadêmica	15/04/21	https://youtu.be/jVU_-bxwa-E	08/06/22
Por que a Terra?	22/04/21	https://youtu.be/M1SjEWQn9Tc	08/06/22
Peptídeos na Origem da Vida?	29/04/21	https://youtu.be/9t3Rd-7X7Ac	08/06/22
Adversidades do Cientista TDInsta	06/05/21	https://youtu.be/223K9-K_4s8	08/06/22
Introdução ao Design Inteligente e um pouco da sua história no Brasil	13/05/21	https://youtu.be/AcXG7RNvYpY	08/06/22
O que Darwin não viu em Galápagos?	20/05/21	https://youtu.be/lB_VgfvPJyg	08/06/22
Mimetismo e Camuflagem: Evolução ou Design Inteligente?	27/05/21	https://youtu.be/M4MPwZxFKYk	08/06/22
No caminho havia uma pedra: impactos de meteoros e evolução	03/06/21	https://youtu.be/aO11BGWIlp4	08/06/22
Teste de Maternidade: Temos o DNA de Eva	10/06/21	https://youtu.be/asyegmSLLK4	08/06/22
Chimpanzés, Nossos Primos Evolutivos?	17/06/21	https://youtu.be/lEQjAZicUh0	08/06/22
Pressupostos Errados no Ensino da Teoria da Evolução nas Escolas	24/06/21	https://youtu.be/bgxeapjn_c	08/06/22
Animais Insanos e Fantásticos: Acaso ou Design?	19/08/21	https://youtu.be/14i28elE5p0	08/06/22
As previsões equivocadas da evolução	26/08/21	https://youtu.be/L-noaM8Myt4	08/06/22
O Universo e a Vida: Do caos à ordem, ou ao contrário?	02/09/21	https://youtu.be/sPG5WjqujDk	08/06/22
Jovens brasileiros da TDI	16/09/21	https://youtu.be/_xVnq9AEm2s	08/06/22
Mulheres na TDI	30/09/21	https://youtu.be/qruEc7t7_78	08/06/22
As Asas do Design Inteligente: Daniel Trindade	21/10/21	https://youtu.be/XqnnC5IMBSE	08/06/22
Dra. Mariana Sá: Bad Designs e Órgãos Vestigiais	11/11/21	https://youtu.be/yyfFbPmLTbQ	08/06/22
Pós Doutora em Biologia pela UFRN			

Playlist:

<https://www.youtube.com/watch?v=aNeE9fNjqAo&list=PL99meVId6ED2vjeRQJ6RNj6ZUoineVDOQ&index=1>

ENTREVISTAS E OUTROS VÍDEOS			
Título	Data	Link	Acesso
RIT - VEJAM SÓ - ACREDITAR NA EVOLUÇÃO É MAIS CIENTÍFICO DO QUE NO DESIGN INTELIGENTE?	12/07/2020	https://www.youtube.com/watch?v=pcy8Y-AmE8U	20/06/22
Programa de entrevistas e debates apresentado por Eber Cocareli. Os temas são atuais e polêmicos, tanto evangélicos quanto seculares, abordados com bom humor as questões que mais interessam no momento.			
RIT - VEJAM SÓ - DESIGN INTELIGENTE: ENTREVISTA INTERNACIONAL COM O Dr. MICHAEL BEHE	17/10/19	https://www.youtube.com/watch?v=oFKHkbqpk2Q	20/06/22
RIT - VEJAM SÓ! - 09/03/2018	12/03/18	https://www.youtube.com/watch?v=j3dfzHEBKEk	20/06/22
RIT - VEJAM SÓ - ABRINDO A CAIXA PRETA DE DARWIN- ENTREVISTA COM O DR. MARCOS EBERLIN	12/04/19	https://www.youtube.com/watch?v=h9azaef1SPU	20/06/22
Negacionismo: Design inteligente, Marcos Eberlin	10/02/2020	https://www.youtube.com/watch?v=TTlJ6hSmsb8	20/06/22
Marcos Eberlin revela evidências da criação do universo I Identidade Geral	28/09/15	https://www.youtube.com/watch?v=ucDAITvr8Jc&t=78s	20/06/22
Marcos Eberlin fala sobre núcleo científico que estuda origem da vida I Identidade Geral	14/08/17	https://www.youtube.com/watch?v=AgmE5u8T0to&t=29s	20/06/22
Jornalismo Novo Tempo www.novotempo.com/jornalismo			
Gênesis 1 e 2: Fato ou Alegoria? EBD Prof. Marcos Eberlin	14/12/2020	https://www.youtube.com/watch?v=KTkpIs9ch9s&t=18s	20/06/22
Escola Bíblica Dominical Matutina das 09h40 do dia 13/12/2020			
Igreja Presbiteriana de Pinheiros. Av. das Nações Unidas 6151, Pinheiros - São Paulo.			